



0

ALABAMA



1869

A

1870



I.C.H.V.



O ALABAMA.

Periodico critico e chistoso

Ano VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 59

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

1 DE DEZEMBRO DE 1869.

N. 582.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
30 de novembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que no domingo 28 do passado, pelas 4 horas da tarde, um soldado do destacamento do Caes Dourado, pretendeu assassinar a Manuel Antonio, pardo escuro, maior de 60 annos, casado e morador em Passé.

Consta-nos que o facto originou-se por estar Manuel Antonio encostado a uma parede urinando e ser advertido pelo soldado que o lugar era improprio, ao que respondeu aquelle que haviam outras cousas na cidade para elle policiar.

Foi razão bastante para que o soldado dêsse-lhe uma bofetada, affronta que sendo repellida deu causa a que o *indomavel* policial puchasse da sua espada e fizesse desatinos.

Fossem quaes fossem as respostas e procedimento de Manuel Antonio, S. S. ha de convir que o soldado de policia estava authorisado a prendel-o, mas não a espancal-o, e depois de saciar sua raiva, arrastal-o pelas pedras com mais dous companheiros, até a porta do subdelegado, com tanta brutalidade que excitou a indignação de pessoas respeitaveis que passavam e cujos nomes se apontarão si preciso fôr.

Um homem tão irascivel, não serve para policia, onde se precisa de gente morigerada e prudente; e por isso confia-se que S. S. depois de fazel-o punir nas penas em que incorreu, o mandará despedir por incapaz do serviço.

—Ao Illm. Sr. provedor da casa da Santa Misericordia, fazendo-lhe ver que é uma falta de humanidade; é não ter commiseração dos soffrimentos do proximo, o deixarem as irmans de charidade os infelizes doentes de noite, ás escuras, tirando todas as luzes das enfermarias.

Alem de tornar-se mais afflictiva a condição daquelles que gemem no leito de angustias, vendo-se cercados de trevas, dá-se o caso de ter um daquelles desgraçados necessidade de levantar-se para ir ao urinol ou beber um pouco d'agua e andar patinhando ás escuras.

A noite é já um tormento, para quem sofre, como não se tornará horrorosa para o infeliz torturado de dores, privado de luz, ouvindo ao redor de si somente gemidos e lamentos?

E' uma economia porea e mesquiinha de que só se podiam lembrar as irmans de charidade, as quaes só miram o seu commodo e bem estar, nada se importando com as dores e padecimentos dos outros; essas mulheres que com o nome de charitativas olham impassiveis para o infortunio e só tratam de amontoar dinheiro.

Em nome dos infelizes que gemem, e appellando para os sentimentos de humanidade

de que S. S. tem dado provas, confia-se, que dará ordens para que em cada enfermaria haja uma luz toda noite, a qual só será apagada às 5 horas da manhã, para que, ao menos nessa parte, não continuem essas mulheres com tenaz contradicção aos sentimentos de piedade que tiveram aquelles que com suas dadivas concorreram para o patrimonio de tão benéfico estabelecimento.

—Um evangelico systema de mandar as almas para o ceu.

—Como é?

—Ha um vigario que quando lhe morre algum parochiano em logar distante, recebe a esportula em casa e dahi mesmo absolve, resmungando quatro palavras em latim, e lançando a benção para o lado em que fica a morada do morto.

—E os parentes concordam?

—Que remedio!

De ordinario são pessoas obscuras e ignorantes, que não tem remedio sinão sujeitar-se.

—E' verdade que si a alma tirar de ir para o ceu, tanto faz que o vigario va encomendar-a como não; pois não é meia duzia de palavras vendidas por sete mil e tanto reis que fazem gozar do descanso eterno. Mas é um mau exemplo, uma prova de insaciavel ambição, uma nojenta sorclidez.

—Agora veja o que fez outro vigario ha poucos dias.

Apresentou-se uma mulher pedindo guia de graça para enterrar um filhinho.

O homem subiu na serra.

«—Vv. não se lembram que eu vivo disto? Desta sorte, morro de fome!

«Va vender esses coraes que tem nos braços e traga o dinheiro.

«—Fico sem nada, Sr. padre.

«—Ah! não pode? Mulher moça, com luxo, não tem dinheiro para enterrar o filho! Porque pariu?

«—Deus foi quem me deu.

«—Deus não emprenha ninguém.

«De que tamanho é o menino?

«—Deste tamanho. (Indicando com as mãos.)

«—E' bem pequeno. Pois deite na panella, cosinhe e coma.» (!...)

—E são ministro d'Aquelle que generosamente deu seu sangue para rehabilitar a humanidade decahida!

—Religião christan!

Como és ultrajada por alguns desses homens que se dizem teus ministros!

Jesus quando dava vista aos cegos, resuscitava aos mortos e consolava aos afflictos nunca exigia recompensas.

Seus ministros hoje mazelcam com um pedaco de terra e com uma absolvição!

—A lei é egual para todos, quer castigue quer proteja!

—Nem sempre é assim.

—Prove.

—Vou lhe provar, ja que o exige, com uma cousa muito simples.

—Vejamos.

—No sabbado, o wagon da companhia de Vehiculos, das 6 horas e vinte minutos da manhã, do Bom-fim para a cidade, que como sabe V. os wagons não param si não nos pontos, parou n'Agua de Meninos, que não é ponto, para saltar o Sr. José Pinto Rodrigues da Costa, rico negociante.

—Basta ser elle negociante e rico, afim de não haver lei para elle.

—Mas si fosse um pobre não se consentiria saltar e o caxeiro diria logo que ia de encontro ao regulamento da companhia, mas como o Sr. José Pinto tem dinheiro para elle não ha regulamento.

—E que mais quer elle, quando o ouro é que governa o mundo!

—Infelizmente é assim!

—Um menino com uma pedrada mandou a outro para melhor vida.

—Era isso o que eu previa ha muito tempo.

—E que realison-se no sabbado ultimo.

—E ainda não ha de servir de escarmento á policia, que continuará a condescender com o criminoso deleixo dos paes que criam seus filhos na rua.

—Traz alguma novidade?

—Não sei de nada.

—Pode limpar a mão á parede.

—O que sei, é que dous companheiros de morada, iam se acabando no sabbado.

—Conte, que pode se aproveitar.

—Na casa 59, ao Sodrê, moram Alselino e Felix. Este tem um discipulo em quem dá pancada como bruto.

No sabbado, depois de dez horas da noite, castigou o discipulo de tal forma, que o companheiro viu-o obrigado a censural-o; porem Felix que não estava para ouvir reprehensões respondeu acremente a Alselino, o qual por sua vez deu-lhe o troco, e na altercação atacaram-se. Alselino que não é de meios termos deu de mão a *mulata* que tinha atraz da porta e si Felix não se tranca n'um quarto lascava-lhe fogo.

Bradou aqui-d'el-rei contra o companheiro, mas ninguém o acudiu.

—Tambem para que é tão vilão.

—Toda visinhanca brada pelo modo cruel por que trata ao pobre discipulo.

—Eu não sei essa gente cujo genio não dá para ter famulos ou discipulos para que os tem.

—La para o Caes Dourado deu-se um caso extravagante.

Um sujeito entrou em uma casa onde
Ninguem pode comer
Sem beber;
E nem si dá a prova
Sem não ver.

E la passou vida folgada e milagrosa sem ter dinheiro.

Mas a proprietaria da *hospedaria*
Que ja vive escarmentada
De quem comeu e não pagou.

E que antes lhe dissera

«Fiado eu não dou, não dou, não,
«Si quizer, me dê na mão.

Quiz fazer do pobre mortal *capado*, mas em logar de sangral-o no pescoço decepou-lhe não sei que parte do corpo.

Á PEIDIDO

Sr. redactor.—O caso de que trata o *Alabama*, com os officiaes de justiça, sobre a mulher do Commercio, foi com os tres officiaes—Leopoldino, Guabiraba e Umbellino.

Um official.

—Capitão, a S... branco é incorrigivel; tenho conhecido que nada a pode moralisar.

—Mas, o que houve?

—Nada, capitão; ha cousas que me pejo de dizer.

—Mas que diabo foi? explique-se.

—Ah! capitão, aquella mulher é horrivel.

—Mas porque diabo é ella horrivel?

—Porque vira bicho; capitão.

—Ella vira bicho! não creio.

—Pois é pura verdade, capitão, espantou-me de tal sorte que quasi grito.

—Ora, tu tambem te espantas de pouca cousa.

—Pouca cousa? não ha tal!

—Está bom; disso estou eu sciente, e o que mais houve?

—Mais nada; somente o pipia cega irritou-se por ter sabido da outra vez; disse que havia de fazer e acontecer; porem, não caia elle n'essa, sinão, sinão...

—E o tal gracioso o que disse?

—Esse não dá cavaco... veremos se cumpre o que disse; porque creio que ella vai cazar com outro.

—Foi ao Bom-fim?

—Fui e fallei com o *Vicentinho* irmão do *Domingos*.

—Elle ainda está lá, sem licença?

—Ora si!

Me disse que não precisava de licença por que a tinha tomado por suas mãos, desde o dia dons de novembro, e muito tem passeado e se divertido até hoje.

—Pretende então passar a festa toda la?

—Provavelmente.

—E o director tem sciencia disto?

—Qual, o director geral?

—Sim.

—Quando o chefe delle não o procurá, muito menos o geral, mesmo por que dizem os filhos da *Candinha* ser o chefe parente e amigo delle.

—Ah! isto é outra cousa! Tem licença na manga.

—Mas não sei por que lendo o *Vicentinho* o *Alabama*, appareceu-lhe logo as hemorroidas, e andou da sala para a cosinha e disseram até que teve um ataque!

—Qual, homem! aquillo tem mania de Besta!

—Assim já ouvi d'zer.

—E o *Fortuna* o que faz que não dá uma parte delle?

—Este nada diz por ser um moço *candido*.

—Então é porque gosta da manata de estar só, louvo-lhe o gosto.

—Que quer, meu amigo, quem tem padri-drinho não morre pagão.

E depois o director tambem está passando a festa fora!

—Hum! guardião fora, frades agora!

E com esta me vou embora, até a primeira vista.

—Adeus; Sr. *Naturalista Lopez*.

—Capitão; capitão!

—O que é homem de Deus?

—Queim diria que em 68 a 69, tive prejuizo, com o incendio da venda do *Corredor da Victoria*?

—Como? porque?

—Um feitor que lá tinha com conduções de madeiras; mas coitado!

Um dia passando eu com umas madeiras, vi um dos meus collegas com razões com elle por causa de sua conta dirigindo os mais asperos insultos ao homem, dizendo, que o *Gasp. Antonino*, não poderia achar parelha igual para elle *Antonio*.

—Oh! é bom menino.

—O pobre homem insultado com isto, dirigiu-se a sua residencia, pagou ao dito *Ca-gu-negocio*; isto, ganho em outros logares.

—Como V. sabe tanta cousa?

— Porque comigo tambem se deu o mesmo; a minha vista, empunhou o seu relógio para me pagar, isto digo porque vi, e muitas vezes, delle ia cobrar, e sabia de tudo.

— Este homem, então não é filho da Bahia, que conheça este bom *meninorio*?

— Creio que não.

— Homem, indague minuciosamente.

Um carroceiro.

(Continua.)

— Um filho que esconde seu pae, o que sera?

— Um sevandija, um ralé; um infame. Uma cousa immunda que deve ser olhada com repulsivo desprezo por todos.

— Pois eu conheço um destes.

— Seja o pae um monstro; a voz da natureza, os laços do sangue obrigam o filho a curvar-se ante o dever filial; quem se afasta deste principio, é um ente execrável, incorre na maldicção de Deus.

— Pois eu em sete palavras e meia vou lhe contar a historia bem *simples* de certo logista que negou o pae.

Um quidam, vindo das bandas de *Camisá grande*, empregou-se em *Latronopolis*, em casa de um commerciante que possuia um *palacio* verdadeiramente *real*.

Seus signaes caracteristicos eram mais ou menos estes:

Ar refalsado; cara de sanfona, armada de salpicos a especie de mijo quando cahe na areia; rosto oval, de laivos de uma *córnigota*; as protuberancias osseas transpareciam diaphanas como para denotar magreza; olhos esbotocados; nariz adunco como quasi sempre possuem os ambiciosos, egoistas e usurarios, segundo descreve Gall, o fundador da *craneocospia* e *Lavater*, o inventor da *physiognomia*; bocca rasgada como a da cobra *sucuri*; ligeiro buço de pello de rato; *cavaignac* á especie da *pêra* que os *perús* trazem no papo.

Por mil artes e tramoias, o quidam chegou de pato a ganço; de caixeiro passou a logista.

O catalogo de trampolinas que o fizeram galgar as boas graças da fortuna, é immenso e variado.

Ficam para mais tarde.

Aqui quero só esboçar-lhe a acção torpissima do filho desnaturado.

Era no dia de suas nupcias.

Esposava a filha de um homem que mercadejava á custa de *seus semelhantes*. Sujeito constante e invariavel no seu genero de vida.

O acaso veio contrariar o homem em seus gostos.

Nesse dia chegou-lhe o pae de fora e elle não queria que o pae fosse conhecido.

— Miseravel!

— A' tarde foi a um *collega do negocio*.

« — O' Fulano, chegou-me aquelle tabareu de fora e estou vexado.

« — Porque?

« — Como sabes, caso-me hoje e não tenho onde *accommodal-o*; a casa está toda *atravaneada*.

« — Manda-o para onde eu estou.»

A' noite tres caixeiros e o velho tabareu, estavam reunidos em um 3.º andar da rua do *Negocio* e dizia um delles:

« — Boa noite passa hoje Fulano; a esta hora deve estar casado.

« — E' impossivel! bradou o velho.

« — Impossivel! Porque?

« — Porque si tivesse de casar-se devia dar-me parte, e não me deixar aqui.

« — Mas porque razão?

« — Por *S. Martinho*, senhor! Eu sou pae delle.

« — Então o Sr. é seu pae?!?! E elle teve o atrevimento de negal-o! Teve vergonha de apresentar o author de seus dias em seu noivado!

« Pois saiba, senhor, que seu filho caza-se hoje e que teve a baixeza de dizer que o senhor era um tabareu que lhe ia *atravancar a casa!* *(Continua.)*

Eu abaixo assignado declaro que nenhuma parte tive n'uma publicação á pedido impressa no n. 59 do *Alabama*, em que se falla d'um artista *Paulo* e de outro *Marcos*, visto como tendo diversas vezes trabalhado com o Sr. Antonio Marques da Rocha, a quem attribuem, como a mim, tal publicação, vi sempre o seu procedimento ser o de um artista honrado.

Sr. redactor, dando publicidade a estas linhas, em abono da verdade, prestará um serviço ao artista

Paulo José de Souza.

Bahia 28 de novembro de 1869.

ANNUNCIOS

CAO PERDIDO.

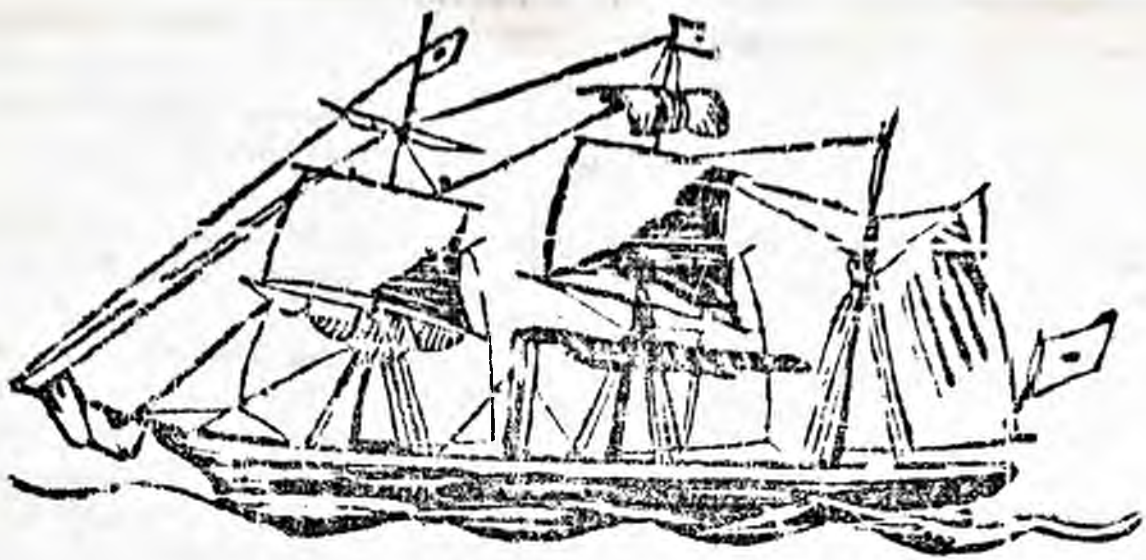
Perdeu-se no dia 17 do corrente, do Pilar ao Caes Dourado, um caxorrinha pequena, branca, com os cabellos dos pés e do focinho aparados, responde ao nome de *Violetta*; quem a tiver achado e quizer restituir, dirija-se ao trapiche *Primeiro Andrade* onde será gratificado.

AMA DE COSINIA.

Na rua de D. José n.º 9, precisa-se de uma.

PRECISA-SE DE UMA AMA

Na rua Direita do Collegio n.º 18.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 59

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

4 DE DEZEMBRO DE 1869.

Ns. 583 e 584.

O ALABAMA.

Os Srs. assignantes a quem esta folha não for entregue no dia em que estiver datado o cabeçalho, tenham a bondade de communicar na typographia para se providenciar.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
3 de novembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que, consta, fôra raptada uma menor de 17 annos, moradora á rua do Alvo, freguezia de Sant'Anna, de nome Maria; e indigitam como raptor d'essa menor o 2.º annista de pharmacia Astelio Marques d'Oliveira.

Em vista do que consta, e que leva-se ao conhecimento de S. S., espera-se de seu character justiceiro providencias que façam, a ser verdade, esse individuo reparar o mal causado a referida menor, livrando assim mais uma victima de ser atirada no torpe lodaçal da prostituição.

—Ao mesmo, reclamando um acto de repressão para os desatinos commettidos pelas praças do destacamento do Caes Dourado.

Aquella força, destinada a manter a ordem por aquellas paragens, tornou-se a principal motora de tumultos.

Prenderam na quarta-feira a Lourenço Ricardo d'Almeida e acutilaram no a reffe.

Pede-se a S. S. que faça ir á sua presença o offendido para verificar com seus olhos os ferimentos que recebeu e depois faça a justiça que o caso pede.

—O destacamento do Caes Dourado acaba de ser mudado.

—Quando?

—Hoje sexta feira.

—Não basta isso. Os que procederam mal devem ser punidos.

—Capitão, soube de um facto execravel que se deu?

—Não.

—Era de prever isso. Tem-se empregado esforços para que passe desaperecebido.

E nossas authoridades *ignoram* o que está a vista, quanto mais o que fica incognito.

—Mormente si anda envolvido no meio alguém com quem não convem bulir.

Mas ja que V. sabe, conte-me.

—Mesmo que eu sou caixa sem fundo e não posso guardar nada.

Na estrada das Boiadas, cinco ou seis individuos surprehenderam uma pobre mulher e violentaram-na para fins reprovados.

Os estuporados, para saciarem a libidinagem, serviram-se de meios contra as regras da natureza; e a offendida voltou para casa estragadissima. De envergonhada, não quiz manifestar a violencia que soffrera.

Cahiú na cama o morreu, torça feira, lá para a Lapiúha.

—Sabe mais ou menos quando se deu isso?

—Na sexta feira 26.

—Immensidades destes casos se passam sem que os malfetores receiem a acção da lei.

—O *Diario* lamenta que no dia dos annos do rei não houvesse parada!

—Acha pouco o massacre dos impostos, o serviço onerosissimo da guarda nacional, as insuportaveis contribuições da guerra, a carestia e a miseria, que acabrunham a este povo!

—E ainda elama que, por amor de lisonjear a um homem, não se tivesse encommodado a centenaes de artistas, roubando se-lhes mais um dia de trabalho, privando-os de ganhar o pão para alimentar suas familias.

—Entenda-se lá a democracia desta terra!

—O que se lucra com as paradas em homenagem aõs annos do rei?

—O que se tem visto.

Braços voando pelo ares, pernas amputadas, individuos inúteis a sociedade, o cidadão voltando da parada para a cama, por uma maligna que apanhou e onde leva dous e tres mezes, quando não batte a cassulêta.

—E' marimba que negro toca, levar um homem seis mezes aquartellado? E ainda bem não tem 15 dias de descanço, vá para o rigor do sol por que é dia dos annos do Sr. Pedro II!

Si isso é liberalismo *libera nos, Domine.*

—Cá pela minha parte acho tão bom o balaio como a tampa d'elle.

—Esta natureza humana tem extravagancias!

Pois havia de metter-se na cabeça de um pobre africano forrar-se na terça feira e na quarta amanhecer de pendurado na cerca do entulho de Sant'Anna para a Estrada Nova.

—Consta que de prazer embriagou-se e na exaltação se mandou *enchotar*.

—E' uma excentricidade bem exquisita!

—Eu conheci um, que, no dia em que libertou-se, foi a casa do ferreiro e mandou fazer um ferro em cruz que trouxe ao pescoço até morrer.

—Capitão, eu não sou babú.

—Si está empapado, desembuche.

—No sabbado passado, entrei na capella de Nazaeth e vi um homem de palitot de yanzú, calça de enfiar, sentado no confissionario e uma senhora prostrada a seus pés.

Fiquei banzando por momentos. Minha

penetração por muito fraca, não não ponde comprehender aquillo o que significava.

—Não era para menos, ver um homem em *trajes de rosa*, occupando o logar que compete unicamente ao sacerdote em seu sagrado ministerio.

—Dirigi-me a uma pessoa que estava na egreja e pedi-lhe a decifração de tal enigma. A resposta que obtive foi:

«E' o conego Rocha que ouve de confissão a uma confessada sua.»

Quasi me cahe o queixo de cima! Dexe-me levar de tanta admiração, que involuntariamente pronunciei em vozes altas estas palavras:

«O' pois naquelle character é que um ministro catholico, vem para o Sagrado Tribunal da penitencia?»

«Em qualquer casa, elle não se atreveria a apresentar-se em trajes tão pouco convenientes.»

Minhas palavras foram ouvidas pelo austero director espirital de mulheres, (não consta que o conego Rocha confesse homem) o qual fingindo não entendel-as, dirigiu-se a mim dizendo-me que não fallasse tão alto para não perturbabar a cerimonia.

—O traje era extravagante.

—Ora esta, o exemplo que elle dá!

O conego Rocha que reprehende, quando uma pessoa falla a outra na egreja, que não quer que as moças vão de rosto descoberto e outras impertinencias, vae para o templo exercer as funcções de seu augusto sacerdocio de palitot de yanzú e calça de enfiar!

—Na quarta-feira á noite, no hotel Bahiano, o Sr. Bellarmino Barreto foi injuriado por um Sr. Borges de Barros, e ameaçado com duas bofetadas!

—Porque o *Diario* censura o presidente da provincia, e porque o *Brado Liberal* publicou uma lista de nomes para deputados provinciaes, na qual vem o nome de Borges de Barros, o homem que, junto com o valentão Sebastião, quebrou a perna do pobre marceineiro porque queria que elle fallasse francez sem ter aprendido!

E' esse homem que, vae para o hotel do caso pensado, colloca deante de si tres ou quatro garrafas de vinho para uma pandega que se senta junto d'elle e espera o Sr. Bellarmino Barreto, moço pacato e que sabe revestir-se da prudencia precisa em certas occasiões; é esse homem que, munido de cabo de chicote com cabeça de latão e canivete dentro do bolso, insulta e injuria um moço intelligente e distincto, deante de homens, que de proposito eram convidados á titulo de assistirem a um espectáculo no hotel, segundo

o Sr. Neiva convidou a *alguem*; é esse homem que, na noite de 2 do outubro, no conflicto que houve no theatro entre o piquete e meia duzia de capadócios, por elle capitaneados, quiz desarmar o official.

O dono do hotel querendo repellir os insultos lançados á um moço que entrava pacificamente em sua casa, tambem foi insultado por esse desordeiro, obrigando á que elle ameaçasse jogal-o pela escada de sua casa abaixo, si continuasse a proceder pela maneira porque estava procedendo!

—E seria com authorisação do Sr. barão de S. Lourenço, que o tal Borges de Barros procederia assim?

—Nem se deve fazer esse pensamento, o Sr. barão de S. Lourenço não teve sciencia, porque do contrario não o consentiria!

—Mas parece que o sujeito ia para ali de costas quentes, porque soube que faziam tres dias que elle ia ao hotel esperar o Sr. Bellarmino para tomar-lhe satisfação!

—São serviços que os *rabos-leva* entendem prestar ao governo, comprometendo-o!

—Mas eu entendo...

—... que se deve chamar attenção de S. Ex. e do Sr. Dr. chefe de policia para este facto, em quem muito confia-se.

—Dizem que os officiaes de policia abusam?

—Falla-se.

—Que castigam aos soldados como si fossem seus escravos e não seus subalternos?

—Corre isso.

—Que ha poucos dias o policial Clementino fôra chibatado no quartel, e que os companheiros, que presencaram o facto, disseram, por coacção, que não viram?

—E' de suppor; nem todos tem coragem para depor contra seu superior.

—E que na quarta feira deu se caso mais aviltante?

—Não soube ainda deste.

—Corre que um soldado da 2.^a companhia fôra agarrado pela garganta, atirado ao chão, esbofetado e pisado a pés.

—E quem praticou isso?

—Um official.

—Até ahí morreu o Neves.

—Homem, eu não sou de caixas encouradas, disseram que foi o tenente Barbosa.

—Pode ser, mas o tenente Barbosa, me parece incapaz de acção tão triste.

—En vendo pela carregação.

E demais, disseram que muitas praças viram.

—Teremos o mesmo caso do soldado Clementino.

—Affirmam que não; desta vez parece

que estão decididos a dizer a verdade.

—Ora queira Deus!

—A serem reaes, são factos que depreciam o caracter de um official, o qual tem a sua disposição um regulamento para punir as faltas dos subalternos.

—Depõem muito contra a disciplina e moralidade do corpo, casos taes.

—O comman-lante deve olhar para isso.

O soldado por ser a parte mais fraca não deixa de ter direitos; e assim como elle os castiga quando delinquem, deve tambem protegê-los quando são esbulhados de suas prerogativas.

—As irmandades de charidade estão reformando o hospital.

Em logar de dous internos que ganhavam 600 rs. cada um, admittiram ao Dr. José Ignacio com 2:400 rs!

—E' uma economia de arrombal

—Isso foi protecção *por tabella*...

—O contracto do novo interno é para entrar as 6 da manhã e sair as 6 da tarde.

—Está claro, que o doente que fôr para o hospital á noite, em perigo, pode ir esiar com Christo á falta de socorros medicos.

—O Bomfim enfermeiro, que se prestava, applicandoapparelhos e ligaduras, nos doentes de ferimentos graves, que entravam de noite, e no que estava muito pratico; tambem sahiu; de maneira que hoje o desgraçado que em taes condições entrar para o hospital morrerá antes da cura.

Admitte por ventura espera para curar se no outro dia, um doente, que alta noite, entra para o hospital, se esvaindo em sangue? A gangrena concede espera?

—Mulheres deshumanas! creaturas sem coração!

—Os serventes masculinos estão reduzidos ao numero um; hoje os serventes são os proprios docentes.

—Só este desaforo!

E não ha quem olhe para' isso!

Com que authoridade obrigam essas mulheres, pessoas livres a serviços corporaes sem lhes pagar?

Ou será esse pesado trabalho uma exigencia de paga pelo tempo que estiverem se curando no hospital chamado de charidade publica?

A' ser isso, é melhor fallar franco. Ao menos quem recorrer ao hospital da *Santa Misericordia*, vao sabendo que, ficando bom, tem do pagar com seu corpo, as despesas que lá fez.

—Ha poucos dias, um doente em convalescencia, cahiu exaurido ao enorme peso de um barril d'agua, que essas *bonfadosas* pombinhas sem fel mandaram por elle carregar.

Um dos medicos da casa sabe disso o até reprovou.

—Ora! está V. clamando no deserto a tal respeito.

—Para provar o quanto são hypocritas e refalsadas aquellas mulheres, ouça esta:

A noite, com uma servente na frente e outra na trazera, sahe uma charidosa para correr as enfermarias, levando empunhado um formidavel punhal de cabo de marfim!

—Quem, ellas?!... as mulheres puras e mansas?!...

—E' verdade.

As filhas de S. Vicente de Paula, que V. vê de dia, á luz do sol, com um grande roزاریo na mão, e um Christo dependurado, que andam nas ruas de braços cruzados e cabeça baixa, ou com um livro aberto articulando palavras, que ninguem percebe, de noite, nas trevas, manejam uma arma mortifera!

Aquellas mulheres que recebem o Santissimo Sacramento todos os dias; aquellas mãos que, de dia, á vista de todos, levam postas orando a Deus; de noite, ás escondidas, apertam o cabo de um instrumento de morte!

—São as mulheres de paz e amor! de indulgencia e charidade!

Para visitar, infelizes que se estorcem de dores, que soluçam entre as vascas da miseria e os estragos da doença; para acalentar gemidos e confortar attribulados, vão armadas de punhal!

—São as consolações d'alma e do corpo que lhes levam!

—Vá o povo conhecendo quanto tem de detestaveis essas mulheres.

OS SANTARRÕES,

Ha uma classe bem numerosa na sociedade, e que bem merecia ter a sorte das onze mil virgens, isto é, bem merecia que fosse metida em algum barco velho, e despresada á mercê das ondas, pois que a considero uma classe pernicioso e desprezivel.

Muita gente, depois de ver o titulo d'este artigo, conhecerá logo de quem quero fallar.

Quando diga santarrão, não pense alguém que quero fallar, de um homem que ouve missa, se confessa, e gosta da igreja; não: Não é destes que quero fallar, mas sim de certos que vão a igreja para que todos os vejam, e ao sahir da missa param á porta do templo para serem vistos; que fazem garbo de sua religião, e andam sempre dispostos a pregar um sermão de quaresma pela menor cousa, ainda mesmo fora de tempo e de logar.

O dictionario dá a esses homens o nome de hypocritas, e eu, de santarrões.

O santarrão envolv-se sempre em uma vida

mysteriosa, e ninguem sabe do que se sustenta, com quanto todos o vejam nutrido, e bem rosado, gabando se sempre de macerções e apregoando a pureza de suas costumes, que a ninguem vê que melhor do que elle pratique as virtudes religiosas, civis e moraes.

Na conversação mais trivial, vel-o-heis proclamar com sentimento e quasi com lagrimas contra a corrupção dos costumes modernos, da falta de morigeração na mocidade, na maneira de obrar das moças, dos seus rumores escandalosos, etc., achando sempre na menor cousa um motivo para fallar, suspirar e lamentar.

Não ha festa, nem procissão, nem acto religioso onde não appareça o santarrão usando de umas camisas de babados na abertura do peito, de umas cadeias de relógio muito grandes e pendentes, e uma gravata branca bem engomada, pois que não sabe como se va a uma festa com esses paletots e gondolas, inventados pela moda para maior commodidade.

Sente muito que se tivesse extincto as cabelleiras empoadas, e diz que por isso anda tudo de pernas para o ar, e não ha mais resto aos velhos, nem consideração as coisas religiosas.

Si fores a julgar um santarrão por seus ditos, quando o vires beijando a mão ali a qualquer padeco, lambendo o cordão de um marmarro seraphico, querendo avaliar os sermões, e corroborando todas suas palavras com sentenças da escriptura sagrada e do evangelho, recitando de cor e gabando a leitura da vida dos santos, direis que, um homem assim, é digno de ser posto n'um oratorio e o cortejareis com reverencia.

Um santarrão é daquella classe de pessoas, que quem as ouve não as leva presas. Iludem ainda aos mais prevenidos. E com razão, por que parece impossivel que esse homem celibatario, que traz um grosso rosario por cima da camisa, e que só falla com os olhos no ceu, possa fazer certas acções.

Como não prega elle a favor do jejum! como não blatera contra as moças janelleiras! que de historias edificantes não sabe! é um almanak vivo da vida de todo mando, e admira como sabe até dos factos mais particulares e passados no interior das familias!

Para elle não ha ninguem honrado, e terá sempre que bater com a cabeça em signal de duvida quando fizeres o elogio de alguém a suavista.

Um santarrão! oh! tem que se lhe diga.

Mas... procure alguém conhecer da vida do santarrão. E' o peor critico e mordedor da vi-

da alheia! que meada de ban lalheiras, falcatruas, vícios e depravações!

Elle que brada tanto contra a depravação dos costumes, é um sectario furioso da maldade, e a noite o encontrareis, por logares suspeitos, a fazer o que todos sabem; elle que grita contra os moços que se não confessam, jamais fez uma confissão verdadeira; elle que elama tanto contra a usura, passa seus dias a custa da usura e lócupletase dos bens da viuva, que rojou-se a seus pés chorosa e não achou piedade; do orphão cujas lagrimas arrancadas pela fome não o commoveram.

Emfim o santarrão é um abutre feroz que com os visos de pomba, corrompe os principios mais santos da sociedade.

E o mais é que com uma semelhante capa, vivem elles muito bem! O pai de familia rigoroso, que não quer que lhe passe pela porta, um rapaz que fuma, e que anda depois das dez horas na rua, com medo que lhe não traga a perdição a sua casa, admite com toda fraqueza no scio d'ella, ao santarrão, que com suas palavras piedosas, e o seu ar de honradez, não poucas vezes leva a dor ao coração paternal. Um conheço eu, que se tornou accusador d'aquella mesma que tinha seduzido, cujo erro exprobrava enxugando as lagrimas do afflicto pai, dirigin lo-lhe consolações, com um rosto contrahido, e que se diria verdadeiramente penalisa-lo.

Tenho medo dos santarrões, e por isso escrevi estas linhas.

—A camara municipal, para aproveitar uns cobrinhos, deu licença para armarem botequins no Terreiro.

Acabada a festa os homens desarmaram a *traficancia* e não taparam os buracos.

—E o povo é quem soffre a *differença* mettendo os pés nas barroas.

—E a rua defeituosa.

—Além de queda coice!

Seja tudo pelo amor de Deus!

—S. Francisco a acrescente.

Á PEDIDO

—O que tem, mulher, que está tão laerimosa?

—Ah! meu senhor, desgraçada é a mãe que pare filhos.

—O que lhe aconteceu; recrutaram seu filho?

—Não, meu senhor, é uma filha a causa de meu penar.

—Conte-me suas magoas.

—Um seductor deflorou-a; a menina é me-

nor; corri á authoridade, implora a protecção.

Na presença da authoridade o malvado com arrojado cynismo desenvolveu diabólica defeza e safou-se.

—De que maneira?

—Ao apresentar-se encarou-me com audacia e sangue frio, e na presença do depositario do sanctuario da lei teve o incrível despejo de proferir estas palavras:

«Muito obrigado, Sra. Rosa, por me dar este encommo; pois a Sra. mesmo não é que mandava sua filha para a rua, dizendo-lhe que estava mulher e que podia ir ganhar?»

—Porem isto não é prova.

—Eu não sei; meu senhor, com essas palavras, o seductor livrou-se; não me quizeram ouvir e eu sahi com a cara calçada de vergonha.

—Isto não é assim. A authoridade não deve proceder tão indiscretamente.

Eu até me custa a crer o que a senhora diz.

—Sou uma pobre ganhadeira, sem protecção, o que tinha a esperar?

Para o pobre não ha justiça.

—Coitada! deshonram-lhe a filha, e lançam-lhe o labeu de concorrer para a sua prostituição!

Que tempos, santo Deus!

—Agora pode-se ter casa de jogo publicamente?

—Quem paga 50\$ rs. pode abrir casa de vispora.

—Então é por isso que a cidade está impregnada desses focos de perdição.

—Ha até um sujeito que escreveu em sua porta em letras gordas:

«CAFÉ E VISPORA!

—Que immoralidade! Por 50\$ rs. authorisa-se o vicio, a extorsão, a deshora.

—Faltava isso para esta sociedade corrompida descer a ultima escala da corrupção!

Nossos legisladores sancionando a propagação do vicio, acaroçoando a perversão da sociedade, incitando a mocidade á perdição.

—Mas o imposto deixa alguma cousa; é quanto basta.

—Si é exacto que ha essa lei, são ainda flores do reinado progressista.

—Vem muito a proposito as seguintes observações que não são minhas:

«O jogo como o incendio, dizia o finado marquez de Maricá, consome em um momento as riquezas accumuladas por seculos.»

«E, apesar disso, este é o seu menor inconveniente, em nosso humilde pensar.

«O jogador, em regra, começa por tolo, o

acaba por velhaco. Perdidos os bens, appella para recuperal-os, não para o honesto trabalho, mas para os mesmos sordidos e ignobes meios que empregaram para despojal-o. Associa-se e furta; eis a origem do que, no velho mundo, nas bancas do jogo, se denominam *gregos*, classe e profissão, entre nós já numerosa e florescente.

«No entanto, a autoridade, os governos, e administrações locais condescendem, affagam e acroçoam o mais fatal flagello da nossa sociedade, a troca de uma pequena migalha que denominam imposto, e que nós chamamos—vergonhoso premio de uma ignobil transação. É o vicio do jogo, toma cada vez mais assustadoras proporções, estende profundas raizes, e levanta o collo como instituição moral, legitima e digna do amparo legal.

Os governos geral e provincial elevaram as loterias á cathegoria de fontes de renda publica: agora os cartões de vispora são legalizados com os nomes de impostos.

«É assim que nesta cidade, as casas de jogo polulam em todos os cantos, e povoam se durante as noites, de innumeraveis frequentadores.

Ahi vae a mocidade e a inexperiencia arruinar a saude e prejudicar a bolsa, com prejuizos de todas as idéas de economia, moralidade, ordem e trabalho e somente em beneficio de alguns esportos a cuja frente figura o barateiro, o homem dos tempos modernos, mais bem desenhado sobre o typo e molde do antigo contrabandista da Costa d'África.

Por ventura a rica capital da Bahia precisa de sugar alimento para seus cofres na chaga immunda do vicio do jogo de azar?

Não. E por amor de sua civilisação deve acabar com esses lupanares, perdição de seus filhos.

«Não bastará tantos exemplos para provoer da policia e da municipalidade, medidas energicas e prohibitivas, e que garantam a paz e prosperidade publica; fazendo fecharem-se todas essas casas de roubo e perdição, que se denominam *visporas*, e onde o povo vae perder durante a noite, o socego e dinheiro, e aprender a roubar depois de ser roubado?

Um imperador romano lançou, em dia de bom humor, um certo tributo sobre aquelles que se servissem das cloacas publicas, collocadas em quasi todos os cantos das ruas de Roma. Um seu filho ousou censurar o imposto. O imperador então, tirando do bolso uma moeda de ouro, chegou-a ao nariz do filho e disse-lhe: cheira, tolo, e vê se ella fêde!—Parece-me ouvir assim responderem-me os governos e municipalidades, quanto ás

rendas que procedem dos jogos; e eu retrocarei:—«Não fê-lo é verdade, mas é infancia»

ANALOGIA.

«Entre Elisa e a pimenta
Acho tanto semelhança,
Que quando a moça me tenta,
Vem-me a pimenta á lembrança.

Si a menina se agonia,
Da fructa assume o rubor;
E p'ra mais analogia
Tem ambas o mesmo ardor.

Quer que uma e outra excite
O destino alterações;
A pimenta —no appetite,
Elisa —nos corações.

Afinal, si mais se attenta,
Tanto accordo se-divisa,
Que como Elisa é pimenta,
Tambem a pimenta é Elisa.»

Ferreira Leal.

—Que sujeito é este?

—É o *bispo de Florença*.

—Porem elle não é padre.

—O homem é que se inculca.

—Ja sei, é *pomadista*.

—É fino.

—Bem *grosso* que elle é.

—*Arma* agora um laço á credulidade de duas senhoras, fazendo se passar por socio de uma fabrica.

—Então o Sr. *bispo de Florença*, *armador* de laços á senhoras, tom mais este predicado! Não sabia.

—Capitão a S... branco ainda tem continuado nas suas proezas, apesar de ter sahido no *Alabama*.

—Sabes que mais? eu não quero saber mais d'essa peça.

—Mas, o que é isso, capitão? hoje está de tão máu humor!

—Não estou de máu humor, porem entendo que deve deixar-se essa mulher, por que só o tempo a pode corrigir.

—Tem razão, capitão, é bom deixal-a; o marido teve uma atacação na cidade baixa com uma pessoa por causa disso.

—Deixal-a e ao marido, por que me enfadas: tratemos de outra cousa ouvi: dizer que o tal capitão com a M... vai bem, isto é, que a amizade progride e a *olho de-cobra-morta* tambem não está gostosa de seu papel?

—Por ora não sei d'isso, deixe estar que lhe informarei melhor.

Sr. redactor. — Quereudo se me dar a paternidade de uma portaria publicada no n. 580, a respeito da agua que é despejada para a rua, por um cano do Sr. Lisboa, Atraz do Muro, peço lhe que declare si eu fui quem forneci apontamento para semelhante portaria. — *Caetano José da Silva.*

Nem temos a honra de conhecer ao Sr. Caetano José da Silva.

A Redacção.

RESPOSTA

que um juiz de facto, sorteado, mandou ao juiz de direito pedindo escusa do serviço do jury. — *Ipsis verbis et virgulis.* —

Recebi a sua carta com data de 18 do corrente mes em resposta relativamente á citações, á quem lhe impõem a citar-me digo-lhe que eu não dou-me por citado para taes respeitos, pois que eu não estou e nem me acho no caso de occupar este lugar, e assim desonere-me d'esse repartimento, e por quanto não ateuem commigo que é mayar em ferro fuiu somentes quero ter honras de ferreiro — e não quero ter honras de Juiz, reconheço que vivo sujeito á leis e os acensos nada mais

D E Vme.

Vor. e cr.

* * *

O abaixo assignado pede a redacção do *Alabama* o especial favor de declarar si foi elle o autor do annuncio que sahia no *Alabama* n.º 581 sobre a sociedade ao Cruzeiro de S. Francisco, pois que ha suspeitas contra o abaixo assignado; para que salve a sua reputação faz o presente annuncio. — *Antonio Augusto Pereira Guedes.*

Não foi o senhor o author.

A Redacção.

COUSAS ATOA.

(SONETO A' ULTIMA MODA.)

Eu nunca pude ouvir um caranguejo,
Cantando ao violão versos á lua;
E faz-me zanga ver andar na rua
De chapéu e casaca um persevejo.
Aristarcho tocava realejo,
Sentado no nariz da amante sua,
Em quanto Bonaparte n'uma rua
No Egypto, comia pão e quejo!
Um syllogismo de sapato e meia
Nunca foi coisa que mettesse medo,
A quem sabe atigar uma candeia;
Embora n'uma egreja de Toledo

Guilherme Tell pegasse uma lampreia
De que fez se o xarope do Penedo.

(Extr.)

VARIÉDADES

A virgem deve ser como a estrella, que brilha no ceu para nosso encanto; mas não deve ser como a estrella que se despenha do ceu e se apaga na terra.

A costureira, deve ser como a machina de costura, que trabalha muito em pouco tempo; mas não deve ser como a machina de costura, que não trabalha si não é posta em movimento.

EPIGRAMMAS.

A CERTOS ARREMATANTES DE MELHORAR ESTRADAS.

Procurava o ladrão no tempo antigo
O que se chama estradas,
Vai buscar o ladrão no tempo de hoje
A estrada, mas por modo
Differente e diverso na verdade.
Aquelle accommettia
O incauto passageiro, e o saqueava;
O ladrão destas epochas
Arremata as estradas, toma conta
Dos precisos concertos,
Recebe do thesouro seu dinheiro,
E faça Deus bom tempo,
Que o melhor engenheiro dos caminhos
E o sol que secca a lama.

Pergunta. — Qual foi o esposo mais fiel?

Resposta. — Adão, porque não amava outra mulher senão a sua.

Frederico II, rei da Prussia, dizia: «Quem diz politica, diz quasi velhacaria,» e não havia monarchia mais politico do que elle.

UM RELOGIO DE DUZENTOS MIL - FRANCOS..

— Diz um jornal francez:

Por mais que façamos em materia de puff, — e cumpre confessar que não fazemos pouco, — nunca chegaremos á altura dos puffistas americanos.

Barnum, o illustrissimo Barnum, tem um terrivel rival nos Estados-Unidos: o professor Harvis.

Nos Estados-Unidos todos são professores ou coroneis: ha mesmo muitos que accumulam as duas cousas.

O professor Harvis que se intitula modestamente «comprador e consevador de objectos preciosos» fez inserir nos jornacs da

União o seguinte que nos foi enviado por um de nossos amigos do New-York:

Entre as mil e uma maravilhas expostas no museu Harvis, os curiosos, os amadores e os apreciadores se apertam, se amontoam e se abafam para admirar a obra prima das obras primas da chronometria do seculo XIX.

Este milagre da sciencia e da arte franceza é um relógio fabricado pelos relojoeiros Bréguet e Lepaute. Marca não só os segundos, os minutos, as horas, os mezes, os annos, os lustros, as indicações e os seculos, mais ainda as phases da lua, a marcha dos planetas, as conjunções dos astros, o apparecimento dos cometas, os movimentos da Bolsa e os prognosticos das revoluções. Não se lhe dá corda sinão de cem em cem annos.

O imperador dos francezes offerecera 200 mil francos por esta maravilha; porém o professor Harvis tendo offerecido por ella 50,000 dolars (250,000 francos), foi-lhe entregue depois de fechada a exposição univversal de 1868. — Preço do bilhete de entrada: meio dollar.

Toca a musica!

Certo petit-maitre (raça que não diminue) apresenta se n'uma pharmacia e chamando o caixeiro, diz-lhe:

— Possue o Sr. nestas casolas vidraceas o fortificativo ingrediente — anil?

— Sim Sr.

— Pois inspirada e brevemente me queira transpor ao meu dominio um quantitativo deste póz celeste.

— Trouxe a bola?

— Como?

— Tem vaso para levar!

— Oh! indigno filho do debandado Mercurio, se é que queres inauthorisadamente zombar de minhas extremas e magnanimas frazes *punatur*, se por desconhecimento da arte caixeiral hei de conduzir-te a graos rotundos ao patibulo da obscuridade.

«Um individuo defendia um pobre diabo accusado de ter estuprado uma joven, e terminou seu discurso por um argumento triplice:

«Senhores jurados, disse elle, so conheço no mundo tres meios de seducção: a belleza, o espirito ou o dinheiro.

«A belleza! observa me constituinte, e vereis que não é possível ser mais feio.

«Espirito! Não pode ser mais estúpido.

«Esmim o dinheiro! E' tão rico que deffen do-o de graça!»

O accusado foi absolvido por unanimidade.

«Dous esposos velhos e carecas acabavam de tomar um criado a seu serviço.

No dia immediato, a sua entrada, teve de levar o jornal ao amo e cartas a senhora; encontrando os ainda deitados, seu embarazo foi grande, pois não podia distinguir os sexos.

— *Perdão, senhores, disse elle, qual de vós é a senhora?*»

ANNUNCIOS

ATENÇÃO.

Joaquim Machado com venda ao largo da Saude n. 140, convida aos seus devedores a virem saldar suas contas, no prazo de 15 dias a contar da data deste e quando não o façam, passarão pelo dissabor de verem seus nomes estampados nas columnas deste periodico.

Bahia 28 de Novembro de 1869.

VENDE-SE.

Castanhas assadas, escolhidas a 320 rs. a libra, ditas cruas a 200 rs., vinho verde de Bastos á 500 rs. a garrafa, manteiga ingleza á 1 $\frac{1}{2}$ 200 rs. a libra: vende Estevão José Barbosa, rua dos Ourives n.º 25.

O fabricante dos bolaxões que se vendiam no deposito da —Vivandeira— declara que deixou de fornecel-os para o dito deposito, passando d'ora em diante para á rua das Flores, deposito do Sr. Olimpio; para o canto de João de Freitas, venda do Sr Rangel; e para o armazem Mercurio, por baixo da Recreativa.

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHOES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado —**Monte-Socorro**— estabelecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer empréstimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Continua-se a vendero verdadeiro café moído puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 159 á ladeira da Saude. Na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.

OBRAS POSTHUMAS

DE SERGIO MASTIQUE,

Correctas e emendadas por João Velhaco. Cada volume, uma obra do mesmo.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 59

Preço d'assignatura — 4⁰⁰ rs. por serie de 10 numeros, ou 5⁰⁰ rs. por 6 series.

BAHIA

8 DE DEZEMBRO DE 1869.

N. 585.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
7 de dezembro de 1869.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que, por intervenção da subdelegacia da Sé, proceda a arrombamento na loja 18—E, ao Maciel de Baixo, a qual está pesteando a vizinhança, pela podridão que exhala, proveniente do imundicie que tem dentro e do cano arreventado que tem alagado a rua, devendo toda limpeza ser feita á expensa, do proprietario do predio. Cumpra.

—Festeja-se hoje a Conceição da Santissima Virgem,—Mãe d'Aquelle que nos veio resgatar do captiveiro do demonio, na matriz da Conceição da Praia, na egreja da Conceição do Boqueirão, no convento dos religiosos franciscanos e em outras egrejas

—Roguemos a Santissima Virgem que, pela sua Conceição, nos livre da terrivel secca que devora o centro desta provincia, das molestias com caracter epidemico que nos está surranteiramente assolando, e da guerra que ha tantos annos devasta os filhos deste imperio da Santa Cruz, do qual é Ella padroeira!

—Pois nem o sanctuario do Senhor, os lapios respeitam!

—Tomara elles sempre achar.

—Sexta feira, no Bom-fim, roubaram cinco quadros dos corredores em quanto se dizia missa.

—Bons moleques!

—O larapio foi um mendigo conhecido por *Tatum*, o qual no Xixi foi filado com toda carga.

—A cabra com o vicio dá com os chifres no tontico.

A ociosidade em que se deixa tanta gente capaz de trabalhar, é causa disso.

—A guarda de palacio, á respeito de rarcaria, é uma mão cheia.

—Assemelha-se mais a um chiqueiro do que a outra coisa.

—Não sei como vivente humano pode permanecer n'aquella athmosphera de imundicie.

—As materias excrementicias amontoam-se pelo chão; a cloaca está em estado de produzir peste; não ha onde beber agua, nem cama para o official.

—Os prejudicados que reclamem.

—A coisa está se serão attendidos.

—Ha uma differença d'agoa para o vinho!

—Não sei o que diz V.

—É uma comparação que estou fazendo.

—Sobre?

—Em quanto os Estados-Unidos gasta uma somma immensa para manter e educar os filhos dos que morreram na ultima guerra

eivil, no Brazil, os filhos dos voluntarios da patria, andam curtindo miseria e fome.

—É uma noção que não ha agoa que lave este paiz.

—O povo leia o medito sobre o seguinte:

«Connecticut não consente que os pobres orphãos dos habitantes do estado, que morreram na guerra, sofram necessidades de especie alguma. No anno que terminou, no mez de abril ultimo se haviam gasto \$ 261,057,17 para manter 1,904 crianças, sem entregar uma so á casa de choridade.

«Pensylvania, todavia, fez mais. Seu governador Curtin empenhou aos voluntarios que sahiam para a guerra a honra do estado, assegurando-lhes que seus filhos não passariam trabalhos, e o governador Geary, seu successor, tem cumprido aquella sagrada promessa com approvação do povo inteiro da Pensylvania.

«Organisaram-se escolas publicas para os orphãos, que, em numero de 3,500, crescem e se formam em uma atmospherá que os fará logo uteis para a sociedade.

«As escolas dividem o tempo entre o livro e o arado, os meninos; entre a penna e a cosinha, a lavanderia e a machina de costura, as raparigas. Na idade de 16 annos o estado renuncia a tutela dos orphãos, porem ja lhes tem dado com abundancia, meios para buscar a vida no mundo, e oferecido ás nações um exemplo digno de ser imitado.»

—Que contraste!

Ali, na republica, os filhos dos defensores da patria recebem uma educação condigna e estão isentos da miseria!

—Aqui, no imperio, não só os orphãos, como os proprios voluntarios da patria, os heroes da guerra de honra, vivem por ahí esmolando, abandonados á fome e á miseria!

—Quer ouvir noticias do Paraguay?

—Diga.

—É uma carta de um voluntario da patria.

—Pois leia..

—Attenda:

«Meu.....

«Acampamento em marcha, 24 de outubro.

«Andamos por aqui pensando atraz de Lopez que assim brinca comnosco e nos mata á fome e a miseria.

«A 8. do corrente, marchamos do Rosario a Santo Estanislau, onde Lopez nos chamava á fadiga, e quando chegamos elle ria retirando-se para peiores logares no intuito feito de ainda rir mais de nós.

«Disseram-nos que Lopez descobrira que seu piquete, animado por dinheiro nosso, tratava de entregal-o ao principe por via de um signal falso de corneta, e que mandara fuzilar ou metralhar esse piquete. Asseguro que é verdade ter havido mortandade, pois quando cheguei vios cadaveres em dous montes, isto no dia 13; mas que tivesse andado isto dinheiro nosso, é uma falsidade.

«Agora vou dar-lhe parte da direcção que leva a *proissão* de penitencia.

«Chegado ao Rosario, onde deviamos reunir o fornecimento para a marcha ao interior, encontramos falta absoluta de carne fresca e de charque que chegasse! porem como havia de outros generos, posto que fracos, e sendo o Rosario fertil em aipim, batatas doces, mandioca, cannas e bananas, iamso entretendo o estomago menos mal.

«A 2 leguas descobriu a cavallaria algum gado, que por descuido deixaram os Palomas; Sua Alteza mandou arrebanhal-o para carnear, e quando estavamos afiando os dentes para entrar no chorrasco, que devia ser sabroso por estar o gado muito gordo, chegaram tres malditos *passados*, noticiando os acontecimentos de Santo Estanislau, a mortandade. Sua Alteza, á vista da noticia, fez-nos sahir da mesa e seguir (atrax do Lopez), apezar das reclamações do fornecedor, a quem faltavam á mulada charque, farinha e carretas sufficientes.

«Quando tinhamos andado quatro leguas, ja nada encontravamos, nós que eramos uns 8,000 estomagos famintos, com apenas 200 rezes na retaguarda!

«Em Santo Estanislau nem plantações encontramos para mastigar, ficando desde logo á meia razão, si bem que o thesouro do Brazil paga-as por inteiro, afora os quebrados que, dizem, ainda são maiores.

«De Santo Estanislau partimos a 17 com chuva grossa e aqui chegamos, olhando para traz, porque adiante vae Lopez arrecadando tudo, talvez para nos facilitar o caminho.

«De 17 para cá temos passado horriavelmente. Os officiaes recebem quatro onças de carne e meia tampa (de marmitta) de farinha, isto quando ha, pois tem havido dias só de farinha, e outros de nada.

«Temos mandado os soldados ao mato á cata de palmitos, para não morrerem de fome..

«Nestes dias tem desertado mais de 500, por causa da fome; desses vieram presos 28, e foram castigados sobre armas com 120 pranchadas, e um de meu batalhão com 80, ficando alguns estendidos no quadrado.

Eu, apezar de economico, estou sem real, porque uma chicara (as de chá) de assucar custa no commercio 2\$, cinco bolachas poquentinas 2\$, uma libra de farinha 2\$, uma lata de banha com dez libras 40\$, etc., etc.!!

«Chegou hontem milho para a cavallada, mas os soldados e nós fomos a elle com bom appetite, e portanto vamos ter queixa dos animaes, paciencia; parece que o plano de Lopez é matar-nos mesmo sem combate; só por negações que de longo nos faz..

«Dão-se duas rezes a cada batalhão de 500 praças, que é um terço do que se devia dar. Hoje carneou-se para o meu batalhão, de 504 praças, uma o mais rez, não tendo ellas o peso (10 arrobas) do contrato.

«Fui ver carnear hoje: tive dô e ri ao mesmo tempo: quando sangravam o boi corriam os soldados a aparar o sangue como damnados, chegando a brigar e ferir-se; até ao couro avançavam, e nem o pello escapava! Quanto ao fato, escusado é dizer que se dá em conta de ração, bem como as patas e cabeças!

«Vou mandar o camarada a duas leguas buscar palmitos, visto não ter dinheiro para ir aos mascates.

«Lopez está a 20 leguas, chamando-nos para nos fatigar e matar á fome!

«Nunca soffremos tanto, como agora, quicá por estarmos no fim da guerra de pólvora e espada, muito melhor e mais honrosa do que a de marchas e de fome, que nos está fazendo o engenhoso Lopez!

«Os voluntários não tem sido promovidos, nem serão.

«Adens, até quando quizer o Lopez que eu vá para minha patria, ou até quando seccar o thesouro.

Official de voluntários.

«P.S.—O 2º corpo tem soffrido mais, e as deserções assustam; os soldados tem comido cães! Até desertam officiaes!

—Na Correccão acha-se um rapaz forro que veio de Cachoeira vendido como escravo por seu proprio tio.

Ja esta no deposito para seguir.

—Olhe que os ladrões não poupam reios.

—De uma carta de Assumpção, extrahimos o seguinte:

«..... parece-me que está eminente um rompimento do governo do Brazil com o actual governo da Confederação Argentina. O antagonismo entre o ministro Varella e o nosso diplomata, é expressivo; e as consequencias d'elle não sei quacs serão. O governo provisorio não me parece persistente; penso antes que elle vae soffrer alguma contratempo, e dar lugar a graves complicações diplomaticas, nas quacs por ventura intervenham os neutros.

«O rabo, costuma-se a dizer vulgarmente, é o peor de esfolar. Talvez seja o que nos esteja acontecendo agora. Vejo aqui o horizonte muito negro, e tenho apprehensões sérias pelo dia de amanha, acreditando que a guerra se terminará, será para começar de novo!

«O porque lhe digo isto, exporei em outra carta; agora não o posso fazer.

«..... o principe continua seriamente preocupado, e tem seus desgostos: elle vê muitas complicações no modo porque o Paranhos tem dirigido as questões diplomaticas, e nellas não tem querido absolutamente intervir. Todo o seu esforço é ver se alcança ou aniquila Lopez, para o que não tem poupar esforço, fadigas, actividade, dedicacão: é sequioso de gloria, e se não faz mais, é porque absolutamente não pode.....»

«O que soffremos sobre fornecimentos de bocca é horroroso! Creio que o principe resolveu por isso romper com todos os fornecedores, (que me parece irão fazer por isso cruzada) e appellou para o patriotismo de Mauá. O que fará este, não sei eu—ignoro se a melhor boa vontade e patriotismo do Mauá, conseguirão fazer que não sintamos novos horrores!..... No fim de tudo isto ha aqui no exercito profundas queixas contra o chefe do Estado!

«E' quem mais perde individualmente nesta guerra.....»

—Diga o que ha da corte.

—O governo viu-se a braços com uma revolução seholar, que o poz em serios embargos.

A revolta foi debellada pelas previdentes e energicas medidas tomadas.

Graças a bellicosa attitudo do governo, as instituições da paz seriamente ameaçadas, não soffreram abalo.

O *Journal do Commercio* de 26 ds passado, noticiando a inauguração da estrada de ferro de S. Christovão diz que houve *papança*, alroçando a *familia imperial em um sobrado e os mais em uma cocheira.*

—São glorias deste paz de fitas e librés.

—O ministro argentino Varella, que vinha á corte aconselhar o ministerio a fazer *quinto* antes a paz com o Paraguay, mudou de rumo e la se foi para Assumpção.

Parece que ficou burlada a viagem do Sr. Bom Retiro, que ia aos estados platinos *tratar de sua saude.*

No mais tudo eram rosas.

A PEDIDO

—Capitão, a S... branco tem feito as todas; ainda outro dia eu soube de uma cousa que se passou em Itapagipe...

—Ja tenho dito, que não quero saber dessa mulher.

—Está bom, capitão, ja vejo que não me quer ouvir.

—Ora não quero massadas; desejo somente saber como vae o namoro do Terreiro: em que adiantamento?

—Disseram-me que o negocio não vae mal;

aquillo tambem é uma cousa de mais, pois elle é um homem casado.

—Sim, eu sei d'isso, e que mais houve?

—Agora não posso satisfazer a sua pergunta, vou informar-me melhor, hei de dar-lhe minuciosas informações d'ellas uma por cada vez.

—Tambem ouvi dizer que o marido da S. . branco dissera que ia sahir o C... e a Senhora.

—Ja que sabe d'isso é por que quer deital-as.

—A festa de Senhora da Conceição dos Artistas, creeta no convento dos religiosos franciscanos, transferiu-se para o dia 19 do corrente.

Os mezarios desta devoção esperam, como sempre, a coadjuvação dos devotos da Santissima Virgem, affim de que seja a festa, no presente anno, com o brilhantissimo e solemnidade dos annos antecedentes.

Sr. redactor do *Alabama*. —A bondade que teve V. de mencionar no seu muito lido periodico a aggressão, de que fui victima, com o caracter de premeditação, me obriga a duas palavras sobre um facto, que tão pouco me impressionou, que não o julguei digno de menção.

Preveniu-me um amigo de que o Sr. Domingos Borges de Barros, cujo primeiro nome até então eu ignorava, e um outro parente do Sr. barão de S. Lourenço, tinham promettido tomar-me contas por artigos publicados no *Diario*.

Por isto mesmo fui, como sempre, só e desarmado, ao hotel que se tinha marcado para ponto de espera, e la achei o Sr. Borges de Barros, que começou por me pedir uma conferencia.

Depois de elogios a minha pobre pessoa, quiz por força saber o Sr. Barros quem tinha escripto certa noticia do *Diario*; mas apenas levantou a voz, seus mesmos amigos, creio, o agarraram: foi então que me dirigin algumas ameaças, a que só respondi que estava em seu direito.

Devo agradecer ao Sr. Santos o ter ordenado, ao Sr. Barros que sahisse de seu hotel, para nunca mais toruar, e a todas as pessoas, quer conhecidos, quer desconhecidos, os signaes de reprovação que deram ao procedimento do Sr. Barros, excepção talvez unica do noticiario do *Jornal*, que devia ficar desconcertado por não ter o concerto, que tão guapamente annuncion.

Acho exagerados os louvores, que so tem dado a minha prudencia nesta occasião,

E' difficil, em certos momentos, reprimir a colera; mas eu não me encolerizei, alem de estar prevenido, a fraqueza de certas provocações é não poderem nunca irritar.

Quando o Sr. Borges de Barros ameaçou que ia pôr fogo ao hotel, ninguem deixou de fazer sua cama, sem que por isso se lhe gubasse o sangue frio: pois quem não mette medo não faz raiva.

Agora, si o Sr. S. Lourenço sabe ou não sabe disto, si consentiu ou não,—é o que não me importa, nem asseguro.

Si se tratasse de outro homem, eu poderia formar um juizo sobre a impressão, que lhe deveria fazer ver seu nome misturado a este espalhafato; mas estes homens que nos governam sem saberem o como nem o por que, ninguem os entende, nem se entendem elles proprios.

Bahia 4 de dezembro 1869.

B. Barreto.

Cruz! A Maria Francisca
Por cara preta chamada,
La pela rua d'Ajuda
Traz a gente assombrada.

A' noite, fora de horas,
Leva fazendo estação,
De braços dependurados
Uma vella em cada mão.

E' feitiço, ou penitencia,
Que faz a tal cara preta?
Quem sabe é a Izidoria,
Que é socia da *trincapeta*.

Que agouro! *Te abernuncio!*
Va p'ra maré de vasante;
Si tem trato co'o *tinioso*,
Va p'ra logar bem distante.

ANNUNCIOS

ATENÇÃO, RAPAZEADA.

Aproveitem, que está se queimando no deposito de charutos de Augusto. Rodrigues Monteiro, na rua de Baixo de S. Bento n.º 51, o seguinte: charutos finos de bons fabricantes, cigarros de diversas qualidades, fumo picado, bolsas de borracha, mortalhas, palhas de milho, cachimbos cobertos e descobertos, ponteiras para charutos e cigarros, phosphoros de segurança do melhor author, em caixas grandes a 60 rs., vidros e torcidas para candeeiros de gaz, folhinhas de Lacermert para 1870, diversas miudezas e tudo o mais que se encontrará no dito deposito a vontade dos bons amigos e freguezes, sendo bem servidos em toda e qualquer qualidade destes generos.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 59

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

12 DE DEZEMBRO DE 1869.

Ns. 586 e 587.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
11 de dezembro de 1869.

Officio ao Ilm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe a soluçao da seguinte embrulhada:

Consta que o Sr. Justino Gustavo Dourado tem no serviço de seu alambique, na fazenda Barra Grande, os individuos Claudio da Silva, Narciso Soares e Jacintho Themoteo d'Andrade, matriculados como seus escravos, os quaes são ao mesmo tempo qualificados guardas nacionaes no batalhão n.º 23!

Ora, eis ahi um perfeito enigma, a ser exacta a informaçao que nos prestam: individuos considerados escravos e ao mesmo tempo cidadãos guardas nacionaes!

Recorre-se a S. S. com fundada esperança de que mandará ventilar o caso, para que se disfaça tão inconveniente *equivoco*.

—Ao Ilm. Sr. subdelegado do crato da Sé, chamando sua attenção, pela segunda vez, para o procedimento irregular de uma cabra de nome Germana, escrava do Sr. Baraúna, morador á rua dos Capitães, a qual, na quarta-feira, ás 6 horas da tarde, proferiu affrontosos e obscenos vetuperios, como sempre costuma, o que bastante encommodou aos moradores d'aquella rua.

Espera-se de S. S. providencias.

—O *Jornal da Bahia* disse, ha dias, que em mattos da freguezia de Brotas encontrara-se uma ossada humana.

—E acrescentou que *pelo exame* que se fez, reconheceu se ser de uma mulher de cor preta.

—Pois não foi uma ossada que encontrou-se, e sim um cadaver.

—Diga-me isso.

—O qual ficou insepulto.

—De veras?!

—E foi devorado pelos urubús.

—Que horror!

Pois a falta de charidade desta terra-chega ao cumulo de se deixar o cadaver de um christão servir de pasto as aves carnivoras?

—Manuel Côxo, morador na Baixa do Oiteiro d'Areia, descobriu o cadaver de uma mulher com a cabeça mettida n'uma cerca, no lugar chamado *Agua de beber*, e immediatamente deu parte ao inspector Caribé, o qual reuniu gente, que postou no lugar e mandou chamar o subdelegado.

O cadaver estava em putrefaçao, mas ainda intacto, si bem que os urubús já andassem pe-neirando em derredor.

Dous dias depois appareceu o subdelegado, achando-se já o corpo espicado pelos corvos, mas ainda em condição de ser sepultado.

A humana authoridade porem, enten ten que o mais piedoso era deixar o bando de carnivoros dar caboda aquelles restos de uma creatura e retirou-se sem providenciar para que se lhe desse sepultura.

—E' a maior das impiedades!

Entregar o corpo de um christão aos bichos para dar cabo dell'!

—E depois vem o *Jornal* dizer que pelo exame reconheceu-se serem ossos de uma mulher preta!

—Esta é de eternas lumnarias!

Quem, olhando para uns ossos, conhece os si eram de preto ou branco, vendo um pouco de sangue tambem pode distinguir se era de plebeu ou de fidalgo.

—Na quarta-feira á noite, na occasião em que se tocava o recolher, na praça de palacio, um creoulo alfaiate, de nome Ambrosio, na rua da Mizericordia, atirou por terra uma mulher tambem creoula, que se acha pejada, e calçou-a aos pés, deixando-a sem falla, pondo-se depois em fuga.

Dizem que Ambrosio depois de ter, Atraz da Sé, apupado a offendida que se achava conversando com um invalido, fôra premeditadamente esperal-a na praça para espancal a, em razão de lhe ter esta extranhado o seu inconveniente procedimento.

Algumas pessoas que se condoeram da infeliz, conduziram-na á braços para a casa de sua morada na rua dos Carvoeiros.

O Sr. Dr. Dormund, sendo logo chamado, administrou os soccorros medicos de que ella necessitava, notando mais estar ella affectada do cerebro.

—E a policia não compareceu?

—Era noite e ella dormia, como sempre, o somno da indolencia!

As 11 horas da noite, um moço, que tinha presenciado todó o occorrido, e que não vira comparecer um só agente policial, foi dar parte ao sublelegado, o qual se apresentou.

—Bom; esperemos pelas providencias!

—Anda nas ruas desta cidade uma desgraçada mulher dando o mais deploravel e vergonhoso spectaculo.

A pobre mentecapta, costuma umas vezes andar inteiramente nua, outras em fralda de camisa!

—E as authoridades estão cegas que não veem!

—Além da torpeza do quadro exposto a vista das familias, a coitadinha, privada da razão, é maltratada pela turba dos moleques!

A' uma, duas horas da noite, hão de vel-a pelas immediações do Sodré em tão lastimavel estado.

—Coitada! Causa dó!

—Chama-se Lucia, é creoula.

Na quinta-feira á noite andou pela freguezia da Sé, com a saia debaixo do braço, acompanhada de um turbilhão de moleques.

—Em que consiste a apregoadá charidade desta terra?

—Em apparatusas demonstrações, em recepções de pessoas imperiaes, em festas estrondosas, em subscrições de ostentação, cousas que deem na vista; nada mais.

—Ou-lo estão esses actos verdadeiramente generosos feito sem estrepito?

—Nenhum existe!

—O que tem feito esses inculcados servidores do paiz, que morrem cobertos de fitas e condecorações?

Que beneficios legaram em seu paiz a causa da humanidade?

—Nada absolutamente.

—Para cumulo de infelicidade, nossos authoridades consentem que n'uma cidade illustrada, no meio de gallas e europeis, vague pelas ruas uma mulher semi-nua!

—A parte policial traz ás vezes bons pedacinhos.

Os soldados de policia espancam um homem e prendem-no por qualquer futilidade; no outro dia lá vem na gazeta:

«A' disposição da policia, foi preso fulano de tal, por desordem.»

—Mas quem fez a desordem; o homem que apanhou e foi preso, ou os soldados que o esbordoaram?

—Issó é que não se diz.

—E' verdade que logo que se espanca um homem, ha desordem.

—Chama-se um a fallar e dous a entender.

—Oa pagar o mal que não fez.

—Com os peccados!

Os moradores do Maciel de baixo podem morrer intoxicados, mas não ha viva alma a quem bata o coração de mandar arrombar a loja n. 18—E, que está causando peste!

—Na verdade é o suprasimum de deleixo!

Ha mais de 12 dias que a rua é um lago de excremento que desagua por aquella porta, o fodor é insupportavel; o clamor é grande; mas ninguem toma a deliberação de remover um mal que affecta a tantas saudes!

— Capitão, tenho um caso estupendo.

—Conte.

—Um gato, que despojou a Santo Antonio do seu altar e collocou-se nelle.

—Issó é pêta sua.

—Parece maravilhoso, mas é real.

—V. é um embusteiro.

—Não é graça, capitão.

Um gato teve a habilidade de abrir o nicho de Santo Antonio da velha Barbara, atirar a imagem ao chão, a qual partiu-se, e encarpitar-se dentro.

De manhã, quando o zelador foi abrir a capellinha, achou em lugar de Santo Antonio um gato no altar.

— Parece inverosimill

— Quando foi isso?

— No dia de Nossa Senhora.

— Dar-se ha que o capeta desesperado por ver os louvores prodigalizados a tão Excelsa Senhora, nesse dia, se mettesse no corpo d'aquelle animal para praticar semelhante diabrura?

— Só neste paiz se vê disto!

Pois adiante da procissão da Immaculada Virgem da Conceição, uma pandega de moçoques á jagarem balaios para o ar e a mandingarem uns com os outros!

— Isto é uma falta de respeito a religião.

— E por que é tudo isso?

— E' por que a policia não dá cavaco com essas cousas.

— Sim; isso para a policia é bagatella, são cousas com que ella não se devê occupar!

— As missas de madrugada tem seus inconvenientes.

— Dizem que é uma commodidade para a pobreza.

— E' burda.

Eu vejo nellas muito rapaz pelimetre, muita moça da moda, muita crioula *chique*, e muita mulher de capona que vão a ellas por *fado*, pois de dia vão de novo entupir a igreja.

— O que parece é que poucos são os que concorrem por espirito de devoção.

— As missas de madrugada são pretexto para muita bandalheira.

Uns vão para roubar, outros para namorar; uns valem-se do apertucho para beliscar as moças; outros vão fazer maroteiras cosendo as caponas das velhas e deitando rabo nos velhos; muitos vão de proposito provocar as suas; alguns aproveitam a occasião para darem beijos, apertos de mão e entregarem cartilhas.

— E que me diz da confusão e berraria que ha quando se abre a igreja?

— Parecem mais quitandeiros na praça do mercado, do que christãos que vão implorar a graça do Supremo Ser.

— Em S. Francisco, no dia de Nossa Senhora da Conceição, foi o maior dos escandalos: bofetadas, chinelladas, empurroes e descomposturas.

— Quasi matam uma criança, filha d'um Nicolau fiscal.

— Pisaram horivelmente a uma senhora.

— Arrancaram as argollas das orelhas de uma mulher.

— E roubaram o pau do Costa dos hom-bros de outra.

Alem de um alarido e reclamações de chinellas, sapatos, lenços perdidos, etc.

— Tudo isso junto prova que as missas de madrugada em lugar de serem uteis são prejudiciaes.

— E jôo em relevo a decadencia moral desta epacha, a impiedade e falta de fé que lavra no povo.

— Capitão!

— Quem está ali?

— Um creado de V. Ex.

— Pode entrar quem é.

— V. Ex. dá licença?

— Pois não.

— Venho aqui, fado no carater religioso de que é V. Ex. revestido, pedir-lhe para dar uma noticia.

— De alguma festividade provavelmente?

— E verdade; da festa da gloriosa Santa Luzia, no dia 13 do corrente, na igreja do Collegio, mandada celebrar, como é de costume todos os annos, pelos moços do coro da cathedral e mais alguns fiéis devotos.

Haverá as 7 horas da manhã, para os devotos que não poderem assistir a festa, uma missa solemne.

Estou sciente, e voi mandar noticiar. E' de esperar a concurrencia dos fiéis!

— Desde ja agradeço a V. Ex. A gloriosa Santa Luzia lhe recompensará n'esta e na outra vida, nesta vida ajudando-o em seus trabalhos, e na outra entenderá por V. Ex. á Deus, e alcançará d'Elle para seu descanço as glorias eternas!

— Obrigado; os mesmos votos faço eu para que Ella obtenha de Deus a recompensa para Vm. e todos os devotos que concorrem com o seu cubulo para a commemoração do seu glorioso dia.

— «Jaia Leonor, V. não foi a missa hoje?

— «Eu não; hei de ir, querendo Deus, na noite de Natal.

— «Pois V. afilhada de um conego, devia ser beata.

— «E' o que V. pensa; elle não quer que a gente vá á festas e nem se confesse, diz que basta se viver contricto e confessar-se de coração á Deus.

— «Appoiado!»

— Mas ao que vem este dialogo?

— Era a afilhada de um conego, como já lhe disse, que conversava com a filha de um escrivo.

— E ao que veio V. narrar-o?

— E' para lhe mostrar o que são os padres!

Si vai alguma pessoa se confessar o diz que nunca o fez, o padre manda logo levantar-se, por não se ter nunca confessado; exige logo confissão geral e outras cousas mais que só elles entendem, ao passo que aconselham aos seus *afilhados* que se não confessem!

—São assim as cousas, elles sabem a razão por que aconselham aos *afilhados* isso.

—Quer ouvir minha opinião.

—Exponha.

—Uma das praticas do christianismo que mais fazem cahir em desconceito a religião catholica são as procissões.

—Estou de accordo.

—A falta de respeito, que se nota, as irreverencias, os escandalos, as murmurações, as invectivas, a balburdia, attestam que se deve acabar com ellas.

Mulheres desenfreadas atraz das Sagradas Imagens commettem toda casta de profanações.

—Essas estabanadas vão alli somente para mostrar o *semestre*.

—Diz-se, entretanto, que as procissões tem por fim lembrar, aos peccadores e desviados do caminho da salvação, as virtudes d'aquelles que mereceram a misericordia divina; e, que á vista d'aquelles que soffrêram o martyrio pela fé, os peccadores se arrependem de seu peccados e entrarão no caminho de Deus.

—Os factos dizem o contrario; não ha um só individuo que não saiba o grau de desrespeito que reina nas procissões.

—Parece que acto tão serio, como devera ser, provoca mais a reincidencia dos peccados do que a contricção dos peccadores.

—Não se me dá de apostar que quasi todos os padres, em suas consciencias, entendem o quanto são inconvenientes taes festejos pela maneira que são feitos.

—E' nessas apparatusas occasiões que desaparece toda humildade para dar logar ao mais descommedido orgulho.

E' nessas occasiões que cada qual procura os mais luxuosos adornos e atavios para expor-se ás vistas dos circumstantes.

E' nessas occasiões em que as depravadas messalinas, com os lascivos mencios desafiam as vistas concuspiscentes de seus admiradores.

—Isso se vê nas procissões mais commovedoras pela lembranças que trazem os soffrimentos do Redemptor, como a de Passos e Enterro do Senhor.

Portanto, si as procissões não preenchem o fim a que são destinadas para que continuem com ellas?

—E' muito justo,

—Que creença pode infundir á juventude uma figura que é carnavalescamente vestida pelos armadores, á sua vista, sem o menor recato, e que vai para a egreja na cabeça de um preto para dali sair n'uma charolla com o nome de um santo qualquer?

Não será isso expor a religião ao ridiculo?

Não será isso plantar a incredulidade nessas intelligencias predispostas as primeiras impressões?

—O dinheiro que se gasta em tão inuteis pompas, que nada aproveitam, seria mais bem aproveitado, applicando se em cousas necessarias e inherentes aos principios da religião que Jesus nos ensinou.

Os seus sacrificios, como nos annunciaram os prophetas e nos disseram os apóstolos, foram para nossa salvação, e as suas doutrinas nos ensina que Elle é a Porta do Cen, e como tal so de Jesus poderemos obter a salvação.

—A qual Elle, por sua Divina Bondade, nos dá de graça, sem interesse pecuniario.

—Assim, pois, acho duvidoso, que por meio dos Santos nos possamos salvar.

—Contra a veneração e culto que prestam os romanistas por meio de imagens, idolos, ou semelhanças de quem quer que seja, é bom que se veja o que diz o Velho e Novo Testamento:

«Antigo Testamento.—1.º nos 10 mandamentos de Deus.—Exodo c. 20 v. 4.—Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que ha em cima no ceu e do que ha em baixo na terra.

V. 5.—Não as adorarás, nem lhes darás cultos; porque eu sou o Senhor teu Deus, o Deus forte e zeloso, que vingará a iniquidade dos paes nos filhos até a terceira e quarta geração d'aquelles que me aborrecem:

«V. 6.—E que usa de misericordia até mil gerações com aquelles que me amam e que guardam os meus preceitos.»

—Estas suas considerações podem desgostar a *alguem*.

—Mas os animos illustrados, e aquelles que creem na pureza e santidade dos verdadeiros principios catholicos, nos farão a justiça de crer que somos levado á ellas pelo amor á religião e a Jesus, que para nos remir deixou derramar seu sangue e crucificar-se.

—Veja como trata o imperador a seus escravos.

E' a *Opinião Liberal* quem conta:

«Gabriel David, creoulo, escravo do imperador, jaz atirado nas masmorras de Catumbé — ha 15 annos — de corrente ao pé, sem processo, nem sentença de crime por que tenha sido accusado!!

«Ha quinze longos annos que o infeliz Ga-

bril David, precipitado nas galés, naquello inferno de semi vivos, não pelas mãos da justiça, mas pelas mãos, por uma simples ordem verbal do magnanimo e mavioso príncipe civilizador da America, não ouve sinão a tetrica monotonia da corrente que lhe pende desde os rins até os pés, que não tem para civilisar seu espirito sinão as scenas barbaras dos acõites officiaes e todo aquelle apparatus lugubre de uma prisão de precitos!

«Ha QUINZE ANNOS, senhor, que aquelle membro da familia humana (a que por certo não pertenceis) alli apodrece por vosso mero arbitrio, por um acceno vossol! Ha QUINZE ANNOS que alli o esqueceste, como de uma asquerosidade que por accaso vistes ao perpassar veloz no vosso coche, cercado do vosso piquete, de arautos e batedores!

«E como vos lembraria mais esse pobre diabo, si sempre andaes preocupado com tantas victimas illustres?!!

«Pois bem, senhor: uma graça so!

«MANDAE PUBLICAR A SENTENÇA DE GABRIEL DAVID.»

—Que sarceiros! que palavradas!

Esta rua do Collegio está egual ao becco do Grello.

E' do sobrado n. 48.

—Quem mora la?

—Ahi está V. com partes do *tété maribondo*.

Pois não sabe que as moradoras da casa são gentes da *vida airada*?

—Ah, logo vi.

—Quero correr sua venda.

—Do balcão para dentro não me põe o pé.

—Não sabe que sou o fiscal geral?

—Sei; mas não consinto.

—Pois ha quem o faça consentir. Vou ao chefe.

—E eu tamlem.

.....
—Sr., este homem resiste a que eu passe vistoria nos generos que tem em sua taverna. V. S. sabe que pela lettra da postura 19 estou authorisado para isso. Venho pedir sua coadjuvação.

—Sabe que mais, meu amigo? Acho melhor que deixe o homem.

Elle é tão bruto e falla tão cerrado, que mal pronuncia o portuguez.

Ao depois vae ao consul, queixa-se de que foi violentado, eahi temos reclamações; complica se o negocio e eu não estou para *pendengas* diplomatieas.

—Mas, Sr., eu tenho informação que este homem tem grande porção de generos avariados no interior da venda.

—Deixe passar.

—Está bom, já que V. S. entende assina e o povo é quem soffre, vá lá.

—D'onde vem?

—Da Cruz do Cosme.

—Viu por la alguma cousa?

—Somente uma mulher, Maria de tal, na rua Direita da Cruz do Cosme, que qual uma fera espancoa a um seu filho menor, de 5 annos, de nome Adolpho, o qual foi-lhe tirado das mãos pelos vizinhos como morto.

—H je?

—Sim, hoje t t.

—Não foi presa?

—Por quem?

Os vizinhos na falta de medico, despejaram uma porção d'agoa fria na creança que a fez tornar a si e nada mais.

—Ora decididamente esta terra vive entregue as baratas.

Á PEDIDO

—Capitão, a justiça tem duas faces?

—Conforme.

—Então imita ao camaleão que muda de cor, conforme as circumstancias.

—V. está procurando muito fundamentos.

—E' que me contaram um acto de justiça, que na minha opinião é clamorosa injustiça.

—De quem?

—Do Sr. Dr. chefe de policia.

—Ha de ser alguma caluunias; alguma intriga politica.

—O caso não é de politica.

—Pois conte que quero ouvir.

—Uma mulher do povo, pobre ganhadeira, de nome Rosa, tem uma filha menor, que foi seduzida e deflorada por Januario Francisco Borges do Sacramento, musico.

A pobre mulher foi cahir ás plantas do Sr. Dr. chefe de policia e pedir-lhe a reparação para a deshonra de sua filha.

Januario é votante de *chapa batida* de certa influencia eleitoral, e compareceu na presença d'authoridade escudado nessa valiosa recommendação.

E na presença do magistrado, onde todos tem obrigação de portar-se convenientemente, e de acatar aquelle que é o intermediario da lei, disse Januario desembaraçadamente:

«Sr. Dr., esta mulher encommudou-me por isto? A senhora não tem razão de se queixar.

«A senhora mesmo teve a culpa de sua filha se prostituir, porque a mandava ganhar, dizendo-lhe que ja estava em estado disso. O que quer agora?»

—So isso constituo um desacato a authoridade.

—Foi uma defeza por de mais sufficiente para que o integerrimo magistrado, na austeridade de sua consciencia julgasse da innocencia e inculpabilidade do Januario o o mandasse em santa paz.

Ao mesmo tempo, Rosa era despedida com um tremendo esfusilhoto, porque, alem de *concorrer* para a perdição do sua filha, ainda tinha a *animosidade* de vir encommodar a authoridade.

A pobre mulher ficou tão atarantada que não disse mais palavra e sahio vendendo azeite ás canadas.

—Rapaz, não sei si é porque nutro alguma sympathia pelo Dr. Assis, que me custa a acreditar em sua historia.

Duvido que elle procedesse tão parcial e leviaamente. Mas emfim, como o errar é partilha da humanidade...

—Eu tambem não quero acreditar; mas contra a minha incredulidade ante-põe-se a basofia do proprio Januario, que em qualquer parte conta o caso como uma proeza.

—Em todo caso, é certo que entrou mais uma victima para essa vida de aviltamento e ignominia.

—E que Deus em sua recta justiça tomará severas contas áquelles que coadjuvaram para isso.

—Os religiosos franciscanos já celebraram o seu capitulo?

—Já.

—Quando?

—No dia 4 de dezembro.

—E quem foi escolhi lo provincial?

—O Revm. padre mestre frei Francisco do Nossa Senhora da Penna.

—E' esta a quarta vez que é reeleito frei Francisco para provincial!

—Mas que quer? Elle gosa de sympathia geral de seus companheiros, pelo muito que tem trabalhado para a prosperidade da Ordem.

—Então, recebam de minha parte os religiosos franciscanos os meus parabens, pela acertada escolha que fizeram do padre mestre frei Francisco.

No dia 7 do corrente recebi ordem do Sr. Dr. chefe de policia, para que comparecesse á sua presença. Como de facto ahí fui, no dia 8, sem saber o fim para que eu era chamado.

Declarou-me o Sr. Dr. chefe de policia que tinha toda convicção e certeza de ser eu quem escreveu alguns escriptos no periodico *Alabama*, os quaes diziam respeito a familia do

Sr. Bernardino Ignacio de Almeida Gouveia, respondi-lhe que nada tinha com isto, ao que asseverou-me elle ser este facto tão verdadeiro, que querendo eu cazar-me com umas das moças dessa familia a força, tinha sido repudiado.

Foi com admiração minha que ouvi semelhante asserção, e desde ja provooco a quem denunciou-me ao Sr. Dr. chefe de policia, arrogando-me uma injuria, a vir declarar pela imprensa, si são verdadeiras aquellas alluções, certo de que si não o fizer passará por um calunniador, e então apresentarei certos documentos, que não ficam muito bem á essa familia, para que o publico fique sabendo que não fui *repudiado* por ninguem, e o Sr. Dr. chefe de policia tenha conhecimento desta calumnia.

Queira Sr. redactor inserir estas linhas em seu jornal.

Bahia 10 de dezembro de 1869.

João Alves Pereira de Vasconcellos.

—Capitão, ouça esta.

—Não estou para aturar-te grandecissimo *inventor*.

—Não é invenção, capitão, é um facto veridico que pode até interessar-lhe.

—Então diz la.

—O capitão costuma ir ouvir os *assopradores do trem de paz*, as quartas e domingos no *estreto Riachuelo*?

—Costumo e tenho gostado: ha muita concurrencia... domingo la vou.

—Não vá, não, capitão, que não *assopram* mais.

—Porque?!

—Oral porque o *Par de aranhas* tendo agora muito calor, quer que lhe assoprem em *outro logar*; e alem disso diz elle que os seus *vigesimos* distribuidos pelo *reinado da lua* terão pela sua *industria* maior vantagem do que assopram lo debaixo da influencia do gaz, por uma insignificancia.

—Sendo assim, grande bruto, tem o *Par de aranhas* razão que farte!

Pois tu não vês que o Sr. *Par de aranhas* não podia perder a freguezia que, a força de grandes empenhos, conseguiu obter, para as suas *menoridades*, a menos que os do *Estreto Riacho-Leo*, onde o trabalho é mais *pezado*, lhe não garantissem resultados superiores?!

—Está bom, capitão, então desculpe a observação, eu julgava que os *porta-gaitas* não tinham emprego de mais *volumoso* interesse; mas olhe, capitão, os do *estreto Riacho-Leo*, não ficarão zangados pela peça que lhes pegou o *Par de aranhas*.

— Ficam, ficam; porém afinal não de desculpar o procedimento do mesmo senhor, em reconhecendo que era a causa de prejuizos.

— Bom, bom, capitão, vou agora direitinho ao trem de paz, indagar de tal emprego no Reino da lua, e alisto-me como protector, não sendo cousa dispendiosa.

— Pois vae, e aqui para nós o presidente da instituição, é o *Par de aranhas*...

— Capitão... capitão... ó capitão!

— O que determina?

— Como vi V. Ex. passar, chamei-o para contar-lhe um caso.

— Estou ao seu dispor!

— Um moço comprou um palitot na loja de aninhagem de um tal *Maneca* a quem chamam *linha nos ares*...

— E' um que tem loja na *Taboa grande*?

— E' este mesmo.

— ...sahindo o moço com o palitot, quando chegou na Estrada Nova appareceu um personagem e o arrancou do corpo dizendo que tinha sido furtado!

— Que pilheria!

— E o caso não é este, é que o dono ainda quer haver d'elle um relógio e uma cadeia de ouro que lhe furtaram junto com o palitot.

— E elle não disse quem lh'o havia vendido?

— Foi com o sujeito, mostrou a loja onde tinha comprado; mas *linha nos ares*, a principio sustentou e depois negou ter vendido o palitot, por que o dono dirigiu-se, dizem, *in continenti* para a policia.

— E quem é esse pobre moço?

— E' um pobre scelleiro, um artista.

— Mas o tal *linha nos ares* é, como todos nós sabemos, acostumado a comprar furtos e por conseguinte a policia deve dar um busca na loja d'elle.

— E ha de achar muitos objectos roubados.

Aquelles negociantes da *Taboa-grande* quasi todos elles vivem de comprar roubos.

— Pois não se vê logo: um logista d'aquelles, com uma pequena biboca, é proprietario, de boas propriedades, e accionista dos principaes estabelecimentos bancarios!

Está visto que, si elles negociassem licitamente, não podiam enriquecer assim de momento.

— Firmam-se n'este dictado,

De um finado barão:

«Si me não de chamar pobre,

«Antes me chamem ladrão!»

— Que mulher versada no vocabulario de obscenidades!

— Chama a isso um *baile* que veio dar.

— Oh, damnada serigaita!

— Quanta immundicia, quanta impureza jorra por aquella bocca!

— Mas isso aqui na ladeira da Ordem Terceira, ás 10 horas da noite, é por demais improprio.

E' um insulto ao pudor das familias.

— A mulher parece hallucinada!

Depois que a outra abriu a porta, quer quebrar os trastes, quer tocar fogo na arca da roupa!

Que *cegueira*!

— E' uma tal Umbelina, moradora á rua do Collegio.

Veio fazer este *perry* na porta da cabra *Dominguinhas*, desesperada por não querer esta voltar para sua companhia.

— Porém assim?

Com tantas palavras porcas, provocando tamanho ajuntamento na rua, obrigando os moradores a correrem a janella pela gritalhada?

Com vinagre não é que se pega moscas.

— Porém em tudo isso repare que um só policia não appareceu, apezar da algazarra.

— E' verdade; e tome nota que hoje é 10 de dezembro.

— Capitão quer saber alguma cousa da S... branco.

— Nada, ja te disse que nada quero saber d'essa mulher... conta-me outras cousas.

— Ah! capitão, é muito feio.

Disseram-me que a Z... ja foi encontrada catando piolhos no *pipia-cega*.

— Qual! isso tambem é demais: talvez amizade, relações, etc.

— Sim, mais dá que fallar.

— Ora essa é boa, tu tambem por qualquer cousa fazes uma barulhada dos peccados.

— Mas consta-me tambem uma cousa é que elle não tem T e por conseguinte... o capitão ja me entende.

— Está bom, vai-te, estou satisfeito.

Será permittido a um empregado publico, em horas que deve estar na sua repartição, ir ao Bom-fim comprar cera?

O Varella.

— Para que tem V. aquella casa alugada?

— Para meu uso.

— Para seu uso, cim, meu cynico!

V. é homem casado, para que quer uma casa que só se abre de noite?

— Isso é que se chama querer entrar na vida privada!

— Si a policia soubesse o que vae por aquelle bordel, o culto que ali se rende a era-

pula e a devassidão, já tinha dado cabo de semelhante lupanar.

—Ora! eu ando de costas quentes.

—Ora deixe estar quo quem lhe arma uma carrapata sou eu.

VARIEDADES

—Olá! Adolfo, por aqui agora é novidade, Vieste a passeio?

—Quá, meu amigo, desna qui eu sahi aqui da praça, nunca mais vim aqui sinão a comprar.

—O que veio agora comprar?

—O qu evenho comprá? ora! um prudê de coisas: um freio pra meu irmão, uma sella pra meu pai; vim vendê um coro da minha mãe, e comprá um par de sóco de coiro da minha prima.

Júca.

EPIGRAMMAS.

EPITAPHIO NA SEPULTURA DE UM CORTESÃO.

Partido em duas metades
Aqui jaz um cortezão;
Quebrou-se pela cintura
N'um dia de beija-mão

NA LOUSA DE UM TABERNEIRO.

Agua destilla esta lousa,
Verte agora todo o carneiro!!!
AQUIJAZ UM AGUADOR?
Não, senhor; um taberneiro.

«Duas criancinhas contemplavam um requissimo quadro representando *Adão e Eva antes do peccado*.

Qual dos dois, perguntou a menina ao irmãozinho, é o marido?

Ah! disse-lhe este, como queres que responda se elles estão nus.

«Um individuo original, em tudo, quiz celebrar o seu casamento pela madrugada.

A noiva, coitada, levantou-se a tiritar de frio ir para o altar.

A Senhora treme? diz-lhe o padre.

Sim, Senhor padre, mais é de frio; tambem accressenta a *boa da menina*, á a *ultima vez* que me caso de madrugada.»

(?!...)

CASAMENTO ENTRE MULHERES

Os tribunaes da republica do Chile acabam de julgar um processo curioso.

O jornal *El Mercurio* diz sobre elle o seguinte:

«Santiago, junho de 1869.—Teve emfim

seu desenlace o pleito do famoso matrimonio, celebrado ha 14 annos, entre duas mulhatoz, fingindo-se uma de homem nesse longo espaço de tempo, durante o qual trouxe enganada a sogra e todas as pessoas da familia.

«Chamadas aos tribunaes, persistiram em declararem-se marido e mulher.

«O juiz mandou por facultativos reconhecer-as, e a vista das declarações, foi declarado nullo o casamento.»

—Porque é, minha Sra. que onde está uma mulher estão as maldictas pulgas?

—E porque é Sr. Juca, que onde está um homem estão as formigas?

—Eu lhe respondo, minha Sra. a ambos os quisitos:

E' porque a pulga é o emblema do enredo, e a formiga a do trabalho.

Um pregador de S. Braz, principiou dizendo: «Ja os rios não riem; ja os campos não campam; ja os valles não valem; ja os montes não montam; porem tu, meu Glorioso S. Braz, tu sabes rir, tu campas, tu vales, tu montas.»

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHOES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

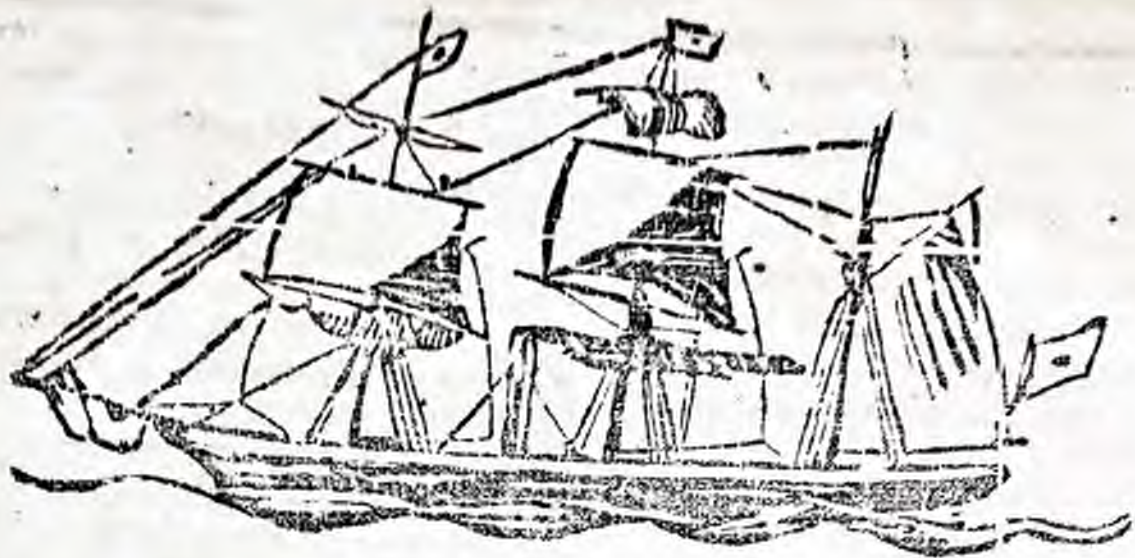
O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer empréstimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

O Castello de Bronze, na Praça de Palacio, convida aos seus devedores a virem saldar suas contas no praso de vinte dias, á contar da presente data, para não passarem pelo dissabor de verem seus nomes publicados. Bahia 6 de dezembro de 1869.

RELOGIO FURTADO.

No dia 4 do corrente desapareceu do vapor de Cachoeira um bahu pertencente a André Pereira da Silva Moraes, contendo além de roupa, dous relógios de ouro, sendo um patente suiso, sabonete, de corda para oito dias, n. 10,551 e o outro patente inglez sabonete n. 27,583.

Quem descobrir ou der noticia a José Antonio Vieira, na rua dos Ourives, n. 12, será recompensado.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17:

Serie 39

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series.

BAHIA

15 DE DEZEMBRO DE 1869.

N.º 588.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latroápolis, bordo do *Alabama*
14 de dezembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que, na rua do Genipa-peiro n. 4, a africana Felicidade tem em sua companhia duas raparigas, as quaes dá a rol como forras, e consta que realmente o são; entretanto que parindo uma dellas, exige a referida africana 100\$ rs. pela liberdade do recém-nascido. Ora, si na verdade, as raparigas são escravas, commette essa africana uma lesão aos cofres fazendo-as passar por livres unicamente para não pagar a respectiva taxa, e si são forras, não pode ella exigir 100\$ rs. pela liberdade do fructo do ventre de uma dellas.

Em vista do que, recorre-se a S. S., como o competente para deslindar semelhantes duvidas, afim de que mande averiguar a condição das referidas raparigas, para que, no caso de serem escravas, seja sua senhora compellida a entrar para o erario com o que tem fraudulentamente extorquido e, no caso de serem livres, gozem plenamente de suas liberdades e para o futuro não appareçam embaraços.

—Capitão, será exacto?
—O que, meu bom rapaz?
—Que as filhas de S. Vicente de Paula, por um rasgo de charidade e paciencia, manda-

ram no domingo arrochar de pan o corpo de dous desgraçados doudos, ficando um delles, segundo consta, com uma contusão no craneo.

—E' uma resposta que só lhe pode dar o Sr. Dr. Mendes da Costa Correia, actual provedor interino, ou o Sr. mordomo da Santa Casa.

—Si com effeito isso é real é a prova mais solemne de que taes mulheres são um espelho de bondade e soffrimento das fraquezas do proximo.

—E' verdade; mais enjos vidros estão sempre embaçados.

—Que desaforo!

—O que tem, que está tão agastado?

—Pela insolencia de uns capadocios, esta noite.

—O que fizeram?

—No corredor do sobrado 79. ás Portas do Carmo, mora uma pobre mulher, de nome creio, Feliciano.

Hontem 13, recolheu-se mais tarde por assistir a um baptisado.

Seis reus de policia, *esbarneados*, agarram-na na porta de sua casa e quizeram forçal-a para suas libidinosos.

—Não diga isso, que amanha a policia manda publicar que foi mentira.

—A mulher luctou com os seis desalmados e aos seus gritos, elles atemorizados largaram-na; mas quebraram-lhe uma gamella em des-pique.

—Tudo isso passou-se, provavelmente sera

que a patrulha, que ha constantemente no Terceiro, depois que cerrou-se a arvore d'esse fe.

—Ainda si fosse Atraz da Só ou ladeira do Aljube..... talvez alguém sahisse pressuroso do ninho em defeza da aggreddã.

—Nesta terra não ha fiscoes!

--Ou si os ha, não cumprem com os seus deveres.

--E como hão de cumprir, si, dizem, são subsidiados pelos vendéllhões?

—Querem dinheiro para passar bem, no entanto que julgam a salubridade publica um brinco, uma cassuada!

—E é sempre o povo o prejudicado!

—Ora ouça esta:

Na terça-feira mandei á venda comprar asucar.

Veio o assucar, e eu adoei uma chicara de café; mas ao beber achei-o salgado.

Passei a examinar o café e nada encontrei. Examinando o assucar, vi que estava cheio de sal.

Ora, assim como foi sal não podia ser uma outra substancia que prejudicasse a saude?

--Que duvida! Mas os fiscoes não dão ca vaco com essas cousas, só querem dinheiro. Que importa a elles a saude do povo?

Ande eu quente,

E ria-se a gente!...

Tenham elles dinheiro para passarem regaladamente, recebam de festa bons queijos, boas mantas de carne secca, bons presuntos, finissimos vinhos, etc., etc., leve o diabo o povo, que para elles é a mesma cousa.

—Eu sei que é uma excellente vida a vida de fiscal.

—É uma vida *bocagiana*! Comem, bebem e..... *dansam*, sem gastarem dinheiro.

—Naquelle vispora do Terceiro constantemente ha desordem.

—Quem quer assim, não é quem-deu licença?

—Um tal Borbolino fez um berreiro dos seiscentos por causa de jogo.

—Isso é nada; uma noite destas ia havendo mortes.

—Scio?

—Ora!

O portuguez Vieira por poucas dá um tiro de pistola em um individuo conhecido por *João Diabo*. Si a pistola não falha a primeira vez, tempo que foi bastante para o agarrarem, tinha mandado o outro para o mundo da verdade.

Ambos estavam que não se aguentavam.

—As consequencias não podem ser outras.

—Fizeram a apothecae do vicio, elevaram as casas de jogo a elemento de renda publica, n'uma hora por outra ha de haver desagrados.

—Contrariedades do mundo!

O Sr. vereador Dr. Rocha quer que os homens tenham o privilegio da vendagem d'agoa nesta cidade. A companhia do Queimado é de opinião contraria e pensa que a mulher tem aptidão para tudo.

— por isso admittiu uma mulher como guarda do chafariz do Pilar.

—Ah, V. ja sabe disso?

—Tenho passado e visto a preta Joanninha.

—Ao menos neste ponto a empresa das agoas mostra que não é refractaria do progresso.

—Dizem que o vapor da carrica de Ca choeira, e n sua sahida, segunda-feira, para esta capital soffeu uma explosão nas caldeiras que o fez retardar a partida.

—E causou alguns estragos, como o de offender ao foguista.

—Felizmente podia ser peor si e sinistro é no caminho.

—O vapor sahia as duas horas da noite e chegou aqui ao amanhecer de terça feira.

AS MANEIRAS DE SAUDAR.

Tudo neste mundo tem o que se lhe diga, e não pouco a maneira de se saudarem os homens uns aos outros.

Antigamente a saudação por boquinhas, não deixava de ter o seu interesse; e eu que nem por isso sou dos mais desageitados, me havia de dar muito bem com uma tal maneira de saudar, principalmente com as moças. E deixe estar, que s'ugeitinho haveria que andasse o dia inteiro saudando pelas cazas.

Foi pena que se abolisse um costume tão agradável; mas, o Sr. Judas Iscariotes disto foi a causa, porque se lembrou de n'uma saudação e com uma boquinha entregar ao seu Divino Mestre e Salvador.

Mal haja esta sua lembrança que nos privou de tanta boquinha saborosa que haviamos de dar por ali. E até não teriam os homens agora inveja das mulheres que andam quando se encontram, beijando-se como si fossem pombinhas innocentes.

Todas as nações pois, adoptaram, ou tem entre si a sua maneira de saudar.

Cada homem, passando do geral para o particular, tem sua maneira de saudar.

E bom será observal os.

Os inglezes se assemelham com essas figuras de realejo que só tem um movimento

certo. Elles pois, não sei porque, tesos e a maneira de quem anda enfiado, para saudar, inda mesmo ao seu maior amigo, dão com a cabeça para frente, e passo por lá muito leu. Um chapéu de inglez dura annos e annos, porque nunca anda na mão: — cabeça ou cabulo, e mais nada.

Os francezes, como em tudo delles figura o caracter principal de sua nação, são grandes nas cortezias, por isso apenas saudados, pouco se logo perfilados, com os pés em figura de dança, arrebitam a traseira para um lado, e vão rasgando uma cortesia formal e com o chapéu na mão levado á um lado, e tudo acompanhado de mil requebros: Os francezes são em tudo formaes.

Os italianos tem o saudar traçozeiro. Sempre com o riso, inda com aquelles de quem menos gostam. São capazes de vir encontrar a um que passa, e fazer mil macaquices e tregeitos proximos da baixeza para muitas vezes pregar um logro.

Emfim todas as nações tem la a sua maneira de saudar.

Até os africanos, que dão uns estalos com os dedos, e apertam as mãos la de um modo todo seu particular.

Os brasileiros são como os allemães, um saudar franco e sem rebuço. A quem gostam mostram agrado, e desprezam quando offendidos ou resentidos.

Entre as nações, porem, os seus membros variam de maneira de saudar.

Um secco em seu trato, soberbo e cheio de si, passa por seus semelhantes, e nem olha para elles, como si fossem reis do mundo.

Outros andam com o chapéu na mão para todos.

O candidato é o homem mais cortez que ha.

Por falta de saudar não lhe deixam de dar votos.

Não só saúda como pergunta pela illustissima familia, a excellentissima senhora, e os galantinhos pequenos.

E quando os chapelheiros ganham mais dinheiro, é no tempo de eleições, pois que as cortezias se multiplicam.

Um, dizem até, que mandou dizer duas missas para que houvessem eleições todos os annos.

O homem mais impolitico e malereado, aquelle que não saudava a uma só pessoa, em sendo candidato sofre uma mudança grande a tal respeito.

Os frades tem tambem entre si a sua maneira de saudar, e não sei porque ha de ser ella de joelho em terra, a laia de musulmano quando encontra-se com o mandarin.

Joelho em terra só a Deus, e nunca a um

bolas de habito, muitas vezes poro de quinta perversidade ha no mundo.

Os ladrões e patifes, tem tambem a sua maneira de saudar, e pela qual se entendem. Um pisear d'olhos para elles, é mais interessante do que quatro barretadas e meia.

Ja sabem o que devem fazer.

O hypocrita sempre saú la com muita humildade, acompanhando a sua saudação com — «Deus lhe dê bons dias, meu irmão.»

Nós saudamos algumas vezes, mas para que os nossos assignantes não sejam remissos: não é fingido, e no entender de todos passamos pelo mais pontual em corresponder, quando somos saudados com os cobres, enviando nossas folhas.

E' o que se quer, e disse.

Á PEDIDO

—Sr. irmão do culto, estou com V.

Pela Mãe de Deus do Boqueirão, lhe peço, seja mais caprichoso.

Para outra vez não consinta que o andador se apresente, a laia de quem vae para a roça, de palitot branco, para os misteres solemnes do acto da festa da Padroeira.

Tonico.

Como segue o vapor para essa cidade, não quero deixar de te escrever, para te dar noticias á respeito do que nos dizia aquelle nosso amigo, hoje fallecido, sobre sua clara metade; pois hoje é que conheço que elle tinha razão de sobejo sobre sua conducta, visto que ainda não decorrea um anno e ja ella tornou-se uma viuva tão alegre que não mostra sentimento da morte do marido; e ao contrario anda se divertindo, acompanhada daquelle rapaz de Belem que como V. sabe é menino-rio.

Por agora adens.

Na seguinte hei de te contar certas consinhas á respeito, que te hão de pôr de bocca aberta.

Eu só lastimo a sorte dos filhos do nosso amigo.

Marcolinda.

—Capitão!

—O que ha?

—Uma pergunta apenas.

—Vamos á ella.

—Que nome tem o sujeito que seduz uma menina, filha de um homem respeitavel, a qual, por estonteada e louca, abandona os lares paternos para se casar contra a vontade d'elle?

—E' um seductor.

—E, si depois de casado, elle escreve uma

carta ao sogro taxando sua mulher de adúltera, e mandando-o a sua habitação para apañhal-a em flagrante?

—E' preciso ter-se conhecimento das circumstancias que o levaram a tal proceder...

—As circumstancias... as circumstancias são horríveis.

—Então não é homem de sentimentos nobres...

—Nobres! nobres quando elle reunia em sua casa pandegos e dando certas *larguezas*, retirava-se da sala de jantar para a de visitas a fingir que jogava e perdia quantias que tomava a certo *catasol*, o qual julgava com taes empréstimos ter direito a *franquezas* ilimitadas?

—N'este caso, este homem é um miseravel, e eu vou mandar aparar-lhe o bigode na prensa.

—Até breve, capitão.

—Ha um namoro no becco dos Barbeiros, que cheira a immoralidade.

—Já reparei.

São tres sujeitos que levam de dez horas do dia ás tres da tarde em uma loja a fazer pestanejos para defronte.

—Si aquelles rapazes não tem occupação seria bom dar-lhes.

—Isso mesmo já é um emprego.

As taes mocinhas por amor de suas reputações é que deviam ser mais comedidas.

—Capitão, este biltre precisa de correção.

—Entenda-se com o muxingueiro.

—Veio este infame de um *rio* cuja enchente é nas agoas de *janeiro*, trazendo para cá boas e recommendaveis notas, e tendo se empregado em varias vendas em nenhuma dellas tem durado por causa da maneira por que se tem comportado.

—Mas quem é elle?

—Eu mandarei o *Francisco* no domingo em uma *gondola* até os tamarindeiros e ahi procurará n'uma venda, que tem *Santo Antonio* em cima, um sujeito que dá sota e bastos de tudo para lhe indicar quem é o amo do trante.

Pelas immedições do Cruzeiro de S. Francisco vaga um mulatinho, fámulo ou comensal dos religiosos franciscanos, que é da pelle do capeta.

Tal endiabrado, é um complexo de travessuras e malignidade. Em progressivo adiantamento, em toda sorte de immoralidades, sua conducta faz perfeito contraste com o exemplo de morigeração que deve receber daquelles em cuja companhia vive.

Ainda na segunda feira esse desastrado ja matando com uma pedra a um menino italiano desses que andam vendendo taxos.

O Illm. Sr. subdelegado da Sé presta um verdadeiro serviço providenciando para o correctivo desse menino que, na carreira em que vae, se tornará um membro perigoso na sociedade.

VARIÉDADES

Conta-se que certa senhora muito devota fez uma tresena a Santo Antonio para que lhe alcançasse de Deus a conversão de seu marido. — Acabada a devoção, adoeceu-lhe o marido e em poucos dias morreu.

Bom santo é o meu padre Santo Antonio (disse a devota) concede mais do que a gente lhe pede; e desmaiava de saudades do marido.

ANNUNCIOS

Os devotos da Immaculada Virgem da Conceição, na rua do Bangala, farão festejar a mesma Immaculada Senhora, no domingo 19, com missa solemne e procissão na matriz de Sant'Anna.

A' noite queimar-se-ha um lindo fogo de planta na referida rua do Bangala.

Espera-se a concurrencia dos fieis devotos tanto na missa, como ao fogo, esperando do genio ordeiro que caracteriza este povo, que ali compareçam pacificamente com o fim unico de abrilhantar aquella festa em louver da Rainha do Orbe.

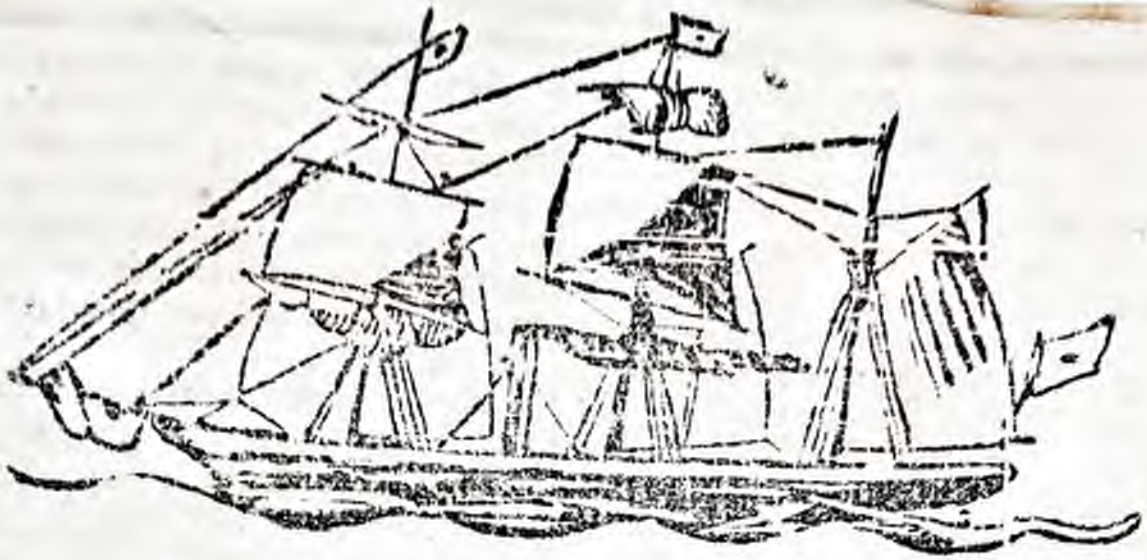
MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHOES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabelllecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer empréstimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

O Castello de Bronze, na Praça de Palacio, convida aos seus devedores a virem saldar suas contas no praso de vinte dias, á contar da presente data, para não passarem pelo dissabor de verem seus nomes publicados. Bahia 6 de dezembro de 1869.

Da-se 50000 rs. á quem pegar a preta Francisca, ha muito fugida; foi escrava da finada Theodora Rosa de Jesus. Consta ter ido para o Rio deixando dois filhos, Joanna e Umbe llino.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Ano VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Vol. 39

Preço d'assignatura — 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

18 DE DEZEMBRO DE 1859.

Ns. 589 e 590.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latroopolis, bordo do *Alabama*
17 de dezembro de 1859.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para o boato que corre de que em casa de um Sr. major Clemente, aos Perdões, castigam se os escravos de maneira que excede os limites traçados pela humanidade.

Consta que na segunda ou terça feira uma escrava foi cruelmente castigada. Essa desgraçada, não é d'agora que soffre tão atrocissimos tratos e já uma vez apresentou-se na policia no mais compungente estado, assim como na subdelegacia da Conceição da Praia de outra vez, sem que de nenhuma dellas encontrasse amparo contra seus verdugos.

Em nome da humanidade pede-se a S. S. providencias.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, pedindo a coadjuvação de sua authoridade para a extincção da depravada assuada que fazem as *filhas da noite* na ladeira do Caminho Novo; o que espera-se.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, chamando sua attenção para a vida pouco regular que levam as amotinadas moradoras do becco do *Forma o piquete*

—Capitão, disseram-me que na policia apresentou se Manuel Braz com os dedos estrangulados.

—Nova scena do Moinho?

—Não.

—Mas o que foi?

—Obras do subdelegado de Cotegipe.

—As authoridades desta terra querem voltar aos martyrios da inquisição.

—Manuel Braz é um pobre paralytico; foi preso, e para confessar si era forro ou captivo o subdelegado mandou applicar-lhe angulhos até quebrar-lhe os ossos.

—Que selvageria!

— Não vamos bem?

Em Alagoas crucifica se; no Piauhy surra-se; no Ceará dependura-se a gente; na Bahia martyrisa-se com tormentos inauditos.

Viva a regeneração da epocha!

—No hospital da Misericordia houve uma pagodeira.

—Pagode cheia a bebedeira, rapaz.

—Foi a irman superiora que fez annos e deu um brodio.

So de peixe vinte e cinco mil reis.

—*Xexé xexé!* Foi patuscada de mão cheia.

—Dois doentes foram mandados ao Rio Vermelho buscar peixe e vieram gemendo debaixo do peso do carregio.

—Pobres doentes. São verdadeiros escravos das irmans de charidade!

—Houve vinho a enjorar.

Doers por cima do tempo.

Muita petisqueira para desafiar o appetito.
As modestas comeram, beberam, folgaram,
que foi um nunca acabar.

—Mas que contraste!

Em uma mesma casa—de um lado, as
agonias da morte, dores pungentes, gemidos
entre-cortados, lamentos e desesperos; do
outro, mulheres sensiveis que, dizem, se com-
movem com o soffrimento do proximo, estavam
entregues aos prazeres da meza; por cada ge-
mido um estouro de champagne, uma iguaria
exquisita, por cada um ai arrancado d'alma,
um *ipe*, um *urrah!*

—E digam que as irmans de charidade
não são umas mulheres exemplares despidas
de luxo e ostentação.

—Capitão?

—Não quero esticas.

—Era um caso que tinha a propor lhe.

—Pois então avie se.

—Supponha se que do centro da sociedade
desapparece um membro della, sem que sai-
ba se o como; a policia tem ou não obrigação
de pesquisar?

—Nem se pergunta.

—Bem.

Mas a Sra. Joaquina Maria do Sacramento,
entregou seu filho Bento ao Sr. Braz Diogo
para ensinar-lhe officio; o menino desappa-
receu mysteriosamente, e eu não vejo a poli-
cia fazer nada. Entretanto, falla-se a bocca
pequena, que o menino fallêceu em conse-
quencia de pancadas que recebeu e foi sepul-
tado occultamente.

—Não diga assim; a mulher foi ao chefe
de policia e este aconselhou-a que desse
queixa.

—Ora adeus, capitão!

Uma mulher pobre, sem recursos, tem di-
nheiro para andar com a justiça?

De que serve então a policia?

Não é de sua competencia seguir os passos
do crime e descobrir lhe os vestigios?

O que custava interrogar o mestre do me-
nino e obrigar-o a dar uma sahida sobre o
que era feito delle?

Si o menino ausentou-se não foi para o
mundo da lua, nem é agulha em palheiro que
não se pode achar, e a policia por meio de
seus agentes, tem obrigação de descobrir
onde elle está.

—Não vamos a fazer juizos precipitados:
o chefe de policia nestas cousas mostra muito
boa vontade e de certo neste caso elle ha de
empregar esforços para que se esclareça a
verdade.

Esperemos um pouco.

—Nunca vi gente mais susceptivel do que
os soldados de policia!

—Sem mais nem menos estão formando.

—Na quarta feira de noite, lá pelas tantas,
dois dellós foram arejar em casa de umas
conhecidas, no becco do Logo, freguezia de S.
Pedro; mas acharam o ponto occupado.

—Quem primeiro anda primeiro magra.

—Mas elles entenderam que por serem da
policia deviam ter a primazia.

Pucharam das espadas que foi uma *car-
nagem*.

A guarda da vizinhanca pôz-se em alirmy
o official da ronda appareceu e foi desobede-
cido.

—Quem sabe si até insultado?

—O que eu não duvido.

—Com effeito a ordem publica não pode
encontrar agentes mais pacificos e morige-
rados.

—Capitão, publicou-se o 2.^o numero do
Album, contendo diversos e interessantes ar-
tigos dignos de serem apreciados.

—Vou mandar recommendar a sua leitura.

—Consta-nos que o Sr. capitão Braga mos-
trou-se bastante exasperado, na quarta feira,
contra o *Alabama*.

Não sabemos a razão, porque aliás natri-
mos sympathia por S. S.

A pessoa que nos informa, diz-nos que S.
S. em sua exacerbação blaterou contra a de-
masiada liberdade que tinham as *gazetinhas*
nesta terra.

—Que penal!

—E depois acrescentou:

«Que era rapaz solteiro e podia entrar onde
quizesse.»

Quem será capaz de lhe contestar esse di-
reito?

S. S. pode entrar onde quizer, para o que
até pode muito concorrer a sua posição.

Mas realmente não sabemos ao que veio
isso, quando ninguem lhe perguntou.

Si é exacto que por tal está S. S. estoma-
gado conosco, desenfade-se. Creia piamente
que ninguem se mette com sua vida.

O que reprovamos, e como nós os caracte-
res moralizados, são outras cousas.

—No Rio de Janeiro, a policia de quando
em vez dá na casa dos *adelos* e *belchors* e
nunca seus passos são de balde; sempre en-
contra objectos furtados.

—Ainda ha pouco eu li que fôra apprehen-
dido um relógio do visconde de Gequitinho-
nha, furtado ha muito tempo.

—Aqui, a policia tem sciencia de uma

casa destas que compra roubos, é mesmo encontrado dous paletots nestas circumstancias, indica-se-lhe como agente um individuo a quem a policia conhece de sobra, o famigerado Angelo piloto, e ella fica què-la como um paralytico, e deleixadamente consente que o dono do covil por dous dias consecutivos leve a pôr os resultados de sua industria em porto-salvo.

— São escrupulos.

— A policia que apicaga um cidadão com cadeia por causa da publicação de uns escriptos que ella teima em affirmar ser elle o author, receia varejar uma casa de negocio suspeita de comprar furtos! Ora viveram!

— Falleceu hontem, na guarda de palacio, o Sr. Manuel-Tranquillino dos Reis.

Antigo e intelligente caxeiro de escripta no commercio, cahiu, de certo tempo, em decadencia de espirito, e levava uma vida automatica.

O Sr. Dr. chefe de policia praticou uma obra de charidade concorrendo para ssu enterro.

— Morreu abandonado, coitado.

— Vaidade mundana em que te fundas?

— As authoridades concorrendo para se reduzir a escravidão pessoa livre.

— Isto é um absurdo.

— O Cearense traz um caso em que os agentes de policia são conniventes.

— Quero ouvir isso,

— Pois vou ler:

E MUITA PERVERSIDADE.

« Quando por toda parte e especialmente nesta provincia vai sendo abraçada por todos a grandiosa e humanitaria idéa da emancipação do elemento servil; é nos sensivelmente doloroso consignar o seguinte facto, que nos communica do Aracaty uma pessoa mui respeitavel.

O portador desta é o Sr. Manuel Antonio da Costa, morador na serra do Pereiro que vai embarcar ali com destino ao Rio de Janeiro, affim de tratar de um negocio de muita importancia: convindo que V. leve o facto ao conhecimento do publico, vi to ser uma verdadeira perversidade das authoridades de Mossoró, provincia do Rio-Grande do Norte.

Em 23 de fevereiro deste anno uma filha do Sr. Manoel da Costa de nome Angela e de idade de cinco annos, brincava no terreiro da casa, no Pereiro; aconteceu porem que afastando se um pouco de casa, desappareceu. Só fait u aos pobres paes enloquecer, tanta foi a sua afflicção, o seu desespero. Tempos depois desvendou-se o mysterio

A infeliz creança tinha sido furtada por quatro perversos, que a foram vender em Mossoró por quatro centos e cincoenta mil reis, quantia que foi repartida entre elles, pelos quatro miseraveis.

A creanca foi embarcada dentro de uma barrica! E' horroroso.

A pessoa que a comprou em Mossoró embarcou a para o Recife, onde foi vendida e d'ali remetida para o Rio de Janeiro. Infeliz creanca! que de mar-

lhos, que de soffrimento não teri passado!

Haverá em nosso collegio uma pena bastante para punir esses perversos!

Mas qual, si elles encontraram apoio nas authoridades tanto do Pereiro como do Mossoró!

Não ha nisso admiração, quando aqui na capital em face das primeiras authoridades da provincia um bandido dos lados da Vicosa vendeu no fim do anno passado quatro homens livres, e o que é mais notavel é que esse perverso conseguiu eva tir-se do quartel de primeira linha on le se achava preso.

Chamamos entretanto a attenção do governo para um facto de tanta gravidade.»

— O *Jornal* de quarta feira dá noticia de que o Sr. major Pinheiro foi espancado em sua roça por individuos que queriam roubar laranjas a um seu escravo.

— Mas todo dia se está clamando que as estradas de Brotas e Armação estão infestadas de ladrões e eu não vejo providencias.

As ganhadeiras são atacadas, mulheres violentadas, casas arrombadas, e nada nem nada.

— Porem desta vez a policia andou ligeira como uma cutia.

Homens que iam roubar, e que de mais a mais, espancaram o proprietario, se deixaram ficar ali imbecilmente até chegar o subdelegado para prendel-os em flagrante!

— Esta é dura de roer!

— E onde? Em Brotas!

Aqui na cidade, há um conflicto e custa a se encontrar o subdelegado; em Brotas, onde as moradas são disseminadas, o subdelegado chega por encanto a tempo de prender os tarapios em flagrante!

— E' um proceder irregular, de moças, que se dizem honestas, descompeem e insultam aos visinhos.

— E' um procedimento deste não é proprio de moças donzellas, e sim de mulheres do hecco do Greló!

Eu duvido que haja chefe de familia que consinta suas filhas insultarem, com palavras e com gestos, aos moradores visinhos.

— V. diz isto porque não é visinho do escrivão *leirão*, do contrario havia de ficar enjaado com as palavras e gestos obscenos de que servem-se as filhas delle para insultarem a quem procura estudar o meio de viver tranquillo em sua casa.

Ora, na quinta feira, folhearam o seu dicionario de descomposturas, só porque participou á ellas, uma sua visinha, filha do conego *Ciri*, que haviam sahido no *Alabama*.

— Quem conhece este devasso conego que, no Terreiro, levou bofetadas de uma negra, a ponto de ficar com a cara arrebatada, faz logo uma ideia do que são as suas filhas.

Mas o que foi que sahio com ellas no *Alabama*?

— Foi o seguinte:

— «Lia Leonor, V. não foi a missa hoje?»

— «Eu não; hei de ir, querendo Deus, na noite de Natal.»

— «Pois V. *afilhada* de um conego, devia ser beata.»

— «É o que V. pensa, elle não quer que a gente vá a festas e nem se confesse, diz que basta se viver contricto e confessar-se de coração á Deus.»

— «Apoiado!»

— «Mas ao que vem este dialogo?»

— «Era a *afilhada* de um conego, como ja lhe disse, que conversava com a filha de um *escrivão*.»

— «E ao que veio V. narral-o?»

— «É para lhe mostrar o que são os *padres*!»

«Si vai alguma *pessoa* se confessar e diz que nunca o fez, o *padre* manda logo levantar-se, por não se ter confessado; exige logo confissão geral e outras cousas mais que só elles entendem; ao passo que aconselham aos seus *afilhados* que não se confessem!»

— «São assim as cousas, elles sabem a razão porque aconselham aos *afilhados* isso.»

— «por isso que ellas *insultaram*?»

— Sim; por que junto dellas mora um *moço* da *typographia* em que se imprime este *periodico*.

— Insolentes! Uma por ser filha de conego suppõe se que ja é *cousa*; as outras, como são filhas do antigo *sargento* de *policia*, transformado em *brutal* e *estupido escrivão*, e por que são *irmans* do *bacharel pinto de barrete*, um dos *dictadores da republica do lençol*, julgam-se *fidalgas* e com *direito* de *insultarem* á todo mundo!

— Pois bem; ellas que continuem com esse *procedimento indigno*, dellas; mas proprio de *mulheres perdidas*.

— Quem com muitas *pedras bole*, alguma lhe dá na *cabeça*.

Lê-se no *Cearense*:

«BAPTISMO DE LIBERDADE.»

«Hontem receberam agua lustral da *liberdade* 33 *criaturas*, nascidas no *captivoiro*, que foram *libertas*, 20 por conta da *provincia*, e 13 de *particulares*.»

Foi um acto *imponente* e *solemne*, tanto pela *novidade* do *objecto*, como do *apparato* do dia *natalicio* de S. M. o *Imperador*.

Ao meio dia, no *salão* de *palacio*, apresentou-se a *comissão emancipadora* conduzindo as *crianças libertas*, que foram todas bem *vestidas* e com as *fitas symbolicas* da *nacionalidade*, presente o *Exm. presidente*, o *corpo consular*, a *cleresia*, a *officialidade* da *guarda nacional*, e grande parte dos *cidadãos* *grados* da *capital*, o *relator* da *comissão*, o *senador Pompeu*, dea conta dos *trabalhos* da *mesma* lendo um *discurso*; o *bre* o *assumpto*, em seguida passou as *mãos* de S. Ex. o *Sr. presidente* os *títulos* de *manumissão* *confeitos* á essas *crianças*, os *quaes* S. Ex. fez *distribuir*

as *mesmas*, ou as *personas* que as *conluzira*, ao som da *musica nacional*.

Findo este acto o *bacharel Torres Portugal* leu um *discurso congratulatorio* da *liberdade* e dos *sentimentos* que ditara este *primeiro passo* de *emancipação*.

Com *effeito* está dado o *exemplo* e com a *maior solemnidade* e *enthusiasmo* *possivel*. Como a *pedra* que rola do *alto* do *rochedo* e cae *fatalmente* ao *valle*, assim a *idéa philantropica* da *regeneração social* desta *parte* *desherdada* da *humanidade*, ganhando o *espírito publico* vaé a *suas ultimas* *consequencias*.

Houros aos *iniciadores* desta *grande idéa* *entre n'os*, *louvores* pois, a *assembléa* que a *decretou* e o *illustre presidente* o *Sr. desembargador Freitas Henriques*, que não *receiu* pela *execução*.

Em seguida teve *legar* o *cortejo* a *effigie imperial*, e a *parada* *egualmente* *brilhante* da *guarda nacional*.

— Agora dá *licença* para uma *pergunta*?

— Porque não?

— A *assembléa* da *Bahia* o que fez a *favor* da *emancipação*?

— Nada vez nada.

À PEDIDO

— Então, *capitão*, a *conlucta* do *sargento* é *excellente*?

— É muito *intelligente* e *apto*.

— Por isso é que V. S. *influe* para que elle *ande* *constantemente* em *commissões*?

— Exactamente; é um dos que *melhor* *sabem* *fazer* o *serviço*.

— De *maneira* que o *homem* está *condemnado* a *viver* por *essas brehças*.

É *chegar* de uma *comissão*, *passa* *uns* *quinze* ou *vinte* *dias*, é logo *tirado* para *outra*.

— Não *pode* *deixar* de *ser* *assim*: a *boa ordem* do *serviço* *reclama*.

— Ah, *maganão*! V. ha de *me pôr* o *pé* em *casa*, quando eu *fôr* *carcereiro*!

— Dê-me uma *explicação*.

— Ande lá, *meu ríco*, *pensa* que *vivo* n'Aldeia e não *conheço* os *caboclos*?

Só *lhe digo* que *quem* não *sabe* é *como* *quem* não *vê*.

Mal *sabe* o *pobresinho* que *enquanto* *anda* *batendo* *essas estradas* e *matto*, o *Sr.* por *ei*, *interessa-se* tanto *por* *elle* e *por* *tudo* o que *lhe pertence*!

— Não *compreendi* *palavra* do que *disse*.

— Pois então *variemos* de *assumpto*.

Quer que *lhe conte* uma *historia*? Si *quer* que *lhe conte*, *lhe contarei*.

(*Continua.*)

— O *ladraão* do *linha* nos *aves* foi *chamado* a *prefeitura*.

— É o que *disse* *elle* a *respeito* dos *roubos* *comprados* a *seu collega* *Angelo* *cara-olho*?

— *Negou* em *faco* do *artista* que *tal* *paletot* não *lhe vendera*.

— Que *saltador*!

Que *bandido*!

— É uma *alma* de *poreo*; não *tem* *consciencia*.

— Como se arranca assim o suor do pobre artista, que Deus sabe com que sacrificios destaz-se de 8\$ ou 10\$ rs. para comprar um paletot com que possa sair a rua, afim de cuidar na vida e ganhar o pão para sua familia!

— E depois passar pela vergonha de em um bello dia, na rua, apparecer o dono do objecto roubado e desfeital-o publicamente!

— A policia deve abrir os olhos com este ladrão.

E o consiguatario da companhia do olho vivo e até caixas de galão de ouro elle compra.

— Já no tempo do avô elle praticava essas gentilezas e não foi por boas obras que esteve a bordo de um navio de guerra.

— Tem uma propensão tamanha para ladrão que roubou a propria mãe e avô: esta já morreu de desgostos e aquella anda ali na miseria.

— Que monstro! que refugo da Lumanidade!

(Continúa.)

— Capitão.

— O que é rapaz?

— Uma madrugada destas, sahi para tomar ares, e achei esta cartinha.

— Em que logar?

— Atraz da Sé.

— O que diz?

— Escute:

«*Meu Braguinha.* — Ontem lhe esperci até uma hora da noite e V. não veio! Não deixe de vir hoje; porem venha á meia noite, por causa do Dr., não páre o cavallo na ladeira por que elle ja desconfiou e anda de espreita. Outro dia quando V. estava em baixo elle estava espiando na esquina de cima. Por isso lhe peço que tenha cuidado. Não deixe de vir consolar a sua

A»

NOTE.

*Quebre-se o sceptro do papa,
Faça-se delle uma cruz.*

(Castro Alves.)

COLCHEIA.

E' uma idcia mui guapa,
Razoavel, liberal!...
Que em governo temporal,
Quebre-se o sceptro do papa. —
Só a um ente bruto escapa
Ver, da razão, nisso, a luz!...
Pois só deve elle ter jús
No governo espirital!...
Do seu sceptro temporal
Faça-se delle uma cruz!..

Adverte-se a certo inspector do Pilar, cujos fundos dão para a Rua do Págo, que ponha cõbro na gente que tem em casa, pois a visibilidade não está prompta para ouvir a cada passo palavras que só ditas no becco do Grelo podem ser toleradas.

O José.

Duas primas unem-se tanto que renunçiam a cazar-se para não se separarem.

Oh, si a natureza se pudesse transformar, então outros gallos cantariam.

O hymeneu havia de realisa-se.

Sr. Redactor. — Havendo sobre mim desconfianças por causa de uma publicação feita em seu periodico sobre vispora no Terreiro, desejo que V. declare ao pé deste si fui eu o author de semelhante publicação.

Seu respeitador e criado.

Manuel José Vaz.

O Sr. Manuel José Vaz não concorreu para publicação alguma sobre o vispora do Terreiro.

A Redacção.

Tonico,

Como segue para ali a Marcelina, minha *cará*, não quiz perder o portador.

Ainda hoje não te posso contar o que te prometti, por que faltam-me uns papeis que a viava deu ao Totouho e elle foi para Belem; mas assim que elle chegue, eu verei si os obtenho e te mandarei para veres que de cousas.

Assim meu chiaro, si quem morre pudesse voltar a este mundo!...

Adeus

Marcolindo.

NOTE.

*Sentada em certo logar,
Escreveu me a minha bella!...
O papel trouxe o cheirinho
De certa cousa amarella!...*

GLOSA

Com a minha bella um dia,
Eu a sós quiz conversar,
Em seu quarto... e ao entrar
Perdi toda a poesia!...
De vergonha ella então fria
Ficou por eu vê-a estar
Ahi... pois sem esperar,
Encontrei a bella dama
Junto aos pés de sua cama
Sentada em certo logar...
Surprehendida e de pejo
Fitou os olhos no chão!...

Eu no mesmo instante, então,
 Vocei d'ali n'um lampejo!.,.
 Porque tive nesse ensejo
 Vergonha do ver aquella
 scena triste... e por cautella
 Retirei-me, um pouco afflicto!...
 Mas depois d'esse conflicto
 Escreveu-me a minha bella.
 Dizendo—que no outro dia,
 La fosse p'ra lhe fallar,
 Que estava a me esperar ..
 Mil desculpas me pedia;
 E que muito ella sentia
 D'eu vel a em tal desalinho...
 Que por ser eu seu bemzinho
 Não quer pois que assim lhe fuja...
 —Mas da mão della inda suja,
 O papel trouxe o cheirinho!!

Eu que alem de ter perdido,
 Toda a influencia d'amor,
 Senti da carta o edôr;
 Lhe respondi aturdido
 Pelas nauseas que soffrido
 Tinha da carta da bella,
 Alem de tor visto aquella
 scena cheia de azedume...
 Que o papel trouxe o perfume
 De certa cousa amarella.

Certo rapaz *petit-metre*,
 Como muitos que ha, madraço,
 Viu certa gentil menina
 Pretendeu a pôr no laço.
 Depois de ja ter às gambaias.
 Dado muito que fazer,
 Bordado papel comprou,
 Para a menina escrever.

Quanta parvoice veio
 A sua imaginação,
 Foi então garatujando
 O inepto toleirão.
 Obrejou e perfumou
 O escripto chamariz,
 E enviou á menina
 Que recebel-o não quiz.
 (Eu creio, que ja a moça
 Possui um outro amante;
 Pois tal gente gosta muito
 De rapaz que é tafulante.)
 Tornemos ao *petimetre*:
 Foi-lhe a carta devolvida:
 E o rapaz desapontado
 Esteve a perder a vida.
 Em papel mais delicado
 Escreveu segunda carta,
 E assim principiou:
 Amabilissima ingrata,

• Quando esta á tuas mãos
 «Te chegar, ó peito infido,
 «Ja muito tarde será,
 «Pois ja tero succumbido.»

Uma grande cantilena,
 Por ali iniciava,
 Afinal o—*Note bem*
 A maçada arrematava.

A moça que era gaiata,
 Gostou da tal carta ler,
 E depois por esta forma
 Quiz a carta responder:

«O requerimento é lindo;
 «Mas está indefinido,
 «Pode, quem o escreveu,
 «Ficar dispersuadido.

«No seu tenaz desespero,
 «Rôa rolhas de cortiça,
 «E si a mais tempo não morreu
 «Foi de certo com preguiça.»

Sabendo o rapaz de tal,
 A moça logo olvidou...
 Agora, charas leitoras,
 Um conselho eu vos dou:

Quasi sempre não conlize,
 A roupa com o coração;
 Todo rapaz adamado
 E' perfeito toleirão,

—No arsenal de marinh grassam camaras
 de sangue.

Os meninos estão morrendo.

—E' preciso a quem compete acudir com
 providencias.

VARIÉDADES

FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO.

—Em Geoningue (Paizes Baixos) succedeu
 um caso, que provará aos mais incredulos
 que a Providencia, mais tarde ou mais cedo,
 pune sempre os culpados. E' muitas vezes o
 pagamento dos malefeitos pago a boca do co-
 fre, como neste caso. Um mal-casado, ou
 para melhor dizer, o marido de uma pobre
 mal-casada lembrou-se um dia de se desfazer
 da companheira a quem n'outra hora mais
 abençoada jurara inteira protecção. Esperou
 o assassino pela hora do jantar para mais a
 seu salvo envenenar a mulher. Quando esta
 momentaneamente se levantou para ir buscar
 um acepipe que estyora preparando para o
 regalar, dentou-lhe ello no prato a dose, que
 havia dias, trazia sonogada na algibeira. As-
 sim que a mulher se tornou a assentar á me-
 sa, sob um pretexto frivolo, levanta-se o mal-
 vado. Ia esta comer, muito desprevenida, eis
 si não quando uma bojudá aranha, que lá

pelo tecto andava á caça para se distrahir dos seus labores do tecto, quebra o fio e e de justamente no prato da sentenciada. Deitar o incauto insecto para o chão, foi obra de um momento, mas ficou-lhe o estomago tão embrulhado, que não pôde continuar a comer, e trocou o prato pelo do marido, que ainda não vottara, e comeria sem repugnancia. O envenenador chega, e come da tal iguaria, que o fez espirar em poucas horas com ancias horribes.

Bem teitol...

MISCELLANEA.

Filho de porco é leitão,
Filho de bode é cabrito,
No mangae mora o mosquito,
Gallo castrado é capão;
Mulher tarasca é dragão,
Sauna grande é tainha,
De trigo se faz farinha,
Pequena igreja é capella,
De barro se faz panella
Quem põe ovos é gallinha.

Carga de peça é balame,
Lombo de carne é *roas beef*,
Todo bregeiro é patife,
Fio de cobre é arame;
Soldado tem correame,
Todo medroso é mofino,
E' mui ventoso o pepino;
Quem como muito é glotão;
De lenha se faz carvão.
Quem mata gente é assassino.

Toda espora tem roseta,
Toda escada tem degrau,
De gomma se faz mingau;
Adulador é espoleta,
Quem é capenga é maneta;
Jardim pequeno é rocio;
Todo peralta é vadio.
Quem requer é supplicante;
O amar firme, é constante;
Não ha sobrinho sem tio.

Todo rei tem majestade,
Senador tem excellencia,
Quem vende tem paciencia,
Quem tem má fé, tem maldade,
O preso quer liberdade,
A moça quer casamento,
Todo usurario é avarento,
Todo tratante é maroto,
Dirige a nau o piloto
Navio tem catavento.

FLEUGMA INGLEZA.

Em um dos dias do outomno, que em Lon-

dres são tão frios como os do inverno, estava um estrangeiro lendo um periodico em certo botequim. Um inglez que estava sentado na meza fronteira, chamou fleugmaticamente o caxeiro:

—Rapaz, como se chama esse senhor que está fumando um cigarro e lendo um periodico?

—Não sei, Mylord.

O inglez ergueu-se, dirigiu-se ao mostrador e perguntou á dama encarregada do expediente:

—Miss, como se chama esse senhor que está fumando um cigarro e lendo o jornal?

—Não é freguez, Mylord, não sei.

—Very well. Onde está o dono do café?

—Aqui estou myllord.

—Good morning .. Como se chama aquelle senhor que está fumando e lendo um periodico?

—Não sei; é a primeira vez que o vejo.

Então dirigiu se á propria pessoa e disse-lhe:

—O senhor, que fuma um cigarro e lê um periodico, como se chama?

—Julio Janin.

—Pois, Sr. Julio Janin, o seu paletó está ardendo.

Já era tempo; a aba do casaco estava feita em isca.

EPIGRAMMAS.

A UM MEDICO QUE PARA INCULCAR DE TER MUITA CLINICA, ANDAVA SEMPRE A CORRER MONTADO EM UMA BESTA MAGRA.

Doutor, não deves temer,
Que a *magra* te vibre o corte,
Porque de dia e de noite
Andas montado na morte.

ENIGMAS.

Pelos campos, ou na estrada,
Tambem nas praias, ou porto
Apparece certo aborto
Como uma cobra enrolada,
Sem mover-se ou dar dentada
Foge delle toda gente,
Mas o cão si cheiro sente,
Farejando o que procura,
Quando o vê, corre, segura
Ferrando nelle seu dente.

Sou invisivel figura,
Com valor revolvo os mares,
Sacud'agua pelos ares
Batendo os rochedos duros,
Altos palacios e muros,
Arvore, montanha e serra,

Eu para lhes fazer guerra
So meu querer á bastante,
Para ser no mesmo instante
Tudo rojado por terra.

Tres estudantes encontraram um dia pela
manha cedo um judeu, e resolveram fazer
escarneo d'elle. O primeiro disse:

— Bons dias, Abrahão!

O segundo:

— Bons dias, Isaac!

E o terceiro:

— Bons dias, Jacob!

O judeu parecia indifferente; mas, alguns
minutos depois, voltou-se e disse:

— Pois, meus senhores, eu não sou nem
Abrahão, nem Isaac, nem Jacob, mas sou
Saul, o filho de Kys, que sahe para procura-
rar os burros de sou pae; e veja lá, achei-
os todos tres.

PHENOMENO.

«Em Pariz apresentou-se um inglez, a
quem a natureza deu nada menos de duas
linguas, com as quaes falla alternadamente,
produzindo ao mesmo tempo dois sons dis-
tinctos.

«Si fosse mulher, onde iriamos parar?...

«Muitas conhecemos nós, que com uma so
lingua fazem o effeito do phenomeno admira-
do na capital elegante.

«Ao pé d'essas o inglez não fazia fortuna.»

PECCADOS QUE BRADAM AO CEU, SAO QUATRO.

*Privar voluntariamente
Da vida ao proximo seu,
E' culpa que brada ao ceu
Contra o cruel delinqente.*

*Clama tambem, a torpeza
Que commette o racional,
Do peccado sensual
Que é contrario a natureza.*

*Opprimir (é culpa igual)
Pobres, orphãos, desvallidos,
As mulheres sem marido,
E não pagar o jornal.*

Estando certo padre pregando um ser-
mão de cinza, defronte do pulpito se achava
um sujeito de pequena estatura, o qual por
ser pequeno tinha por alcunha o nome de Ho-
mem; e como o pregador dissesse algumas
vezes: «Quem és tu, ó homem? etc. etc. O
pequeno julgou que era com elle, e se ia en-
colhendo para não ser visto pelo pregador;
porém como este repetisse mais vezes a mes-
ma pergunta, o pequeno julgou incivilidade

não responder e todo desmaiado e balbuci-
ante lhe disse: «Senhor padre pregador, eu
sou o cosinheiro do senhor marquez.»

ANNUNCIOS

Os devotos da Immaculada Virgem da
Conceição, na rua do Bangala, farão festejar
a mesma Immaculada Senhora, no domingo
19, com missa solemne e procissão na ma-
triz de Sant'Anna.

A' noite queimar-se-ha um lindo fogo de
planta na referida rua do Bangala.

Espera-se a concurrencia dos fieis devotos
tanto na missa, como ao fogo, esperando do
genio ordeiro que caracteriza este povo, que
ali compareçam pacificamente com o fim
unico de abrillantar aquella festa em louver
da Rainha do Orbe.

PARA QUEM GOSTA.

Acha se nos prelos na lytographia do habil
artista o Sr. Odilon, e breve sahirá a luz a
modinha intitulada—Aviagança e logo que
esteja prompto indicar-se-ha os pontos onde
será exposta a venda.

Scraphim Pinto Martins convida aos seus
devedores a virem saldar suas contas até o
fim de dezembro, para não passarem pelo dis-
sabor de verem seus nomes publicados.

Bahia 17 de dezembro de 1869.

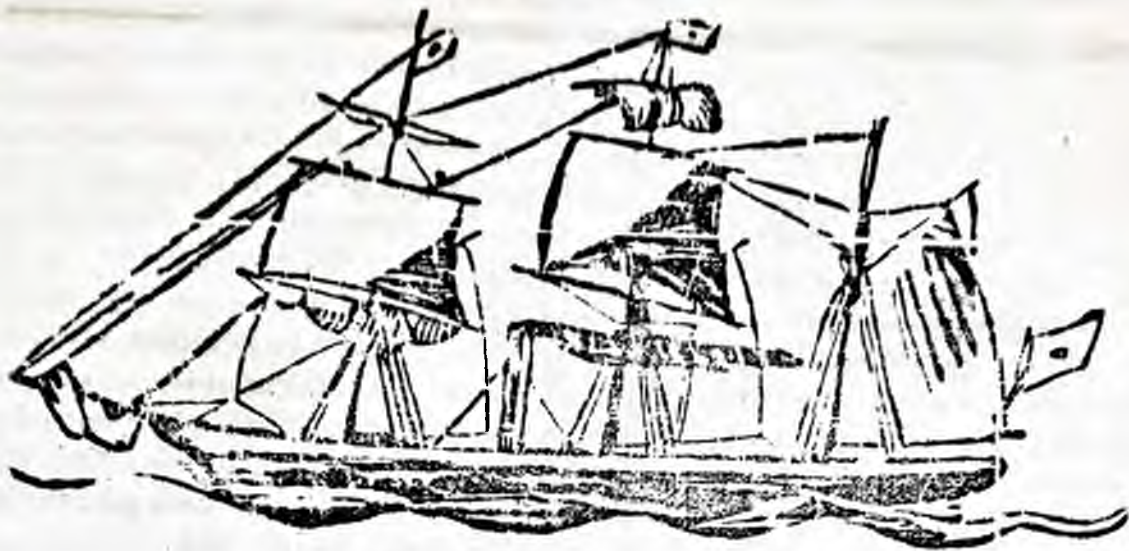
ATENÇÃO, RAPAZEADA.

Aproveitem, que está se queimando no de-
posito de charutos de Augusto Rodrigues
Monteiro, na rua de Baixo de S. Bento n.º
51, o seguinte: charutos finos de bons fabri-
cantes, cigarros de diversas qualidades, fu-
mo picado, bolsas de borracha, mortallas,
pallas de milho, cachimbos cobertos e des-
cobertos, ponteiras para charutos e cigarros,
phosphoros de segurança do melhor author,
em caixas grandes a 60 rs., vidros e torcidas
para candeeiros de gaz, folhinhas de La-
emmer para 1870, diversas miudezas e tudo
o mais que se encontrará no dito deposito á
vontade dos bons amigos e freguezes, sendo
bem servidos em toda e qualquer quali-
dade destes generos.

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORI-
SAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soc-
corro**—estabellecido á rua Direita da Miseri-
cordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do
Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer em-
prestimos sobre qualquer penhor; tambem
compra prata, ouro e joias.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 60

Preco d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

22 DE DEZEMBRO DE 1869.

N. 591.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
21 de dezembro de 1869.

Officio ao Exm. e Revm. Sr. arcebispo, chamando sua respeitavel attenção para o sacrilego procedimento de um especulador, que nas segundas feiras munido de uma caveira humana anda esmolando para as almas, devendo seu atrevimento a dirigir serias as pessoas que se negam a concorrer para essa nova e industriosa maneira de viver.

Espera-se que S. Ex. Revma., por credito desta religião de que é digno pastor, tomará acertadas medidas que façam cessar tamanho escandalo.

Portaria ao muxingueiro Exaristo, ordenando-lhe que vá, a freguezia da Penha, munido das suas bolas, dar cabo da extraordinaria malta de cães que há n'aquella freguezia, não só pelo grave risco que corre o publico, como pelas scenas indecentes que dão causa, na presente quadra em que as familias affluem para aquelle sitio. Cumpra.

— Conte-me, em que empregou o seu dia de domingo.

— Andei pelas egrejas, capitão.

— Eu sei que V. é um freiratico dos peccados.

— Não perdi meu tempo, capitão.

Vi um caso o mais burlesco e irrisorio.

— Já agora quero ouvir-o.

Entrei em uma freguezia onde haviam muitos baptisados. O vigario estava paramentado, regenerando as almas do peccado original.

Logo que acabava de administrar o Sacramento, recebia a paga.

Um africano, enrolou dez tostões em um papel e pagou ao padre seu trabalho.

Ah! capitão, só visto, por que contado é historia.

Quando o bom do levita de Jesus Christo viu que o preto só lhe dera 1\$000 rs., assim mesmo com os paramentos sacerdotaes, com a estola sagrada no braço, entrou a bradar no corpo da egreja:

« Venha cá, papae; isso é pouco; dê mais alguma cousa; eu vivo disto e vocês, pretos da Costa ganham muito.»

Sussurro geral houve no templo!

— Mas que quer V?

Não é esse por ventura, o negocio do padre? Sem dinheiro como ha de elle chupar cájus agora, que é tempo de festa?

— Por *Santa Anna*, capitão! Eu quero que o padre ganhe pelo seu ministerio; mas tambem quero que se guarlem as apparencias! Porem que no templo d'Aquelle, que fastigou os mercenarios e traficantes, se ajuste os officios Divinos, como uma posta de xareu no Pelourinho, é indecoroso, é horrivel.

— Rapaz, «faze de tua parte, que eu te ajudarei,» é um conselho moral; si o padre não

espichar, todos choram necessidade, todos allegam pobreza, e elle fica reduzido a expressão mais simples: e o padre não come vento, nem ha de vender *castanhas* para passar.

—Está bom, capitão, eu me retiro; V. Ex. hoje está muito apologista dos padres.

—Pois tudo quanto é pomadista, ha de fazer deste povo seu pau de mecher bêsta!

—Eu não sei com que cara nos acham.

—Vejo nos jornaes annunciado pão de duas libras a meia pataca...

—Eu tambem li, mais achei que era muita felicidade.

—...mando a padaria Poison comprar da tal maravilha, e fico com perfeita cara de basbaque. O pão não tem mais que libra e uma quarta, e a farinha, si não é pessima, não dista muito desta qualidade.

—De toda maneira cassnam com o povo!

—Com tal chamariz, os papalvos correm, comem a pilula e os sabidos enchem os bolsos.

—O exemplo vem de cima. Si elles veem o governo despachar um requerimento de uma forma e mandar publicar na folha official outra cousa.

—Com tudo não é bom brincar, la virá um dia em que o povo não esteja de humor a tolerar zombarias.

—Ninguem sabe como ha de acabar!

O Tranquillino morreu á mingoa!

—Voltas do mundo!

—Quatro dias pensando sem ter um caldo para tomar!

Morreu exhaurido e sem alento!

—Mas tambem, que incuria dos commandantes da guarda! Porque não participaram ao subdelegado?

—E' que o coitadinho tinha de cumprir a sina a que foi fadado.

—Ah! meu Deus, e ninguem se revê nesses espelhos!

—Capitão, si Roma tem admittido o culto das Imagens, porque si ha de consentir que ellas sejam objecto de escarneo e profanação?

—Eu sei?... entenda-se com o areebispo.

—Ora, tenho passado no Terceiro, e vejo n'uma loja de trastes e roupas velhas, uma porção de quadros e imagens egualmente expostos á venda.

—O homem negocia, quem consente é que tem culpa.

—As vezes, a par de tres ou quatro saias velhas dependuradas na porta está um quadro do Senhor do Bonfim; sobre um catre ou talvez de alguma meretriz está a Effi-

go da Immaculada, sobre qualquer cacareco sordido vê-se a Imagem do Menino Deus!

E nem pode ser de outra forma n'uma casa atravancada de cangalhos velhos.

—Ihe affianço que não é porque ali não passem o provisor, o deão, os cônegos, os vigarios.

A alguns até ja la tenho visto comprando.

—E como ali em outras muitas partes presencia-se cousa tão triste e feia.

Vê-se n'um ombrúglio objectos mundanos do mais abjecto uso com os symbolos sagrados da religião infavel.

—Os padres não dão cavaco!

V. não vê em qualquer biboca, em qualquer corredor de sobrado, em qualquer tenda de barbeiro ou sapateiro, em qualquer taverna, no meio das pipas, armar-se um altar a Nossa Senhora da Conceição ou a Santo Antonio e os padres sancionarem?

—E porque não? A Imagem sahe dalli na cabeça de um moleque para a egreja, diz-se uma missa pela qual os padres chupam, pelo menos, cinco mil-reis e é o que elles querem.

—Depois, pouco se importam que na volta, role a bebedeira, pratique-se quanta obscenidade ha, cante-se modinha e toque-se violão, digam-se chufas torpissimas tudo em festejo do Santo.

—O cidadão deste paiz vive entregue a toda casta de arbitrariedades.

—E' a verdade nua e crua que V. está dizendo.

—Vive exposto a prepotência das authoridades, sujeito aos desvios dos esbirros da policia e ao capricho dos malsins da guarda nacional!

—Por V. fallar nisso o batalhão de Sant'Anna tem feito o diabo.

—Era ali mesuro que eu ia bater.

Em que é que se fundam esses commandantes de batalhões para mandarem uma borda de homens imprudentes e provocantes pelas ruas a pegar a torto e a direito?

—O batalhão de Sant'Anna tem commettido os maiores excessos e violencias, a tal respeito.

—Eu desejava saber si o commandante superior tem sciencia, ou si é com sua authorisação que se exerce-tão illegal pressão sobre a população.

—Não sei para que serve haver um conselho de qualificação todo anno, si os commandantes tem poder em suas mãos para fazerem seus guardas a quem bem lhes aprouver.

—No 3.º batalhão levam o desrespeito a lei, ao ponto de prenderem um rapaz, de nome Clemente, estudante, desde o dia 10, e até

hoje ainda não communicaram na parte a sua prisão!

Um outro, Thomaz d'Aquino, está preso ha 6 dias.

—E' até onde pode chegar o menas-preço a lei!

—Que em forçar o liontem a servir e por isso conservam o preso em segredo, sem darem parte ao commandante superior.

—E leva um cidadão soffrendo em sua liberdade 12 dias sem ter commettido crime!

—E no fim de contas, quando sabe, não ha ninguem responsavel por tanto arrojo em ferir a lei!

—Deu o *Jornal* de domingo?

—Ainda não; traz alguma cousa?

—A certidão da idade da filha da garhadeira Rosa, a menina Ricarda, deflorada por Januario F. B. do Sacramento.

—Para que? Com que fim?

—Para mostrar que ella está fora da protecção da lei, porque tem 17 annos.

—Foi bom haver queir tivesse esse cuidado *exponctaneo*.

Mas tambem o que a lei não manda é *escabriar* a mãe que procura reparar a deshonra de sua filha, embora esta seja de maior e lade.

—Homem! a morte tem sempre desculpa.

Eu vi aqui como pozeram de *curral apertado* a um tal Vicente, por suspeita de haver deshonrado a uma moça maior.

Prenderam o homem, ameaçaram-o e o fizeram ir ao Rio sem querer.

—E Vicente não foi encontrado no quarto da offendida, não desrespeitou a authoridade, eom asserções torpes na narração da acção má que praticara; escarnecendo de uma pobre mãe, irrogando-lhe a injuria de haver concorrido para a prostituição de sua filha, nem tambem andou alardeando a desmarcada protecção com que foi absolvido.

—Ora pipocas para as cousas deste mundo!

—Poís não ha quem veja um cadaver que está boiando nas aguas do dique!

—Já se tirou.

—Quando?

—Segunda-feira; por ordem do chefe.

—Mas o subdelegado que estava mais perto, nem deu fé.

—Ah! esse nem foi possível encontrar para fazer o corpo de delictó.

—Entretanto, é um homem bem diligente!

Pega a mão larápios que vão roubar laranjas, quebram a cabeça do proprietario e se deixam ali ficar até que a authoridade seja avisada para vir prendel-os.

—Capitão, esta terra não vae bem.

Esbulha-se o direito de quem tem; calca-se a lei aos pés, e para remate falta-se a verdade officialmente!

Ninguem, sendo fraco, está isempto da prepotencia e do arbitrio!

—Eu creio que V. está muito exaltado.

—Escute si en' tenho ou não razão.

Emyglío José Soares, foi recrutado pelo subdelegado de Botas e remettido pelo chefe de policia para o exercito.

Tendo isempção legal, requereu ao governo no dia 11, com seus documentos.

O requerimento foi ao chefe de policia para informar, porem Emyglío foi mandado, sem attender a razões, embarcar para o sul, dando-se-lhe este despacho:

«Si ja está a bordo não tem mais lugar o que requer.»

—Si aqui não anda um fim de perseguição, é uma de cabo de esquadra!

Pois por já estar embarcado, escurece-se o direito de quem tem?

Tanto não custa vir de bordo para terra.

—Creio que houve segundo requerimento em que se lançou o seguinte despacho:

«Requeira ao governo imperial.»

—Mas é uma injustiça, uma atrocidade! Si o homem não serve, para que dar-lhe o *incommodo* de ir até a côste; para que massacrar-o em sua liberdade?

—Agora escute quem é o Emyglío José Soares.

Emyglío José Soares é cidadão estrangeiro.

Emyglío José Soares, foi remettido para o corpo de imperiaes marinheiros, pelo juiz de orphãos e auzentes desta cidade em 8 de novembro de 1864, jurou bandeira e sentou praça de grumete na segunda companhia, em 6 de abril de 1865; serviu na armada imperial ate fevereiro de 1869, em que teve baixa por provar sua mãe a sua qualidade de estrangeiro.

—E então, o Sr. Dr: chefe de policia que, dizem, tem tanto receio de complicações internacionaes, a ponto de aconselhar o fiscal geral que não corresse a venda de certo portuguez, concordou com isso?

—Homem! escute o resto:

Emyglío José Soares concorreu com seu soldo para as URGENCIAS DO ESTADO, si é que a guia que lhe deram no quartel general da marinha não mente.

Emyglío José Soares destacou em 18 de maio de 1865 para servir na divisão naval do Rio da Prata no vapor de guerra *Recife*.

Serviu na *Nietherohy* e no *Recife*, trez annos, voltou ao Rio de Janeiro a 18 de fevereiro de 1868, onde sua mãe, que ali re-

side, provou sua nacionalidade, em consequencia do que teve baixa.

Emygdio José Soares serviu todo este tempo com distincção, merecendo louvores de seus commandantes, como prova a sua baixa.

Emygdio José Soares, volta a Bahia, e por caprichos é recrutado e violentamente mandado para o Rio sem se attender a seus direitos e immunidades!

E acrescentam: o motivo que deu causa a Emygdio ser recrutado é bem desairoso para alguém.

Isto é terra?

—Sabe qual é o resultado?

Elle chega á corte, o consul de sua nação reclama-o, é in continenti posto em liberdade e em cima mijam-se de satisfações.

A PEDIDO

—Capitão, ouça um caso que, com quanto já esteja no dominio publico, todavia quero que V. Ex. o aprecie, com as minuciosidades que se deram!

—Sabe que sempre me achará prompto para isso.

—Saturnino José Correia, que ha pouco foi demittido de 3.º supplente da subdelegacia da Conceição da Praia, *além do serviço publico*, com dois dias e meio de exercicio, mandou chamar a José Antonio Vieira, por lhe ter ido queixar se um creoulo de haver feito com elle uma troca de um collar e lhe haver Vieira dado outro de ouro inferior, até sem estar *contrastado*.

—José Antonio Vieira, recebendo o chamado do subdelegado, respondeu ao ordenança que *não ia, porque não era nenhum reu de policia*.

O subdelegado, não obstante entreter relações d'amizade com Vieira, mandou o inspector de quartelão intimar-o para comparecer em juizo, sob pena de desobediencia; mas Vieira não obedeceu a intimação, chateou d'ella.

Momentos depois trocaram-se correspondencias da secretaria da policia para casa de Vieira e do subdelegado.

O subdelegado vem a policia, exige do Sr. Dr. chefe sua coadjuvação para a prisão do negociante Vieira, empenhando sua palavra que Vieira não tiraria na prisão o seu chapen, pois atraz d'elle iria o ordenança com a soltura; mas o que queria era não se desmoralisar.

Mas sabe o que havia de dizer o chefe ao subdelegado?

Disse que si elle procedesse assim com um sapateiro, um alfaiate, ou pedreiro, bem; mas com um negociante — *é horroroso!*

—Hum! V. esta gracejando, porque o Dr.

Cicero d'Assis é incapaz de dizer isto, pelo menos eu faço justiça ao seu caracter!

—É um bello caracter, perdoe gabal o; mas sabia-se com esse descebo, segundo affirma o proprio subdelegado.

Ainda não fica ali a cousa: o subdelegado estava na secretaria da policia, e ignorava que Vieira estava ali ouvindo tudo quanto se passava entre elle e o chefe, e quando elle pergunta-lhe:

«O senhor deseja fallar ao Vieira? si deseja elle ali está, e, abrindo um resposteiro, o negociante Vieira appareceu!

—Safa! isto chama-se a authoridade superior desprestigiada a authorida inferior!

—Isto chama-se jogarem as cristas os conservadores.

—Pois lá se avenham!

Sr. redactor do *Alabama*. — Eu não desço a dar satisfações a quem quer que me attribua infamias e calumnias; mas, por amor a verdade, rogo-lhe eleve sua bondade ao grau de declarar si teve parte na publicação de artigos allusivos aos Srs. Vicente Domingues Lopes e Augusto Candido Nobre Figueirôa.

Augusto Pinto Paça.

De maneira nenhuma.

A Redacção.

—Capitão, que nome terá o superior que vale se da posição para arredar a seu inferior, afim de, á vontade, satisfazer desejos lascivos e torpes?

—É um miseravel servandija.

—Pois eu vou ao *mallo* e na volta hei de lhe contar uma historia de certo conquistador lá das bandas de *Sant'Appa*.

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado — **Monte-Socorro** — estabelecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer empréstimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

PARA QUEM GOSTA.

Acha se nos prelos na lytographia do habi artista o Sr. Odilon, e breve sahirá a luz a modinha intitulada — *A vingança* — e logo que esteja prompto indicar-se-ha os pontos onde sera exposta a venda.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao bello do Arcebispo qda da rua do C... n. 17.

Serie 60

Preço d'assignatura — 4 \$ rs. por serie de 40 nmeros, ou 6 \$ rs. por 6 series.

BAHIA

25 DE DEZEMBRO DE 1869.

N. 592.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
24 de dezembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia-
solicitando providencias para que seja remet-
tido ao consul de sua nação um estrangeiro,
de nome Alexandre, que em estado de lasti-
mavel penuria, vaga sem abrigo pela Calça-
da, dormindo pelas portas e soleiras das ca-
sas.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Penha, re-
commendando-lhe que tenha em vista o proce-
dimento de certos individuos que tomam ba-
nhos nus pelas praias dessa freguezia, mor-
mente agora em que parte das familias se
acham passando a festa ali. Espera-se termi-
nantes providencias.

—Commemora-se hoje o Nascimento do
Redemptor do mundo.

Foi na desamparada gruta, que lhe servia
de albergue, que a Virgem Santissima deu a
luz ao seu Unigenito Filho, envolveu-o nas
fachas e reclinou-o na manjedoura sobre as
palhas, porque não havia lugar onde o dei-
tasse.

Foram assim cumpridas os grandes oraçõ-
es de Micheias e Isaías.

E nesta occasião viram os pastores de re-
pente apparecer no meio delles um anjo, e a

claridade do Senhor - cercou-os de refulgente
luz.

Grande foi o temor que se apoderou delles!
Porem o embaixador ceieste os fez tornar a
si, dizendo:

«Não temaes; venho annunciar-vos uma
alegre nova, e é que hoje nasceu o Salvador
do mundo! nasceu na cidade de David.»

E como poderemos conhecel o? pergunta-
ram elles.

Achareis um Menino, envolto em pannos,
e posto em uma manjedoura, e vereis uma
multidão de anjos louvando ao Senhor nestas
vozes:

«*Gloria in altissimis Deo, et in terra pax ho-
minibus bonae voluntatis.*»

Os pastores admirados diziam uns aos ou-
tros, vamos até Bethlém e vejamos o que foi
isso que o Senhor nos participou pelo seu
enviado.

E deixaram os seus rebanhos a guarda de
Deus, se deram pressa em caminharem para
o sitio indicado. Descobrindo a lapa acharam
o Menino no presepe, e ao seu lado Maria e
Jose inclinados: vendo-o reconheceram a ver-
dade do que lhes havia dito o enviado do
Senhor.

Os pastores, voltando, noticiaram esta gran-
de nova; todos quantos os ouviam ficavam
admirados e corriam a Bethlém para adora-
rem o Filho de Deus, o Salvador do mundo.

Grande foi a alegria e admiração que rei-
nou no universo inteiro! E todos apressados

corriam para verem o adorarem o Menino Jesus!

—Eram chegados os tempos em que o divino sangue da hostia sacrosanta tinha de lavar a noção do peccado, e o Messias de abrir os braços aos que o buscassem!

—Deitaram uma criancinha morta na porta do subdelegado dos Mares.

—E appareceu outra nas praias da Jaqueira.

—E' verdade; ambas no mesmo dia.

—A reproducção constante destes factos, devia dar o que pensar a aquelles que dirigem os destinos desta terra.

—Qual homem! Esses factos se dão entre a gente miseravel, o que é muito natural; si acontecesse com a gente rica, é que havia o que admirar.

—Na opinião do Dr. chefe de policia, bem entendido.

—Que para mim é muito authorisada.

—Veja o diabo como as armas.

Naquella casa de dons andares lava-se roupa e deita-se em bacias para corar sobre os peitoris das janellas.

Um dia, um menino, um gato, um descuido, deita a traquitanda á rua sobre a cabeça de quem passar na occasião, e dizem que foi obra do acaso, e não da incuria, do despejo.

—Aqui chama-se Atraz da Sé, quina do becco do Arcebispo, não?

—E a casa é numero um.

—E' preciso a camara ordenar a seus ficas que usem de oculos para enxergarem melhor.

—E olhem tambem para o alto e não para o chão que só veem as pobres quitandeiras e ganhadeiras de peixe, as quaes nada podem deixar.

—Os soldados de policia são *arranjadores* da vida!

—Por falta de diligencia não se perdem.

—Escute a patrulha de S. Pedro o que fez sabbado.

Uns capadocios, não sei porque forma, poderam se apossar de um carro atrellado e andaram correndo as ruas, e estafando os animaes.

Quando estiveram aborrecidos, abandonaram o carro no Portão da Piedade e a policia tomou conta d'elle.

Nisso, appareceram os donos do carro e a patrulha oppoz uma objecção para entregal-o.

—Uma objecção sensata. Quiz verificar sem daviada si os que reclamavam eram os verdadeiros donos do carro, não é isso?

—O que, homem? A patrulha exigiu, impoz uma gratificação de 500 rs. pelo trabalho de conservar alli o carro, sem o que não entregaria.

—De sorte que si fossem vadios que se apresentassem, com 500 rs. tinham certo para badernar?

—A questão era dar os cobres.

—Talvez V. se enganasse e não fossem guardas de policia.

—Reparei até que era um cabo e um soldado.

—Ao menos si isso se desse na quarta feira em quanto os soldados guardavam o carro, esperando pela *manjuba* não consentiriam que os ladrões arrombassem uma tulla para roubar.

—Tambem não pagam aos homens em dia. Por força elles hão de fazer suas *peixinxa*.

—Carrega-se este povo de tantos impostos para ser tão mal aquinhoado!

—Não tem o serviço da guarda nacional, o recrutamento, a guerra do Paraguay, o que mais quer?

—A' custa do povo paga se a um inpector da illuminação publica, a uma chusma de fiscaes e agentes da mesma, e a illuminação publica é completa burla!

—Por Deus, não falle nessa desgraça!

Ha quatro ou cinco noites pode-se metter um prego pelos olhos de quem anda na rua.

—Não vê que é tempo de lua; especulando luz microscopica aos lampeões, encarregando ao astro ceeste de supprir-lhes a gananciosa falta, e emquanto este não se mostra no firmamento, anda o povo ás apalpadellas.

—Lucra a companhia e o publico soffre.

—E quem não deve concordar com isso, consente.

—D'antes davam como causa, certas razões, certos compromissos, e agora?

—*Minha alma é triste*, é uma producção do conhecido poeta Sr. Tibarcio Vallasques, arranjada em musica pelo Sr. Joaquim Silverio de Bittencourt e Sá.

Dizem os entendidos que é primorosa.

Agradecemos-lhes a offerta do exemplar que nos remetteu.

Á PEDIDO

—«O conselho directorio do Monte-Pio da Bahia, pede a todos os Srs. socios, que se acham atrazados no pagamento de suas mensalidades, o favor de solverem seus debitos até 31 do corrente mez, affim de não ser-lhes applicada a disposição do art. 10 § 2.º dos estatutos.»

— Si o conselho não quer cassar com os socios, ao menos parece!

— Como?

— Por que o Monte-Pio da Bahia tem um cobrador, e este não se dirige aos socios para cobrar suas mensalidades; os socios ignoram ate quem seja o cobrador; a casa da sociedade vive sempre fechada!

— Aquem se deve pagar, si o conselho não facilita esse meio aos socios?

— Neste caso; é o conselho mesmo que, não obrigando o cobrador a cumprir com os seus deveres, contribue para o atrazo dos socios!

— Sendo assim, é de suppor.

— Dá ricença, sinhô capitão?

— Que queres? avia te depressa.

— Anani turo tá falano di capitão qui chega di guerra de Paraguay, qui anda namorando ni Tanagipe e ere é home cazaro.

— É que te importas com isso?

— Ah xinhá capitão, vossincelence non sabe como anani fará di ere, tem um oio furaro, mete grugão dentro di ere, e qué passá por bonito.

— Ou eu não lhe entendo, ou V. está bebado.

— Nan me diga esse cousa — é vredade. — poi um home piloto qui tá cum sua muié ni casa, chega de Belem, vá buli cum fia de outro, isso tá denreto? É vregonha esse pentamento.

— Ainda não percebi o que quer dizer.

— Agora io fara di caixero de barão qui tá namorando cum xinhá.

— É que te importas com estas cousas?

— Mai xinhá capitão tem rimão de xinhá qui chama *Quinquim*, qui tá cruvitero nesse trapaiada, ere guça de gaiola de ponteiro, nan merece ni pé um macha?

— Si assim é eu dou as providencias.

— Tá denreto, io gara capitão di oio furaro, xinhá, cruvitero *Quinquim*, pra metê cara do anani turo ni cloaca.

— Vae-te com Deus!

— Farta lembrá qui *mazôra* tá mettido nesse vregonhamento.

— Traze tudo a minha presença para dar-lhes o destino.

— Vredade, io vai corendo para gará turo. Xinhô *mazôra* nan guenta iô.

Joaquim Jorge dos Santos Maia, faz publico que apresentando-se na typographia do Sr. França Guerra, para retirar a sua responsabilidade de edictor da *Opinião Publica*, conforme a propria redacção desse periodico o convidara pelo n.º 33, lhe appareceu o administrador da referida typographia perguntando-lhe qual era a base do seu contracto, em lhe dar outra solução; voltando por con-

sequencia o annunciante sem a responsabilidade e sem a importancia que lhe é devida, pelo que reitera a declaração que fez no *Diario* de 12 do corrente, de que daquella data em diante nenhuma responsabilidade tem pelos escriptos publicados na *Opinião Publica*.

Bahia 24 de dezembro de 1869.

VARIEDADES

O NATAL.

Em uma época toda de indifferença para as cousas sagradas em que os espiritos parecem absortos em meditações profanas, não deixa de ser provcitosa diversão recordar praticas innocentes, costumes puros adoptados em outras éras e em outros logares por occasião da noite do Natal.

Não pretendemos descrever aqui todas as festas que a christandade celebra na noite e nos tres dias subsequentes ao anniversario do nascimento de Christo; para isto seria preciso remontar a hem antigos éras, descrever por mil modos piedosos usos com os quaes nossos antepassados traduziam sua alegria.

Natal quer dizer a mais importante das festas christãs, a festa primordial, porque della dimanam todas as outras que a christandade celebra. Em verdade, não é o Natal o anniversario do dia em que pela primeira vez se cumpriam as prophcias, em que o Verbo Encarnado se mostrou ao mundo, em que a humanidade começou a conhecer o grande mysterio da redempção?!

Os primeiros christãos divergiam sobre a a época em que se devia celebrar o nascimento de Christo, porque confundiam o Natal com a Epiphania, que se comemora a 6 de Janeiro, dia em que a divindade de Christo se manifestou aos gentios pela adoração dos reis Magos.

Foi S. Cyrillo que dando conhecimento de uma carta ao arcebispo de Nice, provocou minucioso inquerito mandado fazer pelo papa Julio 1º que determinou o verdadeiro dia do Natal.

Esse dia 25 de dezembro era commemorado em Roma com uma pompa e ceremonias especiaes, que ja se não usa. O papa dizia a primeira missa a meia noite na Basilica de Santa Maria Maior, ao alvorecer a segunda na egreja de Santo Anastacio e a terceira de manhã na cathedral de S. Pedro. As tres missas eram ditas em horas determinadas e em presença de innumeravel multidão.

Todos os sanctuarios recebiam decorações especiaes: em algumas se levantavam montanhas fatidicas por onde desciam os reis ma-

gas que vinham collocar-se ao lado dos pastores grupados ao redor do presepio. Uma janella se transformava em estribaria; a santa familia e com ella o asno e o boi recebiam as homenagens dos monarchas e dos pastores, e na aboboda scintillava a estrella miraculosa que os guiara até Bethlem.

Quatro individuos ricamente vestidos representavam o gallo, o boi, o cordeiro e o asno, e se conservavam junto ao altar; o gallo cantava — *Puer natus est nobis ubi?* (Aonde nasceu o menino?) Respondia o boi *Bethlem* (e n [Bethlem?]) Per u tavam o carneiro e o outro: — *Adeamus.* (Vamos até lá.)

Em algumas dioceses, o simplacro de estribaria feito junto ao altar, em cima do qual se via um anjo, que annunciava o nascimento do Salvador. No coro um bando de pastores cantavam — *Pax in terra* — e ao finalizar a missa o officiante lhes dizia: — *Quid vidistes pastores, dicite, annuciate nobis in terris quis apparuit:* (dizei-nos, pastores, vistes o annuciado e que nasceu entre nós?) Os pastores respondiam: — *Natum vidimus etc.*, (vimol-o) e cantavam successivamente o — *Benedicamus* (louvemol-o) e a antiga — *Ecce completa fuit*, (a prophecia está cumprida).

Estas praticas hoje somente estão em uso em algumas aldeias nas bordas do Rheno. O que se tem conservado é o uso das ceias, dos toneis que se furam, dos presuntos e podins, e principalmente do enorme bollo do Natal, que quando ja assar-se, o pai da familia o benzia em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

E' ainda a 25 de dezembro que na Inglaterra se fazem as *merendas* dedicadas as dan as (*new year's gifts*); a festa é acompanhada de serenatas; os musicos ambulantes espontaneamente comparecem ou são convidados; allj se collocam debaixo das janellas, tocam instrumentos diversos com actividade compativel aos rigores da temperatura que affrontam. Os pobres vagam nas ruas, cantando diante das casas, a espera dos sobejos da mesa, ao que ninguem se nega compadecidos da pobre mãe que, com seus filhos, arrostia a neve que amontoa as ruas.

Na Allemanha e na Alsacia ha um costume da *arvore do Natal* onde o *Christ Nacht* é impaciamente esperado pelos meninos.

Em um canto do salão se colloca um grande ramo de arvore (abeto) ornado de fitas, de anjinhos de cera, nozes douradas, canotilhos confeitos e mil pequenas cousas bonitas; no meio ha uma mesa cheia de brinquedos e golodices. Uma pessoa da familia vestida de branco faz o papel de *Christo Kindel*, conduz os meninos pela mão ao sanctuario, aquelle durante o anno commetter faltas, deso-

bedeceu aos pais, não recebe algum dos presentes celestes. Em Hunstrop meninos de mão genio, os que olham vesgos, os que são preguiçosos são acontados com varas.

Quem outr'ora assistisse a missa do Natal na Hespanha, em Valladolid, por exemplo, veria mascarar grotescos dançando e cantando ao som do castanholas, de tambor e guitarras, acompanhado de órgão. Aquelles que a magestade do culto catholico se duz mais do que os costumes populares que se resentem ainda de barbaria, verão em uma naxe christan o rei revestido das funcções de diacono, ler com unecção a mais viva, o Evangelho — *Exiit edictum a Cesare Augusto*,

Em verdade de todas as manifestações feitas, a que parece mais justa e mais feliz é a que se celebra na Noruega. Lá a boa mãe vae occultar com grande interesse dos filhos, o prato que a noite deve receber o presente mandado pelo Deus menino: de antemão o pae tem occulto galinholas e outras aves que solta-as a noite fora da cabana que o gello cerca; ao amanhecer, abertas as portas, as aves penetram na cabana e são recebidas com indizivel contentamento pelos filhos. Esta innocente logração que explica a hospitalidade que os pastores de Bethlem deram a santa familia é explicada aos filhos afim de serem hospitaleiros e humanos. — *Dai que Deus te dará* — diz a mãe. Este preceito junto ao exemplo de amor e bondade é por certo a melhor leccão que se pode dar em nome de Deus a pequenos seres que esperam tanto d'elle.

— O que é a hypocrisia? perguntava um individuo a um poeta.

— E' uma virtude sacerdotal, respondeu elle.

ANNUNCIOS

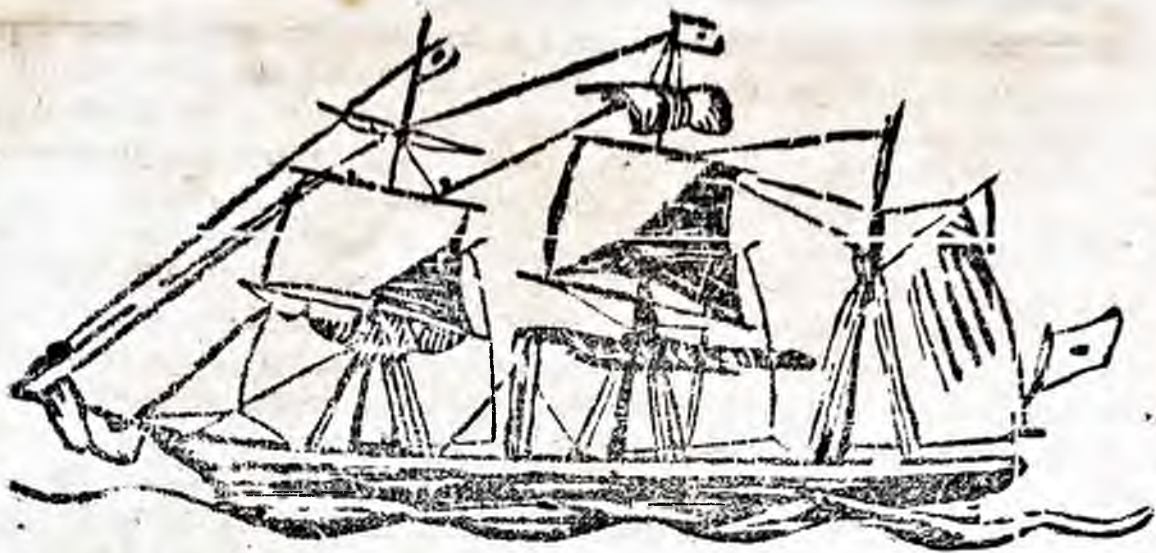
Christiñiano Francisco da Silva, tendo de mandar celebrar no domingo 26 do corrente, na mat iz da Victoria, uma missa em louvor de Nossa Senhora da Conceição dos Humil-des, convida a todos os irmãos e devotos para que compareçam, afim de dar mais esplendor ao culto. Depois da missa haverá procissão até o cemiterio, onde ha leilão.

Bahia 23 de dezembro de 1869.

AOS APAIXONADOS E APAIXONADAS.

Está exposta á venda, nas lojas de livros do Sr. Martin, ao largo da Praça, e na de chartos do Sr. Laurentino, á rua Direita de Palacio, a nova modinha intitulada — *A vingança*, posta em musica por José Bruno.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 60

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

29 DE DEZEMBRO DE 1869.

N. 593.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
28 de dezembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que ha 15 dias, mais ou menos, um menino de 7 para 8 annos dorme todas as noites nos arcos da cadeia ou na guarda de palacio, e de dia anda vagando. Perguntado-se quem é elle, declara chamar se Francisco Xavier Esteves e ser orphão de pae e mãe.

Pede-se a S. S. que, syndicando sobre sua verdadeira origem, o mande entregar a um mestre, caso seja elle desamparado, afim de que já de criança não se acostume a tão ociosa vida, ou o faça restituir ao dominio dos seus, si, como bem pode ser, se tiver ausentado delles.

—Ao mesmo, reclamando contra o illicito ajuntamento de grande numero de moleques no corredor da igreja do Rosario da Baixa dos Sapateiros, os quaes, esquecidos das obrigações de seus paes e senhores, passam ahi os dias a jogar buzio a diuheiro, acabando sempre o divertimento em pancada. No domingo, tendo um perdido o diuheiro que tinha, jogou quatro libras de carne que fôra comprar para casa e, querendo depois rehavê-la, houve grande sarceiro. E' provavel que a familia ficasse nesse dia sem jantar, alem da ausencia do escravo.

A continuação de taes factos, alem de trazer serios prejuizos ao lar domestico, denotam inercia da parte da policia, e por isso confia-se que S. S. expeça terminantes ordens a seus agentes para que dissolvam qualquer ajuntamento de moleques, que no referido logar se faça.

—Ao Illm. Sr. subdelegado dos Mares, dizendo-lhe que, visto serem os moradores do becco do Cantagalho, na quasi totalidade, propensos a turbulencias, como prova o final dos continuados sambas, que rolam ahi de noite, sirva-se S. S. de os ir mandando agazalhar na casa de correccão, a ver si lá adquirem habitos mais pacificos e mesmo se alliviam a visinhança, enquanto lá estiverem, de tão repetidos alarmas.

—A' administração da limpeza da cidade, lembrando-lhe que os moradores do becco do Ferrão tem eguaes direitos aos demais moradores das outras ruas, e que portanto cumpre que mande remover a montanha de esterquiñios que se está ali formando.

—Logo que não ha aposento para os doudos, é bem que elles andem pela rua.

—E' consequencia logica.

—Está porque, no domingo, um andou da mesma forma porque a mãe o pariu.

—Falle com o visinho.

—Tomou banho na fonte dos Padres e depois subiu o Taboão, no estado em que Adão e Eva, quando eram innocentes, andavam no paraíso.

— Parece que a mania deste é gostar do fresco.

— Um soldado de policia viu o homem e correu.

— De medo?

— Não; disse que ia chamar um companheiro para ajudal-o a prender o doudo.

— Homem, que *tino* militar!

Quem sabe si o rapaz não andou no sul e aprendeu estrategia com o Caxias?

— Capitão, quer desfazer um engano?

— E' bom.

— A creança que deitaram na casa do subdelegado dos Mares não foi morta.

— Nesse caso estava viva.

— E bem viva.

Foi levada por uma preta, n'uma cesta, as 8 horas da noite e deixada no patamar.

— Isso está me parecendo *bico d'obra*.

— La foi que se lhe cortou o umbigo.

• — E' curioso! Ou muita malvadeza, ou ahí anda cousa.

— Os maldizentes deram *logu pae á creança*. Imputaram á filha de uma viuva, o que obrigou a pobre senhora a amanhecer na rua com suas filhas, para provar que quem pare n'um dia não pode sair no outro.

— Assim é que essas lingoas viperinas desacreditam uma pessoa!

Mas para que encommodaram o homem? Si deitassem a creança na porta do *pae*, era mais *justo*.

— Mas elle não é subdelegado?

— Ah! sim; não me lembrava.

— Camarada, accommode-se.

— Levo tudo a facão; não attendo.

— Gentes, este guarda de policia endoudeceu?

— Que lembrança sua agora!

V. não sabe que são restos do Natal, embora ja desse meia noite?

— Mas então devia ficar em casa *cosinhando* e não vir para a rua fazer desordem.

— Que moleque desastrado!

E' para revoltar a um santo.

— Rasgar uma pobre mulher a ponto de pol-a em anagoas!

— Uma louca que não offende.

— Chama-se D. Geralda.

A mania que tem é querer que lhe entreguem suas filhas e persuadir-se que todo rapaz quer casar com ella.

— O malvado poz em tiras o vestido de cassa e o chapéu que a inoffensiva creatura trazia; talvez alguma esmolla que lhe deram de festas.

— Si não me tivessem por doido, eu corria aqui pelo Maciel afóra atraz daquelle endiabrado para pegal-o, ja que não ha policia na cidade.

— Dizem, alli na venda do Godinho, defronte do cuja porta o perverso praticou a malvadeza, que é escravo do architecto Sr. Maltado.

— Si elle lhe rachasse as mãos de bollos, talvez que não tivesse tempo para tantas diabruras.

— Ah. Sr. Manuel dos Papagaios? Foi bom encontral-o.

— Capitão, determina alguma cousa?

— Sem duvida.

— Estou a disposição.

— Uma simples advertencia apenas.

Não continue a dar tiros a noite em sua roça; pode prejudicar a quem passa na estrada.

— Ah, é para espantar os ladrões que me dão nas laranjas e nrs uvas.

— Porem é perigoso, e por tanto faça pausa no brinquedo.

— Não ha uma postura que prohibe repicarem os sinos por muito tempo?

— Parece-me que ha.

— Pois ollie, si ha essa postura, porque não fazem o sineiro do Collegio observal-a, affim de não entregar os badalos nas mãos dos meninos, que levam dia e noite a divertirem-se no sino, encommodando assim as pessoas que moram visinhas áquelle templo?

— Não sei; pergunte a quem lhe possá responder.

— Neste caso pedirei, a quem competir, providencias.

— Acho bom.

PENSAMENTOS INFALLIVEIS.

Ha certos pensamentos que, ainda mesmo não se querendo, acodem á imaginação, como si sahissem do inferno para atormentar as creaturas.

Quem os inspira, não sei; mas, o certo é que elles apparecem, e rara vez não deixam no espirito profundas impressões, por exemplo.

O homem casado com mullrer bonita, que recebe d'ella assim um tratamento que se aproxima ao despreso, que a encontra sempre com uns ciumes fora de proposito, que não são sinão trétas de sua parte para encobrir as maganciras; esse homem, ao entrar para casa, encontra a mullrer ou muito terna, só a agradal-o, ou levada dos capêtas, recebendo-o com quatro pedras:— esse miseravel marido não pode furtar-se ao pensamento de

de que sua mulher lhe é infiel, e que outro occupa em sua ausencia o seu logar. Talvez assim não seja—mas, o pensamento apparece.

Aquelle que vê uma moça todos os dias á horas certas n'uma janella, e as mesmas horas passar pela rua certo moço todo periquitellis, e o moço olhar para a moça; e a moça dar para o moço certa risadinha, e a moça ter amizade com uma velha fedorenta de capona e rosario na mão; o visinho que tal observava não pode deixar de pensar que entre o moço e a moça existe um namoro, e que a velha faz as vezes de *mercurio*. Talvez o visinho se engane, mas o pensamento é certo e infallivel.

O amo que vê o caxeiro com duas e tres casacas, sustentando cavallo de estribaria, indo ao theatro todos os dias, figurando em casa das bellas e andando mais afeito que elle, quando apenas ganha quinhentos mil reis, ainda mesmo quando as contas do caxeiro sejam as mais regulares, ainda quando nada tenha encontrado por onde o julgue comtudo não pode fugir ao pensamento de que aquelle caxeiro lhe dá na gaveta, pois quem cabras não tem, não pode vender cabritos. Talvez o caxeiro tenha alguma tia que o trate bem ou alguns fundos que se não sabiam, talvez haja engano, mas o pensamento apparece, e é infallivel.

Quem souber que a Sra. Veronica, avó da moça Belmira, é pobre, nada tem, recebe suas esmolas pelas casas de sua amizade, e vende suas rendinhas e rosarios; quem souber que a Sra. Veronica nada inteiramente possui, e fôr á casa onde elle mora e ao lado de uma pobreza extrema, de umas cadeiras velhas, e de uma banca coxa, encontrar a neta Belmira de botinas de oito mil reis, vestido de boa cassa e bom civalés de seda, além do cabello penteado com fina e rescendente perfumariz, poderá deixar de pensar que ali ha cousa? não. Talvez a moça Belmira seja o prototypo de todas as virtudes, talvez tudo aquillo seja o resultado das camisas de homem, que cose muito bem: mas, não se pode evitar o pensamento.

Quem entrar em casa do vigario e logo da escada fôr ouvindo choro de menino, e na sala encontrar dous ou tres brincando, o que pensará? talvez aquelles meninos sejam crias do bom parochio, ou afilhados que tomou para crear por charidade, o que muitas vezes acontece; mas pensa-se sempre que o vigario comprehendeu o—*crescite et multiplicamini*; o pensamento é infallivel, ninguém deixará de o ter.

Quem fôr andando pela rua, em companhia de outro, e vir um negro da cadeira d'esses do canto, sabir ao encontro do com-

panheiro e tomar-lhe a benção, e este dizer— está bom, ja sei—não pode deixar de pensar que o dito está por ali devendo alguns cobres; talvez o negro s'ja seu escravo, e só por obediência lhe viesse tomar a benção; mas o pensamento não se evita, e a supposição fica.

Quando se vir a um sугéito, d'esses de reputação duvidosa, não querer passar por uma rua, quando por ella o caminho lhe ficava mais perto, e ir dar uma grande volta, sem dar uma razão satisfactoria; quem tal vir, poderá deixar de ter o pensamento de um calote pregado n'aquella rua que se evita? não; talvez o tal esteja innocente, mas o pensamento é certo.

E como estes e outros muitos, que não expendo agora por não pensar tambem alguém que estou espixando o negocio, por falta de materia, o que é uma mentira, e tanto que não escrevo mais sobre os pensamentos infalliveis.

A PEDIDO

—Capitão, capitão, ó capitão!

—Oh! meu amigo, como tem passado?

Então quando chegou?

—Cheguei hoje, e volto hoje mesmo.

—Como vae o subdelegado do grande mar?

—Deixe-me, capitão, aquillo é o homem mais devasso e immoral que eu tenho conhecido.

—Dizem que elle tem prostituido muitas raparigas pobres, moradoras n'aquella localidade?

—E' exacto.

Deshonrou á Maria, filha de uma tal Josephina, a qual hoje mendiga o pão da charidade publica; á Anna, filha de um individuo de nome Souza; á Joanna, filha de Jose do tal; á Felismira, filha da crioula Felippa; á Idalina, filha de Gregorio; além destas perversidades faz orgias na casa em que mora, e não satisfazendo-se ainda com tudo isso, convida os rapazinhos inexperientes, e os leva para um outeiro, onde os instrue em moral!

Esse descarado, como eleitor, vendeu o voto por um conto de réis á certo Dr. vindo de Vianna!

—Que authoridade!

—E essa é a gente que está regenerando o paiz!

—Bem disse-me o Monteiro, quando fallavamos a respeito da moralidade desse subdelegado:

«V. Ex. está enganado, porque esta cor de barro do subdelegado demonstra as devassidões que reinam-lhe no coração!»

—E fique V. Ex. convencido disso.

Adeus, até a volta.

Pede-se a certa pessoa, que mora na Con-
ceição da *bocca grande*, a qual anda vestida
de *dó*, que se deixe de tanto arreganho com o
visinho S..., a ponto de ficar na janella um
dia inteiro eurlindo sol, e elle feito palhaço
praticando o mesmo. No lugar mora mais
gente e ninguem está para ficar enjoado com
tanta macaquice, e ouvir gagas tagarellas.

Si o irmão, que é um B..., por ser ma-
landro, não infunde respeito em casa, é pre-
ciso guardal-o para com o publico.

Não se agastem e nem soltem suas linguas
de palmo e meio sobre a pelle de quem lhes
dá este conselho, pois do contrario

(*Continúa-se.*)

SENIOR BEATO.

Omaroto do Antonio e a caterva que o acom-
panhou, na infame acção que praticaram, fi-
quem de certos que não tiveram a devida res-
posta na mesma noite de 22 em que foi fes-
tejar o seu natalicio (o dito Antonio) na casa
alheia, por não poder fazel-o na casa de seu
amo ao Largo da Cruz, para que a vizinhança
não communicasse as façanhas gavetaes, que
os convidados que la se acharam á pedido
do dono da casa, só tiveram sciencia do oc-
corrido depois que os taes brejeiros se retira-
ram, alias não sahiriam sem terem a devida
resposta, ja que o dono da casa, a'em de
prestar sua habitação para essa baderna de
bebedeira e jogo, não soube occupar o lugar
que lhe competia, visto que essas pessoas que
la foram, a seu convite, não iam por causa
da comida e muito menos para jogar, quanto
mais para contara seus amos o occorrido; mas
ja que foram tão negros como que praticaram,
vejo-me agora na necessidade de procurar o
Lopes sobrinho do Silva, cunhado do *Zézé*, para
prevenir-lhe de todo o passado; assim queira re-
commendar-me ao aspirante do *Alabama*, que,
procurando os taes Antonio, Augusto, Jua-
rio, Rodrigo, Rocha, em qualquer parte que
os encontrar esfregue-os bem de taca, e logo
que eu souber quacs são os outros companhei-
ros do tal Antonio, voltarei para contar-lhe o
restante da historia, pois sei que todos elles
são amadores das gavetas, para poderem fes-
tejar annos e jogarem.

O convidado do dono da casa,

(*Continua.*)

VARIÉDADES

SO VETO.

Cupido pôz um ovo no Parnaso,
Sabiu delle um Perú fazendo roda,
E das Musas gentis a chusma toda
Transformou-se em perúas vendo o caso.

Apollo de bordão põem tudo raso.

Para ver si a canalha se accomoda,
Mas por ter-se purgado já com soda,
No buscar do bocio teve atrazo.

Rebenta o furacão com furia insana,
Com a bulha foge tudo espavorido,
Fica Apollo a borrar toda cabana.

Correm vates em gritos por Cupido,
E no meio da grande tribusana
Viu-se o deus de amor quasi perdido.

OS SEIS PONTOS DO DADO.

Significam seis foreas.

A primeira merece o jogador.

A segunda o seu parceiro.

A terceira quem os ensinou a jogar.

A quarta os *mirones*.

A quinta o que dá a casa para jogar.

A sexta a authoridade ou magistrado q
consente taes casas.

Uma senhora que campava de muito dis-
creta e bem fallante, sendo convidada para
almoçar em casa de uma familia de sua ami-
sade, na occasião em que com as demais pes-
soas convidadas se assentaram na meza do
almoço, entendeu ser a occasião propria para
fazer a sua brilhatura, e ao ver na meza um
delicioso cus-cus, disse para o cavalheiro que
servia.

— Senhor Fulano, faz-me o favor de servir
uma fatia deessas syllabas indecentes?...

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHOES COM AUTHORI-
SAÇÃO DO GOVERNO.

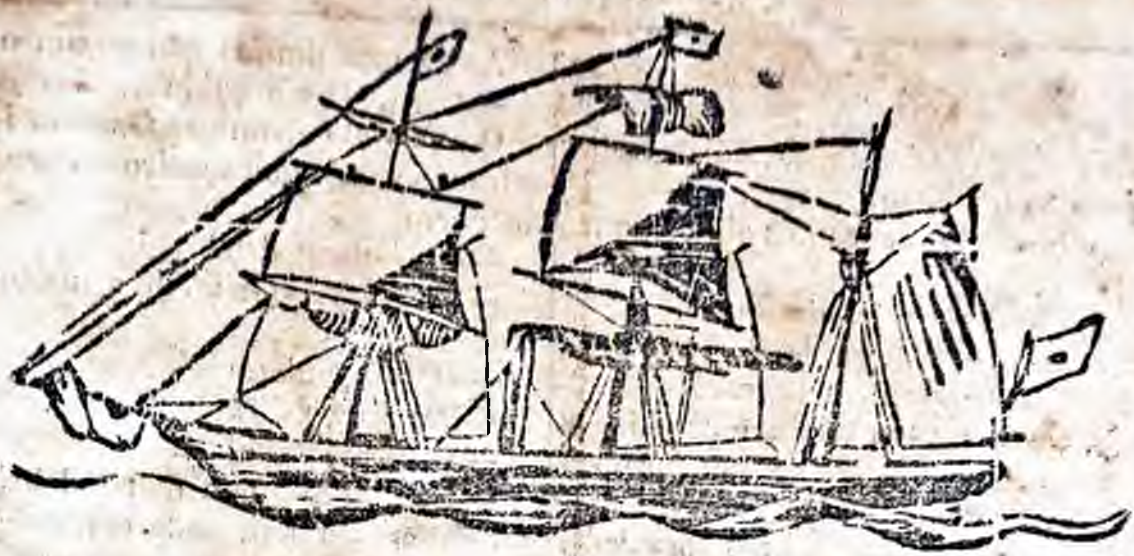
O escriptorio denominado—**Monte-Soc-
corro**—estabellecido á rua Direita da Miseri-
cordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do
Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer em-
prestimos sobre qualquer penhor; tambem
compra prata, ouro e joias.

AOS APAIXONADOS E APAIXONADAS.

Está exposta á venda, nas lojas de livros do
Sr. Martin, ao largo da Praça, e na de charu-
tos do Sr. Laurentino, á rua Direita do Pala-
cio, a nova modinha intitulada—*A vingança*,
posta em musica por José Bruno.

Aluga-se um sobralinho sito ao becco do
Gaspar, rua de Santa Thereza. Tem bons
commodos, quintal, e excellente vista de mar:
a tratar na casa que faz quina para o mesmo
becco n. 148.

Tyõ. de Marques, Aristides o C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VIII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

No becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

serie 60

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

1.º DE JANEIRO DE 1870.

N. 594.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
31 de dezembro de 1859.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, participando-lhe que, em 28 do passado, as praças destacadas na casa de prisão com trabalho abandonaram o destacamento e andaram fazendo disturbios, no que envolven-se o proprio commandante, o qual andou pela rua em mangas de camisa e espada em punho.

Espancaram a cabir um sujeito de nome Salvador.

Semelhante imprudencia, filha talvez da effervescencia do *spirito*, e que em nada abona o comportamento da força publica, foi publico e notorio, e entre os nomes dos que presenciaram pode-se citar os de Paulino Antero do Sacramento, sargento do 7.º batalhão; Pedro de Gusmão, official de justiça; Lucio Pedro de Alcantara e outros.

Levando-se ao conhecimento de S. Ex. tão desagradavel acontecimento, tem-se em vista solicitar medidas que cohibam a sua reproducção.

— Celebra bojo a igreja a circumcisão do Redemptor do mundo.

A circumcisão era o baptismo antigo.

Os meninos, ao oitavo dia do seu nascimento, eram circumcidados, isto é, cortavam-lhe o prepucio e tiravam-lhe o sangue, e com es-

te fazia-se um signal na testa da creança, pon-do-se-lhe o nome, segundo o preceito da antiga lei, conforme Deus ordenara a Abraham, para signal do pacto que firmara com o seu povo.

Foi no cumprimento d'esse preceito que o Messias tomou o nome de Jesus, como havia dito o enviado do Senhor, antes de ser Elle concebido no ventre purissimo de sua Santissima Mãe!

Disse!

— Que horas são?

— Seis e meia da tarde.

— Si fosse de noite, v. m.

Mas de dia ainda, seis praças da guarda de palacio subirem as escadas da camara para acto tão torpe!

— E o sargento está no meio.

— Agora vão salindo um a um.

— E por ultimo sahe uma mulher chilrada, uma parda de chale.

— Quem é o commandante da guarda?

— O tenente Theotonio. Mas elle não viu o passo.

— Bem; eu vou ao commandante das armas contar tudo o que vi hoje, 30 de dezembro, para ver o que me diz.

— E si elle exigir a prova?

— Creio que toda esta gente, que comigo presenciou, não se recusará a affirmar.

Si for preciso os nomearei.

— Não sei V. quando hade deixar de se metter com o que não é de sua conta.

—Ainda não ouvi sua opinião sobre a *Chromica Religiosa*.

—É uma gazeta ecclesiastica, cujas ideias tendem para o fanatismo.

—Está publicando os santos da semana.

—Ja vi.

E achei interessante este bocadinho.

«Segunda feira.—Vigilia de S. Thomé.— S. Domingos, bispo de Brescia, confessor. A igreja de Brescia contou trinta e um bispos sanctos com interrupção apenas de um que morreu subitamente por ter tido a temeridade de enterrar o corpo de um mau na basilica de S. Faustino e Santa Jovita.»

—Neste caso, eu desejava poder respeitavelmente interrogar o Sr. conde de S. Salvador, debaixo de cujos auspícios é publicada a folha, sobre o numero de homens maus, cobertos de enormes crimes, sceleratos e perversos, que em sua diocese tem sido enterrados na igreja, sem que por isso tenha S. Ex. Revm. incorrido em igual pena.

—Por suas ideias ja vi se negar sepultura a um homem no Brasil, por seus crimes ainda não.

—E semelhante blasphemia não é duvidar da Misericordia Divina, cuja suprema bondade perdoa todos os crimes?

—Está em contradicção com o Evangelho de S. Matheus, cap. 16, v. 18. e seguintes:

«Eu te darei as chaves do reino do ceu. E tudo o que ligares na terra, será ligado tambem nos ceus.»

Pois aquelle que o que faz na terra é confirmado nos ceus, não tem poder para absolver um peccador?

—Si a graça Divina não é para perdoar os reprobos e os peccadores, tambem para os justos torna se desnecessaria.

—Jesus, o cordeiro que tira os peccados do mundo, que com seu sangue lavou as culpas humanas, fulminando com morte subita a um ministro da religião, porque praticou uma obra de piedade e misericordia! Isto é rico!

—Propagadores assalariados do erro e da mentira!

—E dizem que doutrinam e instruem o povo!

—Capitão, sabe o que houve na cidade baixa?

—Não.

—Deram n'um homem para matar e com effeito elle está bem mal.

—Quando foi isso e em que lugar?

—No dia 28 do passado, no Caes das Amarras, dentro do armazem de cabos do Ramos.

—E está isto tão em segredo?

As gazetas diarias não dão noticia!

—Ora... já não sabe?...

O offendido chama-se Gustavo Joaquim Moreira Guerra; reina saveiro no caes da Escada de Ferro.

—Mas quem deu?

—Dizem que o dono do armazem e dous escravos.

—O' homem!...

—Por causa de tres tustões.

—Uma ninharia!

—Foi tirado quasi-morto debaixo de umas correntes de ferro, onde era trucidado, comprimindo se-lhe a garganta; está gravissimo; fez-se corpo de delicto pela subdelegacia da Sé, os ferimentos foram julgados graves e os medicos deram mais de trinta dias para o tratamento.

—Os delinquentes estão presos?

—Ora, capitão, deixe a gente!

V: Ex. não viu o chefe de policia classificar a execução da lei em duas partes?

—Aquillo que é criminoso no pobre, no rico ou bem amparado torna-se muito natural.

—Malfadado paiz! Galha vestida com as pennas do pavão!

—O *Jornal da Bahia* é fértil em inventar!

—E é bem divertido ás vezes.

—Quarta-feira lembrou-se de dizer que o menor Bento, discipulo de Braz Diogo, que o *Alabama* dizia haver sido assassinado..

—Mas onde é que o *Jornal* deu isso? Sem duvida estava com a cabeça ardendo!

—O *Alabama* o que disse foi que a mãe do menino, indo ao chefe de policia queixar-se do desaparecimento deste, S. S., em lugar de providenciar, como era de seu dever, perguntou-lhe o que queria que fizesse; como si caso tão grave não fosse digno de sua attenção.

—Talvez por ser ella pobre.

—E como a mulher se pozesse a lastimar-se, elle, sem duvida, para ver-se livre da *masxada*, disse-lhe que desse queixa.

—O *Alabama* acrescentou tambem que fallava-se á bocca pequena que o menino fallecera em consequencia de pancadas que lhe dera o mestre.

—Confundir isso com assassinato, é chamar gaita de folles assovio.

Não sei que luctra o *Jornal* com essas alterações!

—Tambem o Sr. Braz Diogo no *Jornal* do dia immediato fez uma defeza, onde atira certa pedrada de artiguitos de diffamatoria gazeta.

—A allusão, por incomprehensivel, é indigna de resposta.

—Entretanto será licito perguntar ao Sr. Braz Diogo quantas vezes, em sua vida, terá

elle concorrido com informações o apontamentos para artigos do diffamatoria gazeta?

—Esta epocha é das maravilhas humanas!

Eu não acho novidade em que a policia da Bahia, vendo um esqueleto humano, conheça si os ossos pertenceram a gente branca ou preta; quando no Paraguay anda cousa mais fina.

—isso da policia foi uma espichadella.

Assemelha-se com o caso de um homem encontrado morto e que pela falla parecia inglez.

—Pois veja lá a bernardice deste pedido feito em um hospital de Humaitá:

«Primeira enfermaria.—Precisa-se para officiaes que *fallerem* do cholera o seguinte:

«Caixões 4.

«Molletas sete pares 7

Humaitá 10 de outubro de 1869.

E.»

—É' notável na verdade!

Deixando de parte a orthographia, officiaes mortos do cholera precisando de moletas!

—Note que a *Semana Illustrada*, que assevera ter o original deste pedido, diz que elle tem o visto de um doutor e é assignado por um capitão.

LÁ VVE VERSO.

Hoje entra o anno novo,
E que entre com bom pé;
Pois o que acabou hontem
Foi um anno bem *chulé*.

Oh, que anno arreliado,
Foi este anno passado!
De mil adversidades
Viu-se o povo acabrunhado.

O vicio andou á cavallo,
A virtude manquejando;
No mar da devassidão
Viu-se a moral sossobrando.

Todo o anno a probidade
Levou doente de cama;
O bom senso escorregou,
Cahi de nariz na lama.

O banco da honestidade
Suspendeu seus pagamentos,
Pela baixa que soffreram
Na bolsa, os vis sentimentos.

Houve fome e houve peste,
E a interminável guerra;
Trapaçarias e roubos,
Foi bagaço nesta terra.

Muita viuva lesada,
Muita moça pervertida,
Muito orphão na miseria
E muita herança extorquida.

Porém, que gordas *muginjas*
Fez-se, por diversos modos!...

Eu vi certo presidente
Arranjando os filhos todos.

Grande numero de cazas
Pelo fogo devoradas;
Mas a causa dos incendios
Em mysterio sepultadas.

Maldicto anno foi esse...
P'ra maior consternação,
Como cumulo de desgraça,
Sêcca e fome no sertão!

Jactos de sangue no povo
Foi uma boa pitada;
Como medida hygienica,
Carne lazeira e cançada.

A justiça lá no forum
Andou jogando picúla:
Para o rico foi activa,
Para o pobre cousa nulla.

Viu se, de um dia p'ra outro,
Sem a razão explicarem,
Faltar agoa na cidade,
Os chafarizes seccarem.

A policia cochilou,
Ficando os ladrões alertas,
Muitas casas de negocio
Amanheceram abertas.

A piedade do claustro
Foi banida de tropel;
A crapula d'azas abertas
Entrou fazendo aranzel.

A discordia e a iatriga
Fez nelle sua morada...
P'ra desapego do mundo
Nelle houve gente surrada.

Em casas de educação
Scenas bem repugnantes
Se deram; favoreceu-se
Pretensões de alguns amantes.

Nesse anno arrenegado
Fizeram tal cambalacho,
Qua empreza Paraguassú,
Creio, vas por agoa abaixo.

Agora o que está em moda
É' uma cria ferrar,
E mandar para a gazeta
Liberal se apregoar.

Entretanto (audacia incrível!)
Viu-se muito espertalhão
Pretender pessoa livre
Reduzir a escravidão.

É' muito antigo esse meio
De vida, bem lucrativo;
O preto Manuel do leite
Coitado! morreu captivo.

O' que bella pepineira
Do tempos que já lá vão!
Quo chrisstavam com o nome
Escravos livres da nação.

Pelas ruas da cidade,
Arrepiá até contal-o...
Uma malher arrastada
Ao rabo d'um cavallo!...

E certas authoridades
Transigindo infamemente!
Mandando prender os homens
Para fim bem indecente.

● Eu vi a um pobre diabo
Armar-se uma *churumela*,
Ir o homem p'ra cadeia
E tomarem-lhe a *costella*.

Não é atôa que eu fallo,
Pois estou observando
Os que o mandaram prender
Sua casa frequentando.

O sicario apavonado,
(E' verdade amarga e crual)
O homem serio e pacato
Sem poder andar na rua.

(Continúa.)

A PEDIDO

—Capitão, eu vim aqui p'ra chegar e voltar já.

—Avic-se emquanto é dia.

—Tenho de lhe patentear uma infame ladroeira.

—Vá já tirando a mascara ao salteador.

—O tratante é um fabricante de massas.

—Oh, isso é boa gentinha!

—Admittiu o ladrão um rapaz para seu caixeiro; este adoeceu; chamou-se um medico, o qual fez 12 visitas e quando teve de receber o importe deu esta conta:

«O Sr. T....,	deve
ao Sr. Dr. C. S.	
Importancia de 12 visitas feitas	48\$000
ao mesmo Sr.	15\$000
De uma conferencia com o Dr. M.	63\$000
Abatimento por pedido de seu	12\$000
amo.....	51\$000

Recebi a quantia supra do dito amo.—F.º

—Está muito em ordem.

—Mas o miseravel sabe o que fez?

Cobrou do caixeiro as visitas a 4\$ rs.
quando pagou-as a 3\$ rs.

—E' um roubo!

—Aqui está a lettra do Dr.; agora, si V.

Ex. quer, mando examinar os livros desse vampiro do suor albeio, e verá si é mentira o que eu digo.

—Não precisa; basta só que me diga quem é elle.

—Ha de encontrá-lo nas grades do pau.

—Diga o nome.

— Chama-se.....

Valha-me Santo Antonio! esqueci-me.

—Lembre-se, que quero mimosear a ilha de Fernando com tão boa joia.

—Não precisa, capitão, mande-lhe metter as unhas de rato n'uma caldeira fervendo, que é para elle não ter mãos para roubar a outro.

(Continúa.)

Sr. Redactor.—O facto de haverem uns capadocios apanhado um carro meu e andarem nelle escaramuçando as ruas que V. publica, no seu n.º 592, é todo exacto, menos na parte em que diz que os soldados de policia exigiram 5\$000 rs. é verdade que eu lhes dei 5\$000 rs., porem de livre vontade, como gratificação.

Bahia 31 de dezembro de 1869.

Manoel Ramos de Azevedo Faleão.

VARIEDADES

O marido deve ser como o passarinho, que volta todas as noites para o seu ninho, junto de sua mulher e seus filhos; mas não deve ser como o passarinho, que anda a cantar longe de sua familia.

A mulher casada deve ser como o mar, que encerra em si os seus thesouros e não diz o que tem; mas não deve ser como o mar, que é a imagem da inconstancia, e se deixa governar pelos ventos.

ANNUNCIOS

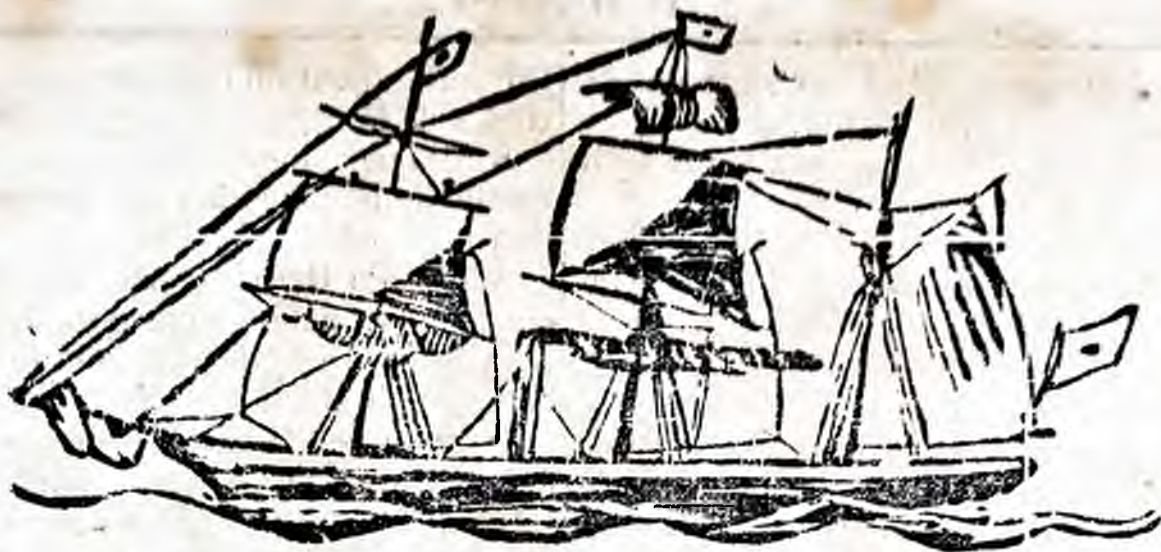
MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHOES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabelecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer empréstimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moído puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 159 á ladeira da Saude. Na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VIII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 60

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

5 DE JANEIRO DE 1870.

N. 595.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de janeiro de 1870.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, ponderando-lhe que sendo hoje o becco do Cabral muito transitado, existindo nelle mais de 50 propriedades habitadas, cujos predios estão sujeitos á decima urbana, reclama a equidade que S. Ex. mande assentar ali os lampeões necessarios para a illuminação publica. O que espera-se.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para um candomblé que rola, ha dias, no lugar denominado Campinas, onde existem muitas pretas livres e mesmo escravas, á pretexto de evocarem a alma da *mamãe* que morreu. Espera-se, em vista do acima dito, que S. S. dê providencias que façam cessar esse ultraje feito á moral e á religião que professamos.

—Ao Sr. major commandante da companhia de caçadores á cavallo, consultando si é devido a andarem mortos de fome ou á outra qualquer causa, que as praças de seu commando dão-se ao innocente passatempo de andarem pelas roças alheias, despovoando as jaqueiras e mangueiras.

E' de suppor que S. S. mesmo já tenha presenciado factos destes; visto que, outro dia, passando em um enterro para as Quintas, acha-

vam-se diversas praças na roça da Matança a arrecadar o que não guardaram.

—Festeja amanha a egreja a Epiphania do Senhor, quero dizer, a appareição da estrella aos magos que vieram, guiados por ella, adorar Jesus em Bethlem da Judéa.

—Folheemos a *Vida de Jesus Christo*.

—Os rudes e humildes, attendendo á voz do Enviado do Senhor, vieram adorar no presepe o Filho de Deus e repartir com Elle do fructo da sua pobreza.

A vez dos poderosos era chegada.

A opulencia e a sabedoria, prostradas diante do seu berço, desde o principio, deviam reverencial-o.

Assim cumpriam o que estava predito.

Gaspar, Belchior e Balthasar, nomes dos tres magos, de origem babilonica, aos quaes chamamos reis; mas que não passavam de sabios, e na Persia davam aos sabios o tratamento de principes; guiados pela estrella milagrosa, vieram em procura do lugar em que nascera o Menino — Rei dos judeus.

Ao divisarem as torres de Jerusalem, no meio dos serros escaldados que rodeiam a cidade sancta, volveram os olhos á abobada celeste e sentiram a falta da milagrosa estrella, fiel companheira de todos os seus passos até ali.

Sentindo elles o desaparecimento da estrella que os guiava, julgaram ter chegado

ao termo da viagem, isto é, no lugar desejado, onde nasceu o Menino-Rei.

Sem escrúpulo perguntavam a todos onde havia nascido o Menino.

Approximaram-se á capital da Judéa, persuadidos do encontra-la cheia de jubilo e contentamento, e acharem facilmente quem os conduzisse até o berço da Criança.

Van esperança!

Em lugar de verem as ruas juncadas de flores, e de ouvirem os sons festivos dos côros e das harpas dos hebreus, encontraram Jerusalem melancholica, e o seu povo somente entregue á cobiça dos negocios, afim de accumularem riquezas para passarem regaladamente com suas familias, e nem um signal de alegria ou de contentamento divisaram nelle!

Outros, que não os magos, voltariam; mas o ardor da fé os fez seguir sua marcha.

«Despresando o perigo, e seguros da protecção do Senhor, que os trouxera de tão longe, percorriam a cidade, e, perante os sicarios do usurpador idumen, perguntavam sem receio:—*Aonde está o Rei dos judeus recém-nascido?*»

«Depositarios das prophcias de Jacob e Daniel, os judeus não duvidaram que fossem chegados os tempos do Salvador, e certos do lugar em que havia de vir á luz, apontado no oraculo de Micheias, quando Herodes os interrogou acerca do que diziam os magos, respondiam sem hesitar; que Bethlem de Judá seria a patria do Messias.

«Jerusalem, do mesmo modo que o principe, ouvindo os sabios do oriente, que perguntavam pelo Rei-Menino, mostrou assombro e inquietação; mas por diverso motivo: em Herodes era temor de cahir do throno: nos subditos eram esperanças vagas de liberdade!»

Herodes, malvado, sanguinario e de cujas mãos escorria o sangue de sua esposa e de seus proprios filhos, pediu aos magos, que quando voltassem, viessem aonde elle estava para dizer-lhe si de facto tinham encontrado o menino, afim d'elle tambem o ir adorar.

O animo cruel e sanguinario de Herodes não socegou mais, desde a chegada dos magos.

Descuidados os magos das barbaras intenções em que deixavam o idumeu, sahiram da corte, e apenas transpuzeram as portas reapareceu a estrella. O astro foi sempre adiante, durante as duas legoas que mediam de Jerusalem da cidade de David; parou junto da lapa em que estava o Salvador, e pareceu dizer-lhe em uma linguagem muda:—*Aqui achareis o recém-nascido que procurais.*

Sem os deter a humildade do lugar, en-

traram e adoraram, fazendo-lhes suas offeras, cheios de fé.

Sahiram, e a estrella os guiou por outro caminho, de maneira a não passar por onde estava Herodes!

Assustado Herodes por semelhante noticia, mandou matar as creanças de dois annos para baixo, certo de que no meio dellas morreria o Salvador.

Enganou-se! O enviado do Senhor avisou á S. José que fugisse com o Menino e sua Santissima Mãe para o Egypto, onde viveu Jesus até quasi a idade de trinta annos.

Tenho dito!

—Si pelos domingos se tiram os dias santos, este anno não é de bom agouro.

No dia de anno bom, deram-se desgraças, conflictos e successos desagradaveis.

—V. que sabe, diga.

—Na ladeira da Misericordia houve incendio, que causou graves prejuizos a laboriosos paes de familia.

—O que torna-se assustador é que, dizem, para tão fatal acontecimento, concorreu a nefanda mão da perversidade.

—As rodas de um wagon esmagaram um homem, na linha do Bomfim. Teve a imprudencia de saltar em frente do carro.

—Que fatal destino!

—Na Cruz do Cosme, o subdelegado, indo dispersar um ajuntamento, levou cassuletas.

—Safal

—Em Itapagipe, dizem, afogou-se um homem.

Na Armação, um individuo comeu jaca, tomou leite e bebeu caxaca ao mesmo tempo. É' escusado dizer que passou para melhor vida. Já na vespera, um outro, acabando o trabalho, lançou-se no Jaguaripe com o corpo agitado e sahiu carregado em uma rede.

—Horas de pouca reflexão.

—Houve uma funcção de estrangeiros da banda da Victoria, em que se deu murradas e deslocaram-se braços.

—Foi o gin desenvolvendo-se.

—Na Boa-Viagem, um soldado de policia, de nome Barros, tomou fóra da conta; deu refadas e feriu o povo.

—Está o que não admira.

—Para um principio de anno é mau presagio; além do mais que eu não sei.

—Cale-se, que V. é um visionario; Deus fará o que for mais acertado.

—Quer ouvir uma cousa que vou dizer?

—Diga lá.

—No hospital dos Lazaros não ha vigilancia, não ha cautela.

—Quem lhe disse?
—Os doentes sabem á noite e passeiam na cidade.

—Ora, historias!

—Affirmo, porque sei de cadeira.

—De dia, já ouvi dizer que um vinha até os arcos comprar; de noite, não.

—Eu sei de um que costuma vir á casa da familia, ahi passa noites e retira-se de madrugada.

É assim como sabe esse, que eu sei, é provavel que outros o imitem.

—Pode-se saber qual é?

—Porque não pode-se? E' um menino de nome Francisco; vem muitas noites, á casa da familia e ahi dorme.

—Está o que eu não sabia!

Assim, é claro, ha deleixo patente.

—De certo; eu não gosto de apparencias.

Ou deixem os morpheticos andar á vontade no meio da população, ou então, si ha perigo, observem á risca as prescripções.

—Veja a garantia que tem a casa do cidadão:

Na noite de Natal, uma familia, moradora á Madragoa, freguezia da Penha, fô ouvir missa em Itacaranha; quando voltou, achou as portas de sua casa arrombadas, e toda roupa, joias; dinheiro roubados e os ladrões haviam levado tudo e deixado a casa vazia!

—Si aqui dentro da cidade, nas barbas da policia, roubam-se casas, toca-se fogo e ficam impunes os mal-feitores, quanto mais lá na Madragoa, lugar retirado das garras d'ella!

—Eu só sei dizer que esta terra vae as mil maravilhas!

—No domingo, ás 8 horas da noite, apitavam, para os lados do becco dos Barbeiros, freguezia de S. Pedro.

—Algum barulho, não?

—Disseram-me que era o dono da casa que apitava, chamando a policia, por que presenciou ladrões em cima do telhado, os quaes suppunham não haver ninguem dentro!

—E a policia compareceu ao lugar?

—Compareceu depois de muito apitar, e quando, segundo dizem, ja os ladrões tinham-se posto ao fresco!

—Que terra! Cada um que não cuide em guardar sua casa e espere pela vigilancia da policia!

—Está um homem em risco de vida, e os causadores de sua morte passeiando á luz do sol!

—Quem é elle?

—O saveirista Gustavo Joaquim Moreira Guerra.

—Um homem que espancaram no armazem do Ramos?

—Em que deram para matar; esse mesmo.

—Corre perigo então?

—Grave.

O chefe de policia foi á casa do paciente e viu o estado em que se acha.

—Os delinquentes estão presos?

—Não.

—E essa! . . .

Haverá contemplação?

—Talvez; a posição tambem influe.

—E si o homem morrer?

—Está morto.

—E o cumprimento da lei?

—Fica por isso mesmo.

—Oh justiça da terra!

Como te fazes surda aos clamores da oppressão!

Como reverente te dobras perante os accenos do potentado!

Tão inflexivel que és com a fraqueza, tão amoldavel que te mostras com o poderio!

—A companhia de Vehiculos prometteu uma cousa e está fazendo outra.

—Como assim?

—As partidas dos carros são feitas irregularmente; as diligencias esbarram-se e o publico é encommodado.

—Mau vae isso.

—Ha deferencias mal entendidas; para certas pessoas faz-se excepção; os carros param antes dos pontos determinados.

—E sem fora de proposito.

—Sexta-feira, a diligencia das 10 horas parou na Cascada para desembarcar uma facreira creoula, somente porque essa desfructa o sbens da fortuna.

—Nessas empresas, o que mais acredita é a pontualidade; faltando ella, adeus minhas encomendas!

—Nesse dia mesmo, sahio da cidade um carro, fora das horas; e teve de encontrar com o que vinha do Bomfim; foi preciso baldear os passageiros; o caixeiro apressou se em dar o signal de partida e metade da gente ficou de fora.

—Si a companhia não se mostrar mais exacta, agora que a concorrência vae em augmento com a proximidade das festas; haremos de ver muitas complicancias.

—Tambem é preciso prevenir a impericia dos boleiros para evitar desarranjos como o que se deu na quinta-feira.

—Tenho ouvido dizer que, si as providencias fossem mais acertadas, o incendio na la-deira da Misericordia sa-

—Estou por isso.

—As casas ardião e ninguém apparecia; algumas mulheres é que despejavam bacias d'agua.*

Quando as egrejas deram signal, as chamas haviam devorado mais de metade.

—E' costume.

—As bombas, além de bombeadas, não achavam agua.

—Foi pena que a companhia dos aguadeiros do Sr. Dr. Rocha não estivesse organizada para mostrar.

—Não sei o que esperam!

Os incendios repetem-se espantosamente e ninguém se lembra ao menos de arremedar um serviço de incendio, até que um dia a cousa nos seja bem fatal.

—A gente desta terra é peor que urubú; estes ao menos na occasião da chuva se lembram que devem fazer ninho.

—Não me dirá onde está a virtude dessas mulheres que se chamam irmãs de charidade?

—Nas obras de piedade que praticam.

—Deitando para fora do hospital os desgraçados doudos, sem compaixão, não é isso?

—Agora o que quer V.?

A mesa da Santa Casa não annunciou que não se recebia mais doudos, por falta de commodos?

—Deixar de receber é uma cousa; e expulсар deshumanamente os que estão, é outro differente,

—Tem razão de sobra.

—Outro dia, enxtaraz para a ~~um~~ ~~desgraçados, no dia~~ ~~26~~ do passado, expulsaram uma creança, a qual ficou todo santo dia ao rigor do sol, deitada em um chareo, no Terreiro, até que, ás 5 horas, um policial o levou para o destacamento.

—Não por deliberação sua, acrescento, mas por que alguem o instigou a isso.

—E' bom que V. saiba.

Nesta semana foi uma pobre mulher lançada no meio da rua.

—O que se devia fazer com ellas, estão ellas fazendo com os miserandos doudos.

—Os doudos são recolhidos para evitar desatinos, que praticam, pela cegueira da razão; ellas se incumbem de espalha-los pelas ruas!

—E' até onde pode chegar a malvadeza!

—Para aonde irão os desgraçados atirados tão cruelmente ao meio da rua?

—Não se satisfizeram com o grande numero de virgens brasileiras, que obrigaram a prostituir e andam ali despojadas do que lhes pertencia, por ~~e~~ ~~dellas~~; ainda querem

do entendimento, um mingado abrigo que a charidade publica lhes outorgou.

—Feras humanas! só tratam de enriquecer.

—E' o povo, cego, não attende a isso!

—Desgraça das desgraças...

As pobres recolhidas, para quem foi instituida a Santa Casa, foram tangidas brusca-mente para fora della, e se lhes mandou dar oito mil reis por MEZ para comer. e esses mesmos chorados oito mil réis foram pouco depois arrancados a uma por uma, á pretexto de que as infelizes não procediam bem.

—Passar com 8\$ rs!... que irrisão!...

—As irmãs de charidade tem trez mil reis diarios, a superiora seis, além de todos os commodos e facilidades da vida, bebem do melhor vinho, passam uma vida regalada, não propria de mulheres segregadas das illusões do mundo, saboream opipara meza. As apparencias da simplicidade que affectam no rosto é estudada hypocrisia.

Deram-lhes um sobrado nas Portas do Carmo, fez-se enorme despeza para deitar abaixo uma grossa parede do hospital e abrir communição para o sobrado.

—Sobrado mysterioso; por alli entra o que não convém que se veja...

—No tempo em que o hospital era administrado por um nacional, tinha este 150\$ rs. por mez; os enfermeiros 35\$ rs. e os serventes eram gratis, por serem pretos da nação, a quem se dava apenas comida e roupa. Serviam de enfermeiras as mulheres dos enfermeiros e ganhavam 30\$ rs. com que ajudavam seus maridos.

Gastava-se menos e os enfermos não tragavam as provações e calamidades por que hoje passam.

—Ao passo que a Santa Casa esbanja á mãos largas com essas parasitas, não tem para pagar em dia a pobres empregados que precisam. As vezes accumulam dous mezes.

—E dizem que está toda endividada.

Só de pão ouvi dizer que devia uma centena de contos que parece incrível.

A um capitalista, consta, deve cento e tantos contos a juros de oito por cento ao anno.

—E os desgraçados doentes morrem á mingoa; soffrem fome e sede; alimentam-se com comida, egual a que muita gente dá a seus cães, bebem cha de folhas seccadas tres e quatro vezes ao sol!...

VARIÉDADES

O pai deve ser como o pombo, que ajuda a sua companheira a crear os filhos; mas não deve ser como o pombo, que se deixa ficar no ninho como si fosse ama de leite.

